Parnaso Lusitano

OU

Poesias Selectas.

Parnaso Lusitano

OU

Poesias Selectas

DOS

AUCTORES PORTUGUEZES ANTIGOS E MODERNOS,

ILLUSTRADAS COM NOTAS.

PRECEDIDO
DE UMA HISTORIA ABREVIADA DA LINGUA
E POESIA PORTUGUEZA.

TOMO III.

PARIS,

EM CASA DE J. P. AILLAUD,
QUAI VOLTAIRA, Nº 11.

M DCCC XXVII.

PARNASO LUSITANO.

Epigrammaticos.

SONETOS.

O sol é grande, caiem co' a calma as aves,
Do tempo, em tal sazão, que soe ser fria:
Ésta agua, que d'alto cai, acordar-me-hia,
Do somno não, mas de cuidados graves.
Ó cousas todas vans, todas mudaves, *
Qual é o coração, que em vós confia?
Passando um dia vai, passa outro dia,
Incertos todos mais que ao vento as naves!**
Eu vi ja per aqui sombras e flores,
Vi aguas, e vi fontes, vi verdura;
As aves vi cantar todas d'amores.
Mudo e sêcco é ja tudo; e de mistura,
Tambem fazendo-me eu fui d'outras cores;
E tudo o mais renova, isto é sem cura.

SÁ DE MIRANDA.

* Mudaveis. ** Naus.

SONETOS.

Vendo do forte Heitor a desditosa
Esposa, como Troia em fogo ardia,
De que per toda parte reluzia
A greciana espada victoriosa;
Um filho so, que tinha, receiosa
Que tenra idade não lhe valeria,
No sepulcro do pae o escondia,
Dizendo éstas palavras lastimosa:
«Ó filho da minh' alma entristecida,
Primeiro que nas mãos imigàs caias,
Te quero aventurar nas da ventura!
Ella ordenará (se larga vida
Promettido te tem) que d'aqui saias;
E se não, ja tens certa a sepultura.»

✤✤✤✤✤✤✤

Leandro em noite escura indo rompen
As altas ondas, d'ellas rodeiado
No meio d'Hellesponto, ja cançado,
E o fogo ja na torre morto vendo;
E vendo cada vez ir mais crescend
O bravo vento, e o mar mais levant
De suas fôrças ja desconfiado,
Os rogos quiz provar, não lhe val

«Ai ondas! (suspirando começou: »)
Mas d'ellas, sem lhe mais alento dar,
A falla contrastada, atrás tornou.
«Ai ondas! (outra vez diz) vento, mar,
Não me afogueis, vos rogo, em quanto vou;
Afogae-me depois quando tornar.»

BERNARDES.

SONETOS.*

Todo animal da calma repousava,
So Liso o ardor d'ella não sentia;
Que o repouso do fogo, em que elle ardia,
Consistia na nympha que buscava.
Os montes parecia que abalava

* A imaginação de Camões foi fertilissima em sonetos: é notavel e digna de admiração a quantidade dos excellentes e perfeitos, alèm dos muitos bons, que produziu. A maior parte d'elles são amorosos, cheios de graça e delicadeza, ou de uma viva paixão; outros exprimem uma profunda melancholia. Em geral, nenhum poeta soube melhor conhecer e desempenhar o character d'este pequeno poema; nenhum principalmente teve mais do que elle o dom de imprimir a sua sensibilidade nos versos que saíram de seu coração, e que ainda hoje movem profundamente em nós uma terna sympathia.

J. M. DE SOUZA, *Vida de Camões.*

O triste som das mágoas que dizia;
Mas nada o duro peito commovia,
Que na vontade de outro pôsto estava.
  Cançado ja de andar pela espessura,
No tronco de uma faia, por lembrança,
Escreve éstas palavras de tristeza:
  — *Nunca ponha ninguem sua esperança*
Em peito feminil; que de natura
Somente em ser mudavel tem firmeza. —

****

  Alma minha gentil, que te partiste
Tam cedo d'ésta vida descontente;
Repousa la no ceo eternamente,
E viva eu ca na terra sempre triste.
  Se la no assento ethereo, onde subiste,
Memória d'ésta vida se consente,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente,
Que ja nos olhos meus tam puro viste.
  E se vires que póde merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remedio, de perder-te;
  Roga a Deus que teus annos encurtou,
Que tam cedo de ca me leve a ver-te,
Quam cedo de meus olhos te levou.

****

  Está-se a primavera trasladando
Em vossa vista deleitosa e honesta;

Nas bellas faces e na boca e testa,
Cecens, rosas e cravos debuxando.
  De sorte, vosso gesto matizando,
Natura, quanto póde, manifesta;
Que o monte, o campo, o rio e a floresta
Se estão de vós, senhora, namorando.
  Se agora não quereis que quem vos ama
Possa colhêr o fructo d'éstas flores,
Perderão toda a graça os vossos olhòs:
  Porque pouco aproveita, linda dama,
Que semeiasse o amor em vós amores,
Se vossa condição produze abrolhos.

✦✦✦✦✦✦✦

  Quando o sol encuberto vai mostrando
Ao mundo a luz quieta e duvidosa,
Ao longo d'uma praia deleitosa,
Vou na minha inimiga imaginando.
  Aqui a vi os cabellos concertando;
Alli co'a mão na face tam formosa;
Aqui fallando, alegre, alli cuidosa;
Agora estando quêda, agora andando.
  Aqui steve sentada, alli me viu,
Erguendo aquelles olhos tam isentos;
Commovida aqui um pouco, alli segura.
  Aqui se entristeceu, alli se riu;
E emfim n'estes cançados pensamentos
Passo ésta vida van, que sempre dura.

✦✦✦✦✦✦✦

Ondados fios de ouro reluzente,
Que agora da mão bella recolhidos,
Agora sôbre as rosas esparzidos
Fazeis que a sua graça se accrescente:
Olhos, que vos moveis tam docemente
Em mil divinos raios incendidos,
Se de ca me levais a alma e sentidos,
Que fôra, se eu de vós não fôra ausente!
Honesto riso, que entre a mor fineza
De perlas e coraes nasce e apparece;
Oh quem seus doces echos ja lhe ouvisse!
Se imaginando so tanta belleza,
De si, com nova glória, a alma se esquece,
Que fará quando a vir? Ah quen a visse!

✦✦✦✦✦✦✦

No regaço da mãe Amor estava,
Dormindo tam formoso, que movia
O coração que mais isento o via,
E a sua propria mãe de amor matava.
Ella c'os olhos n'elle contemplava
A quanto estrago o mundo reduzia;
Elle porêm, sonhando, lhe dizia
« Que todo aquelle mal ella o causava. »
Soliso, que graduado em seus amores,
De saber de ambos mais teve a ventura,
Assi soltou a dúvida aos pastores:
« Se bem me ferem sempre sem ter cura
Do menino os ardentes passadores,

Mais me fere da mãe a formosura. »

****

Está o lascivo e doce passarinho
Com o biquinho as pennas ordenando;
O verso sem medida, alegre e brando,
Despedindo no rustico raminho.
O cruel caçador, que do caminho
Se vem callado e manso desviando,
Com prompta vista a setta endireitando,
Lhe dá no estygio lago eterno ninho.
D'ésta arte o coração, que livre andava,
(Postoque ja de longe destinado)
Onde menos temia, foi ferido:
Porque o frecheiro cego me esperava
Para que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.

****

Um mover d'olhos brando e piedoso,
Sem ver de que; um riso brando e honesto,
Quasi forçado; um doce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso:
Um despejo quieto e vergonhoso;
Um reposo gravissimo e modesto;
Uma pura bondade, manifesto
Indicio da alma, limpo e gracioso:
Um encolhido ousar; uma brandura,
Um médo sem ter culpa; um ar sereno;

Um longo e obediente soffrimento:
 Ésta foi a celeste fermosura
Da minha Circe, e o magico veneno
Que póde transformar meu pensamento.

✦✦✦✦✦✦✦

Apartava-se Nise de Moltano,
Em cuja alma, partindo-se, ficava;
Que o pastor na memoria a debuxava,
Por podêr sustentar-se d'este engano.
 Per uma praia do índico Oceano
Sôbre o curvo cajado se encostava,
E os olhos pelas aguas alongava,
Que pouco se doíam de seu dano.
 « Pois com tamanha mágoa e saúdade,
(Dizia) quiz deixar-me a que eu adoro,
Por testimunhas tómo o ceo e estrellas:
 Mas se em vós, ondas, mora piedade,
Levae tambem as lagrymas que choro,
Pois assi me levais a causa d'ellas. »

✦✦✦✦✦✦✦

Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que doe e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;
 É um não querer mais que bem querer;
É solitario andar per entre a gente;
É um não contentar-se de contente;

E cuidar que so ganha em se perder:
É um estar-se prêso por vontade;
É servir a quem vence o vencedor;
É um ter, com quem nos mata, lealdade.
Mas como causar póde o seu favor
Nos mortaes corações conformidade,
Sendo a si tam contrário o mesmo amor?

✦✦✦✦✦✦✦

Brandas aguas do Tejo, que passando
Per estes verdes campos que regaes,
Plantas, hervas, e flôres, e animaes,
Pastores, nymphas, ides alegrando:
Não sei (ah doces aguas!) não sei quando
Vos tornarei a vêr; que mágoas taes
Vendo como vos deixo, me causaes,
Que de tornar ja vou desconfiando.
Ordenou o destino, desejoso
De converter meus gostos em pezares,
Partida que me vai custando tanto.
Saúdoso de vós, d'elle queixoso,
Encherei de suspiros outros ares,
Turbarei outras aguas com meu pranto.

✦✦✦✦✦✦✦

Na margem de um rebeiro, que fendia
Com líquido crystal um verde prado,
O triste pastor Liso debruçado
Sôbre o tronco de um freixo assi dizia:

« Ah Natercia cruel! quem te desvia
Esse cuidado teu de meu cuidado?
Se tanto hei de penar desenganado,
Enganado de ti viver queria.
Que foi d'aquella fe que tu me deste?
D'aquelle puro amor que me mostraste?
Quem tudo trocar póde tam asinha?
Quando esses olhos teus n' outro puzeste,
Como te não lembrou que me juraste
Por toda a sua luz, que eras/so minha? »

✦✦✦✦✦✦✦

Quando os olhos emprégo no passado,
De quanto passei me acho arrependido;
Vejo que tudo foi tempo perdido;
Que todo emprêgo foi mal empregado.
Sempre no mais damnoso mais cuidado;
Tudo o que mais cumpria mal cumprido;
De desenganos menos advertido
Fui, quando de esperanças, mais frustrado.
Os castellos que erguia o pensamento,
No ponto que mais altos os erguia,
Per esse chão os via n' um momento.
Que erradas contas faz a phantasia!
Pois tudo pára em morte, tudo em vento:
Triste o que espera! triste o que confia!

✦✦✦✦✦✦✦

Em uma lapa, toda tenebrosa,

Aonde bate o mar com furia brava,
Sôbre uma mão o rosto, vi que estava
Uma nympha gentil, mas cuidadosa.
  Igualmente, que linda, lastimosa,
Aljofar de seus olhos distillava:
O mar os seus furores applacava
Com ver cousa tam triste, e tam fermosa.
  Alguma vez na horribil penedia
Os bellos olhos punha com brandura,
Bastante a desfazer sua dureza.
  Com angelica voz assi dizia:
« Ah, que falta mais vezes a ventura,
Onde sobeja mais a natureza! »

****

  Qual tem a borboleta por costume,
Que elevada na luz da accesa vella,
Dando vai voltas mil, até que n'ella
Se queima agora, agora se consume;
  Tal eu correndo vou ao vivo lume
D'esses olhos gentis, Aonia bella;
E abrazo-me, por mais que com cautella
Livrar-me a parte racional presume.
  Conheço o muito a que se atreve a vista;
O quanto se levanta o pensamento;
O como vou morrendo claramente:
  Porêm não quer amor que lhe resista,
Nem a minha alma o quer; que em tal tormento,
Qual em glória maior, está contente.

CAMÕES.

SONETOS.

Nize! Nize! onde stás? Aonde espera
Achar-te uma alma que por ti suspira,
Se quanto a vista se dilata e gira,
Tanto mais de encôntrár-te desespera!
Ah, se ao menos teu nome ouvir podera
Entre ésta aura suave que respira!
Nize, cuido que diz; mas é mentira:
Nize, cuidei que ouvia; e tal não era.
Gruttas, troncos, penhascos da espessura,
Se meu bem, se a minh' alma em vós se esconde,
Mostrae, mostrae-me a sua formosura.
Nem ao menos o echo me responde!
Ah, como é certa a minha desventura!
Nize! Nize! onde estás? aonde, aonde?

****

Breves horas, Amor, ha que eu gozava
A glória que minh' alma appetecia;
E sem desconfiar da aleivosia,
Teu lisongeiro obséquio acreditava.
Eu so á minha dita me igualava;
Pois assim avultava, assim crecia;
Que nas scenas, que então me offerecia,
O maior gôsto, o maior bem lograva.
Fugiu, faltou-me o bem: ja descomposta

Da vaidade a brilhante architectura,
Ve-se a ruina ao desengano exposta:
  Que ligeira acabou, que mal segura!
Mas que venho a estranhar, se estava posta
Minha esperança em mãos da formosura!

CLAUDIO MANUEL DA COSTA.

SONETOS.

  Aquelle gesto que em teus olhos via
De amorosa piedade e doce agrado,
Ja não está n'aquelle mesmo estado,
N'aquelle puro extremo de algum dia!
  Não sei que vejo em ti, que n'uma fria
Incerteza desmaia o meu cuidado:
Parece que em teu rosto retratado
Vejo quanto receia a phantasia.
  Não sei como, cruel, menos amante
Se me figura o teu rosto formoso,
Que em mil receios ando vacillante.
  O coração palpita duvidoso;
E so dizer-te sei que o teu semblante
Não era assim em quanto eu fui ditoso.

\+\+\+\+\+\+\+

  N'ésta praia algum dia me esperava
A formosa Tircea c'os Amores,

E as conchinhas pintadas de mil cores
Para ornar-me o surrão colhendo andava;
Mas eu, que so por vê-la então deixava
O gado exposto aos lobos roubadores,
Do prado lhe trazia as bellas flores,
Com que os louros cabellos concertava.
Oh que mimos Amor me concedia!
Mas ja me não espera aqui Tircea,
Antes foge de mim: quem tal diria!
So eu deixo o rebanho, e me recrea
Inda vir pola glória de algum dia,
D'ésta praia beijar a nua area.

DOMINGOS DOS REIS QUITA.

SONETOS. *

Ja se vai das estrellas apagando
A scintillante luz; e a roixa aurora,
Das aves despertando a voz canora,
Que alegre no Oriente vem raiando!
Do horisonte o clarão annunciando

* . . . *De ce poëme il*[1] *bannit la licence;*
Lui-même en mesura le nombre et la cadence;

[1] Apollon.

Do sol a nova vinda as nuvens cora,
Que em orvalho desfeitas vão agora
As viçosas hervinhas prateando.
Vem, graciosa manhan, e a sombra fria
Ligeira desfazendo, vem de Elpino
Encher o triste peito de alegria:
Pois hoje, apezar de seu destino,
Outro mais bello sol que lhe encubria
Verá de uns olhos no fulgor divino.

****

Aqui entre éstas árvores viçosas
As redes armarei: tu, Vincio, emtanto
Bate a selva, e fugindo com espanto
Ás aves n'ellas dar verás medrosas.
Aves, que pelas matas mais frondosas
Sois, de quem vos escuta, doce incanto,
Vinde ás redes, deixae o alegre canto,
E de Jonia sereis, aves ditosas.
Ah! vinde, aves deixae o bosque espesso
La soltareis o canto lisongeiro

Défendit qu'un vers faible y pût jamais entrer,
Ni qu'un vers déjà mis osât s'y remontrer:
Du reste il l'enrichit d'une beauté suprême.
Un sonnet sans défaut vaut seul un long poëme.

Éstas rigorosas leis, promulgadas per Boileau, não obstaram a Diniz de compor tres centurias de sonetos; mas, infelizmente, em tam prodigiosa quantidade apenas achámos estes um pouco toleraveis.

Os laços não temais que aqui vos teço:
Ser, qual eu, não temais seu prisioneiro;
Pois indaque o ser livre não tem preço,
Tambem preço não tem seu captiveiro.

****

Da bella mae perdido Amor errava
Pelos campos que corta o Tejo brando,
E a todos quantos via suspirando
Sem descanço por ella procurava.
Os farpões lhe caíam da aurea aljava;
Mas elle de arco e settas não curando,
Mil glórias promettia, soluçando,
A quem á deusa o leve, que buscava.
Quando Jonia, que alli seu gado pasce,
Enxugando-lhe as lagrymas que chora,
A Venus lhe mostrar, leda, se offrece:
Mas Amor dando um vôo á linda face
Beijando-a lhe tornou :« Gentil pastora,
Quem os teus olhos ve, Venus esquece.»

****

Aqui sentado n'este molle assento,
Que formam as hervinhas d'este prado,
Em quanto a verde relva pasce o gado,
Quero ver se divirto o meu tormento.
Que fresca a tarde está! que brando o vento
Move as aguas do rio socegado!
E como n'este choupo levantado

Se queixa a triste rôla em doce accento!
  As flôres com suavissima fragancia,
As aves com docissima harmonia,
Mais leda fazem ésta fresca estancia:
  Mas nada os meus pezares allivia;
Que da minha saudade a cruel ância
Me não deixa um instante de alegria.

****

  Vem a noite sombria, e revolvendo
O longo açoite, que á carreira accende
As fuscas eguas, sôbre a terra estende,
De sombras carregado, o manto horrendo:
  Vem; e as brandas papoilas espremendo,
Em lethargico somno os mortaes prende;
Que a minha bella Aglaia hoje me attende,
A meu amor mil glórias promettendo.
  Se ás minhas vozes dás benigno ouvido,
Encubrindo com teu escuro manto
Os suaves delirios de amor cego;
  Immolar-te prometto, agradecido,
Um negro gallo, que em contínuo canto
Se atreve a perturbar o teu socego.

****

  Em quanto Amphriso seu jardim regava
Per entre as murtas viu o deus menino,
Que a seu prazer, saltando de malino,
As mais formosas flôres lhe pizava.

Então Amphriso o regador largava,
E para o castigar corre sem tino;
Mas Amor mais travêsso, e mais ladino,
Ca e la, entre os ramos, se furtava:
Cançado de o seguir Amphriso irado
Freme, ameaça-o, diz-lhe mil injurias,
Promette, se o apanhar, crua vingança:
Mas Amor com semblante socegado,
« Socega Amphriso (diz), deixa as vans furias;
Que amor com ameaças não se alcança. »

✦✦✦✦✦✦✦

Qual pelas fraldas corre do Parnaso
Com seus nitridos atroando o monte
O fero bruto que brotar a fonte
A coices fez, por outra, o bom Pegaso:
Tal da Castalia pelo campo raso
Correste meu F.... novo Etonte;
Por isso se te enrosca hoje na fronte
A planta, de que o sol faz tanto caso.
Ella pois te esporeie á gran' carreira;
E a par d'elle em corcovos, upas, pinchos,
Trepa do Pindo a cima derradeira:
Que Thalia, que ouviu teus roucos guinchos,
Predizendo-te está, fausta agoureira,
Que mais, que os d'elle, soarão teus rinchos.

Diniz.

SONETOS.

Comigo minha mãe brincando um dia,
A namorar c'os olhos me ensinava;
Mas Amor, que em seus olhos me esperava,
Com mil brilhantes farpas me feria.
De quando em quando mais formosa ria;
Porque incapaz do ensino me julgava;
Porêm tanto a lição me aproveitava,
Que suspirar por ella ja sabia.
Em poucas horas aprendi a amá-la:
Ditoso se tal arte não soubera,
Não me custára a vida não lográ-la!
Certo, que aprender menos melhor era;
Pois não soubera agora desejá-la,
Nem de tam louco amor enlouquecera!

****

Era alta a noite, a lua prateada
Ja no sereno ceo resplandecia;
E a corrente do Tejo parecia
De ferventes estrellas marchetada.
Então Canidia bella, destoucada,
Descalço o lindo pe, philtros urdia
Emtórno de uma lousa, que se abria
De medonhos espectros rodeiada.

Regougavam no cume dos outeiros,
Esfaimadas raposas, na floresta
Lhe respondiam mochos agoureiros.
Brama Canidia; e os lémures ligeiros
Unhar mandou do bom Delphim* na testa,
De finado cabello alguns milheiros.

+++++++

N'uma galé mourisca aferrolhado,
Ao som do rouco vento que zunia,
Sôbre o remo, cruzando as mãos, dormia,
O lasso Corydon, pobre forçado.
Em agradaveis sonhos engolphado,
Cuidava o triste que o grilhão rompia,
E que entre as ondas Lilia branda via
Talhar c'o branco peito o mar salgado:
De vê-la, e de abraçá-la cubiçoso
Estremeceu, tentando levantar-se,
E os fuzis da cadeia retiníram:
Acordou ao motim; e pezaroso,
Querendo á rude chusma lamentar-se,
So mil suspiros, so mil ais lhe ouvíram.

+++++++

Cujos Brontes estão arregaçados
Batendo o rubro ferro, e retinindo
Os rijos malhos, vão se ar subindo

* Antonio Delphim amigo do auctor.

Estellantes coriscos enrolados:
  Ao fuzilar dos golpes, pendurados
Apparecem mil elmos reluzindo;
Na forja a labareda está zunindo
Impellida dos folles engelhados:
  Crystallino suor alaga a testa
Do coxo mestre; a calma da officina
Á fresca viração as azas cresta.
  Forjavam uma setta colubrina;
Eis entra Amor, e «diz-lhes, que não presta
Á vista dos bens olhos de Corina.»

GARÇÃO.

SONETOS.

  Não me dirão, senhores, que façanha
Obrou de Macedonia o gran' portento *,
Em matar um soldado sonorento,
Porque sem vigiar no campo o apanha?
  No sangue do coitado a espada banha,
Como um cação o deixa n'um momento!
Mortes d'éstas faria mais de um cento,
Se com os Persas usara de tal manha.
  O peior é, que o padre-presidente

* Alexandre magno.

Ésta acção vil por ínclyta apregoa,
Affirmando, que foi de um braço forte:
Se matar a quem dorme é ser valente,
Todos mui bem sabemos, que em Lisboa
Ha muitos Alexandres d'ésta sorte.

✦✦✦✦✦✦✦

Digno monarcha * de immortaes historias,
Primeiro no louvor, bemque segundo
No augusto nome, que ennobrece o mundo
De famosos brazões, d' illustres glorias.
Livro escreveis das ínclytas memorias
Dos vassallos fieis, saber profundo;
Pois nas lettras lhes dais nome fecundo,
Dando-vos elles fama nas victorias.
Se para dar-lhes prémio merecido
Das acções generosas que fizeram
Eternizais seus nomes na escritura:
Liberalmente tendes dispendido;
Pois na vossa memoria receberam
Anticipado o prémio na ventura.

✦✦✦✦✦✦✦

Soccorro ao quarto Afonso lusitano
O castelhano rei medroso pede
Contra o torpe furor de Mafamede,
Que conjurado ve para seu dano.

* El-rei D. João. II.

O magnanimo Afonso soberano
Que em prudencia e valor a ninguem cede,
Não somente o subsidio lhe concede,
Mas contra o podêr vai do Mauritano.
Porêm o castelhano arrependido,
Ou ja desconfiado da victória,
Da guerra a furia teme denodada.
« Isso não, (diz Afonso apercebido)
Que eu venho a conseguir immortal glória,
Para o que basta so tirar a espada. »

José de Souza.

SONETOS.*

N'um valle de boninas matizado
Chorar pretende Anarda eternamente;
E qual manhan saudosa e refulgente,

* A pouca ou nenhuma lição que J. X. teve dos exemplares grégos e latinos, e até mesmo dos nossos, fez que (assim nos sonetos, como nas outras composições suas) reine pouca variedade, escolha e interesse. O estylo d'este poeta é prosaico, monótono, e a dicção pobre de elegancias e metaphoras. J. X. so era dotado de uma *corrente veia;* faltava-lhe aquelle atecismo classico, aquelle puro gôsto, aquelle estro, e alfim aquella erudição vastissima, tam urgente ao verdadeiro poeta.

O campo deixa em lagrymas banhado:
Da triste semrazão do seu cuidado
Deve aquella campina estar contente;
Pois lucra, em quanto Anarda tem presente,
Que lhe engrosse a corrente, e orvalhe o prado:
Com ella brilha mais a verde esphera;
Porque quando suspira, e quando chora,
A flor se alenta, o rio se prospera:
Pois peça o campo alviçaras a Flora,
Que será permanente a Primavera,
Onde estão sempre as lagrymas da Aurora.

\+\+\+\+\+\+\+

Se eu me víra n'um bosque, onde não desse
Signal, vestigio humano de habitado,
De verdenegras ramas tam fechado,
Que ainda alli de dia anoitecesse:
Se então la de uma balsa ao longe houvesse
Gemendo um mocho, e tudo o mais calado:
So d'entre alguns rochedos pendurado
Com som medonho, um rio alli corresse:
Emfim n'um lugar tal, onde os meus dias
Consumindo se fossem na certeza
De não tornarem mais as alegrias;
Faminta ainda a triste natureza,
Cercada alli de tantas agonias,
Nem então se fartara de tristeza.

\+\+\+\+\+\+\+

Poz-se o sol; como ja na sombra feia,
Do dia pouco a pouco a luz desmaia!
E a parda mão da noite, antes que caia,
De grossas nuvens todo o ar semeia!
Apenas ja diviso a minha aldeia;
Ja do cypreste não distingo a faia:
Tudo em silencio está : so la na praia
Se ouvem quebrar as ondas pela areia.
Co' a mão na face a vista ao ceo levanto,
E cheio de mortal melancholia,
Nos tristes olhos mal sustenho o pranto:
E se inda algum allívio ter podia,
Era ver ésta noite durar tanto,
Que nunca mais amanhecesse o dia.

+++++++

Não foi, Marilia, a tua formosura
Quem me prendeu a sôlta liberdade,
Outras são as cadeias, que a vontade
Beija por gôsto, arrasta por ventura.
O fragil dom de uma gentil figura
Voa nas azas da primeira idade,
E da pulida mão da enfermidade
O mais ligeiro toque a desfigura.
Teu grande coração, tua alma grata,
Teu claro esprito, de virtudes cheio,
Desprezador de todo o ouro e prata,
É so a formosura, em que me enleio;

Que ésta, quando do corpo se desata,
Para o ceo torna a ir, de donde veio.

J. XAVIER DE MATOS.

SONETO.

A quelle *tu*, e *vós*, quando algum dia
Havia em Portugal sinceridade,
Acabou, começando a nossa idade
A dar a uma *mercé* a primazia.
Depois foi-se exaltando a fidalguia,
E entrou tambem na plebe essa vaidade;
E tomando a *mercé* de propriedade
A nobreza subiu á *senhoria.*
Não parou inda aqui tanta loucura;
Porque vai ja querendo uma *excellencia*,
Quem tinha a *senhoria* por ventura.
Mas sabeis o que causa ésta demencia?
Faz que os críticos vão á sepultura
Fazer-lhe anatomia na ascendencia.

PAULINO CABRAL.

SONETOS.

Em escura botica encantoados,
Ao som de grossa chuva que caía,

Passavam de janeiro um triste dia
Dous ginjas no gamão encarniçados;
« Corra, vizinho, corra-me esses dados, »
Gritava um d'elles que nem boia via;
De sangue frio o outro lhe dizia
Mil anexins n'aquelle jôgo usados;
Dés vezes falha o misero antiquario;
E ardendo em furia o tremulo velhinho,
Atira c'uma tabola ao contrario;
O mal seguro golpe erra o caminho;
Quebra a melhor garrafa ao boticario,
Que foi so quem perdeu no tal joguinho.

****

Vai, misero cavallo lazarento,
Pastar longas campinas livremente;
Não percas tempo, em quanto t'o consente
De magros cães faminto ajunctamento;
Ésta sella, teu unico ornamento,
Para signal de minha dor vehemente,
De torto prego ficará pendente,
Despojo inutil do inconstante vento:
Morre em paz; que em havendo algum dinheiro
Hei de mandar, em honra de teu nome,
Abrir em negra pedra este letreiro:
— *Aqui piedoso entulho os ossos come*
Do mais fiel, mais rapido sendeiro,
Que fôra eterno a não morrer de fome. —

****

Que sege, senhor conde? eu fiz um voto
De andar antes per mar, e mar com moiros;
É triste habitação de maus agoiros;
É um resto infeliz do terremoto;
De astuta palmatoria o bico ignoto,
Em vão fura do macho os surdos coiros;
Em vão fulmina rigidos estoiros
Do bebado arreieiro o braço roto;
A parda caixa é documento antigo;
É próva, de que os annos gastadores
De cada ponto fazem um postigo;
É sege tal, que em nada poupa dores;
Por mais que a feche, la vão ter comigo
As injúrias do tempo, e as dos credores.

✦✦✦✦✦✦✦

Chaves na mão, melena desgrenhada,
Batendo o pe na casa, a mae ordena,
Que o furtado colchão, fofo, e de pena,
A filha o ponha alli, ou a criada.
A filha, môça esbelta e aparaltada,
Lhe diz co' a doce voz que o ar serena:
— « Sumiu-se-lhe um colchão, é forte pena;
Olhe não fique a casa arruinada. »
—«Tu respondes-me assim? tu zombas d'isto?
Tu cuidas, que por ter pae embarcado,
Ja a mãe não tem mãos?» e dizendo isto,
Arremette-lhe á cara, e ao penteado;
Eis senão quando (caso nunca visto!)

Sai-lhe o colchão de dentro do toucado.

NICOLAU TOLENTINO.

SONETOS.

Ve como está sereno e deleitoso
O mar leite, gentil Marília ingrata;
Como nas aguas nítidas retrata
Os ceos ceruleos Phebo radioso!
Porêm subito inchado e procelloso
Em serras cava a crespa undosa prata,
E c'o fero aquilão bramindo trata,
A lampada apagar do sol formoso.
Cópia fiel do perfido elemento
Te contemplo, meu bem, toda brandura,
Affavel riso, e terno acolhimento.
Mas tincto de íra e de suspeita impura
Vejo o teu rosto infído n'um momento?...
Bate as azas amor, foge a doçura!

****

Com largo cinto, lugubre vestido,
Tenue vara nas mãos, e um livro annoso,
Murmurando com vulto temoroso
Á luz da ruíva Delia, vi Cupido:
Dá tres voltas, n'um circulo mettido,
E o chão c'o esquerdo pe fere raivoso:

Envesga os olhos, e anhelando ancioso
Por Hecate bradou enfurecido.
Muge a terra, e entre larvas cento e cento,
Do abysmo surge a deusa ao ceo sereno,
A quem lhe diz o deus sanguinolento :
« Deusa, que o Averno reges c'um aceno,
Á furia do ciume macilento
Entrega para sempre o triste Alfeno. »

Domingos Maximiano Tôrres.

SONETOS.

Primeiro as aves os vergeis deixando
Produzirão nas aguas do profundo;
Primeiro o peixe, em terra moribundo,
Verás os ares pelo mar trocando;
Primeiro o sol seus raios eclipsando,
Esconderá de todo a luz ao mundo;
E nos bosques o tigre furibundo
Verás c'o cordeirinho andar brincando.
Primeiro a caprichosa formosura
Deixará de ser barbara e ferina,
Revestida de placida ternura;
Do que verás Crinauro, cuja sina
Foi so de te encontrar aspera e dura,
Deixar de te querer, bella Andrelina.

Pretos longos finissimos cabelos,
Pelos quaes o fagueiro Amor so jura,
Face, em que a rosa á neve se mistura,
Uns olhos garços, por mortaes mais belos;
Collo de neve, por quem ardo em zelos,
Mãos que vencem do marmore a candura,
Coração (oh desar!) de pedra dura,
Uns thesouros de amor... quem póde velos?
Uns labios de rubi, um rir divino,
Boca, a que dão as perolas ornato,
Voz angelica, gesto peregrino:
Alma em tudo insensibil, genio ingrato,
Um corpo emfim de Jupiter so dino:
De Andrelina, gentil eis o retrato.

****

« O que é terra foi mar, o mar foi terra: »
Brada o naturalista enthusiasmado,
Porque achou berbigão petrificado,
Que alpestre monte no seu bojo encerra.
Os calculos desfaz, e bórra, e erra
Trombudo mathematico enfadado,
Regua d'aqui, compasso d'outro lado,
Do X altos segredos desenterra.
O palrador jurista d'outra banda
Citando o velho Pegas nos segura
« Que o pupilo tem jus de pôr demanda. »
Quando tal quadro a mente me figura,
Diz-me a voz da razão saudavel, branda;

Eis o retrato da geral loucura.

****

Um doente miserrimo arquejava
Entre medonha turba de doctores,
Exhalando tristissimos clamores
Contra a juncta fatal que o assassinava.
Um causticos e adjudas receitava,
Outro xaropes de diversas flores,
Por mais que invocam medicos auctores,
Nenhum Galeno com a doença dava.
Eis chega o doctor Bilro, cuja pena,
Por ser ser dos mais sendeiros mor sendeiro,
Em um so rasgo exercitos condena:
Para a sentença trazem-lhe um tinteiro;
E apenas receitou, oh dura scena!
Abre-lhe a cova o sordido coveiro.

M. Matheias.

SONETOS.*

Vem suspirada carinhosa Armia,
Remir o escravo, consolar o amante,

* É incrivel a facilidade com que Bocage improvisava, e até compunha sonetos! N'este genero de poesia é que talvez elle arranca a palma aos mo-

Que afflicto, que saudoso, a cada instante
Te envia um pensamento, um ai te envia.
Dá-me nos olhos teus mais puro o dia,
E flôres mais gentis em teu semblante,
Que a flor de Cytherea, a flor brilhante,
Que o manso abril prefere a quantas cria.
Inimiga de amor é a tardança:
Não tardes, não, meu bem, que me flagellas
Em prolongar-me a sofrega esperança.
Vem olhar n'este rio as faces bellas;
Vem, por doce illusão da similhança,
Ver enganar-se os zephyros com ellas.

****

Tam negro como a turba, que vagueia
Na margem do Cocyto, á luz odioso,
O bando de meus males espantoso
No sepulcro dos vivos me rodeia.
Qual me abala os fuzis da vil cadeia,
Qual me afigura um rotulo affrontoso,

dernos vates lusitanos. O que não deve causar admiração, se se reflectir que o curto stadio d'ésta pequena peça, lhe permittia desinvolver toda a ardencia momentanea de seu estro; e notorio é, que as de maior tômo quasi sempre ficavam por acabar. Eis a causa porque grande parte de suas obras se compõe de fragmentos. A sua phantasia era como as borboletas!

Qual me diz: « Ai de mim, que fui ditoso!
Eis d'elles todos o que mais me anceia.
  Tomara reforçar pela amargura
Meu ser, que anda c'os fados tam malquisto;
Tomara costumar-me á desventura:
  Esquecer-me do bem gozado e visto,
Pensar que a natureza é sempre escura,
Que é geral este horror, que o mundo é isto.

+++++++

  Grato silencio, trémulo arvoredo,
Sombra propicia aos crimes, e aos amores,
Hoje serei feliz; longe temores,
Longe phantasmas, illusões do medo:
  Sabei, amigos zephyros, que cedo
Entre os braços de Nise, entre éstas flores,
Furtivas glórias, tacitos favores,
Heide, emfim, possuir; porém segredo!
  Nas azas froxos ais, brandos queixumes
Não leveis, não façais isto patente,
Que nem quero que o saiba o pae dos numes:
  Cale-se o caso a Jove omnipotente;
Porque, se elle o souber, terá ciumes,
Vibrará contra mim seu raio ardente.

+++++++

  Per terra jaz o emporio do Oriente,
Que do rígido Afonso o ferro, o raio

Ao gran' filho ganhou do gran' Sabaio,
Envergonhando o deus armipotente.
  Caíu Goa, terror antigamente
Do Naire vão, do perfido Malaio,
De barbaras nações... ah! que desmaio
Apaga o marcio ardor da lusa gente!
  Oh seculos de heroes! dias de glória!
Varões excelsos, que apezar da morte,
Viveis na tradição, viveis na história!
  Albuquerque terribil, Castro forte,*
Menezes, e outros mil, vossa memória
Vinga as injúrias, que nos faz a sorte.

****

  Da triste bella Ignez inda os clamores
Andas, Echo chorosa, repetindo;
Inda aos piedosos ceos andas pedindo
Justiça contra os ímpios matadores:
  Ouvem-se inda na fonte dos amores
De quando em quando as nayades carpindo;
E o Mondego, no caso reflectindo,
Rompe, irado, a barreira, alaga as flores:
  Inda altos hymnos o universo entôa
A Pedro, que da morta formosura
Comvosco, Amores, ao sepulcro vôa.
  Milagre da belleza, e da ternura!
Abre, desce, olha, geme, abraça e crôa

* Verso de Camões.

A malfadada Ignez na sepultura!

\+\+\+\+\+\+\+

Adamastor cruel! de teus furores
Quantas vezes me lembro horrorisado!
Ó monstro! quantas vezes tens tragado
Do suberbo Oriente os domadores!
Parece-me, que entregue a vis traidores,
Estou vendo Sepulveda afamado
Co' a sposa, e c'os filhinhos abraçado,
Qual Mavorte com Venus e os Amores:
Parece-me que vejo o triste esposo,
Perdida a tenra prole e a bella dama,
Ás garras dos leões correr furioso.
Bem te vingaste em nós do afoito Gama;
Pelos nosses desastres es famoso:
Maldicto Adamastor! maldicta fama!

\+\+\+\+\+\+\+

Oh deusa! que proteges dos amantes
O destro furto, o crime deleitoso,
Abafa com teu manto pavoroso
Os importunos astros vigilantes.
Quando adoçar meus labios anhelantes
No seio de Ritalia melindroso,
Estorva que os maus olhos do invejoso
Turbem de amor os sofregos instantes.
Thetis formosa, tal incanto inspire
Ao namorado sol teu niveo rosto,

Que nunca de teus braços se retire:
  Tarde ao menos o carro, á noite opposto,
Até que eu desfalleça, até que expire
Na ternas áncias, no ineffavel gosto.

****

  Famosa geração de falladores
Soa que foi, Riseu, a origem tua;
Que nem todos os cães, ladrando á lua,
Tiveram que fazer com teus maiores:
  Um, a lingua ensinou dos palradores;
Outro, o *moto-contino* achou na sua;
Outro, além de encovar toda uma rua,
Açaimou n'uma juncta a cem doctores.
  Teu avô, sanctanario venerando!
Soube mais orações que mil beatas
Com reza impertinente os ceos zangando.
  Teu pãe foi um trovão de pataratas:
Teu tio, o bacharel, morreu fallando:
Tu, fallando, Riseu, não morres, matas.

****

  Magro, de olhos azues, carão moreno,
Bem servido de pés, meão n'altura,
Triste de facha, o mesmo de figura,
Nariz alto no meio, e não pequeno;
  Incapaz de assistir n'um so terreno,
Mais propenso ao furor do que á ternura,
Bebendo em niveas mãos per taça escura

De zelos infernaes lethal veneno;
Devoto incensador de mil deidades,
(Digo de môças mil) n'um so momento,
E somente no altar amando os frades;
Eis Bocage, em quem luz algum talento:
Saíram d'elle mesmo éstas verdades
N'um dia em que se achou mais pachorrento.

****

Se é doce no recente ameno estio
Ver toucar-se a manhan de ethereas flores;
E lambendo as areias e os verdores,
Molle e queixoso, deslizar-se o rio:
Se é doce no innocente desafio
Ouvirem-se os volateis amadores,
Seus versos modulando, e seus ardores
D'entre os aromas de pomar sombrio:
Se é doce mares, ceos ver anilados
Pela quadra gentil, de amor querida,
Q'esperta os corações, floreia os prados:
Mais doce é ver-te, de meus ais vencida,
Dar-me em teus brandos olhos desmaiados
Morte, morte de amor, melhor que a vida.

****

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me arrastava:
Ah! cego eu cria, ah misero eu sonhava
Em mim quasi immortal a essencia humana!

De que innumeros sóes a mente ufana
Existencia fallaz me não dourava!
Mas eis succumbe a natureza escrava
Ao mal que a vida em sua origem dana.
Prazeres socios meus, e meus tyrannos,
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumiu dos desenganos.
Deus... oh Deus! quando a morte a luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube.

BOCAGE.

SONETOS.

« Medonha corre a noite, a froxa lua
A furto mostra o rosto desmaiado;
Em mil voluveis serras levantado
Ruge raivoso o mar na praia nua:
Um so baixel nas ondas não fluctua;
Os nautas dormem, zune o vento irado;
Ah doce Laura! ah doce objecto amado!
Quem víra agora a linda imagem tua! »
Assim as vozes eu soltava ancioso,
Quando Laura, o meu bem, a minha estrella,
Ao lado vejo, e vejo-me ditoso.
No meu pobre batel entro com ella;

Oh ceos! desde que sulco o Tejo undoso,
Nunca vi, nem gozei noite mais bella!

++++++++

Ja matizando o ceo de vivas cores
Vinha a brilhante aurora apavonada,
E inda sôbre os meus braços fatigada
Laura dormia, Laura os meus amores.

De terna mágoa, d'horridos temores,
Vejo minha alma a um tempo saltejada;
Sinto privar do somno a minha amada;
Temo vejam que lógro os seus favores.

Em quanto pugna em mim susto e ternura,
Vistos somos d'espia vigilante,
Que o nosso affecto destruir procura:

Vou-me, deixo o meu bem; desde esse instante,
Cançados olhos, olhos sem ventura,
Nunca mais vistes seu gentil semblante.

B. M. C. Semedo.

SONETOS.

Assim de flôres se corôa a Aurora.

Um soneto! ainda ésta me faltava!
Quatorze versos! isso é mui comprido!

Não chega la meu estro desprovido;
Muito é se deito a barra a uma oitava!
La vai : *O sol brilhante campeava*
Pela estrada do meio... Vou perdido,
Longe do mote, longe do sentido :
Nunca, no outeiro, Albano assim glosava.
Entro per outra porta... D'ésta feita
Creio que dei c'o triucho : *Uma pastora,*
Que c'o cajado, n' agua, tinha feita...
Não presta. Tome la, minha senhora,
Guarde o mote; e dir-lhe-hei, quando s'enfeita:
Assim de flores se coróa a Aurora.

****

Vence as deusas do Ida em gentileza.

La vai glosa, menina, vai soneto:
Deus me ajude; deus digo, o deus Apolo,
Co'as musas todas nove ao hombro, ao colo;
Que eu, sem musas, com versos me não meto.
Então, como lhe digo, o meu affeto
Que me faz retumbar de pólo a polo,
Quando as finezas apressado enrolo...
Que tal!.. Deu fim ja o ultimo quarteto!
Menina, tenha fe; que largo pano
Tenho, nos dous tercetos, para a empreza;
E eu, n'isto de glosar, sou soberano.
Fique aqui entre nós: sua belleza

Nos versos do Macedo, * ou nos de Albano, **
Vence as deusas do Ida em gentileza.

FRANCISCO MANUEL.

SONETOS.

Aqui da linda Ignez *** a formosura
Acabou: crueis mãos morte lhe deram!
Inda signaes do sangue, que verteram,
Estão gravados n'essa penha dura:
Vendo as nymphas tammanha desventura,
Sôbre o pallido corpo aqui gemeram,

* Fr. Francisco de sancto Agostinho Macedo compoz milhar de milhares de contos de contos, e compozera contos de contos de milhares de versos, se as suas *theologias*, se as suas *predicas* lhe não fossem á mão á despenhada torrente da sua caudalosa *metrificancia*.

FRANCISCO MANUEL.

On dit que quelqu'un, croyant le pousser à bout, lui proposa de faire sur-le-champ la description de la Gigantomachie *et celle de* Médée en fureur; *que Macedo les fit sur l'heure, et y employa plus de deux mille vers.*

MORERI.

** João Xavier de Matos.

*** D. Ignez de Castro.

De cujas tristes lagrymas nasceram
As surdas aguas d'essa fonte pura.
Pastores do Mondego, que a corrente
Inda agora bebeis d'ésta saudosa
Fonte, que está correndo mansamente;
Fugi, fugi de amor, que a rigorosa
Morte lhe trouxe aqui! era innocente;
Sé teve culpa, foi em ser fermosa.

****

Venus buscando a Amor andava um dia,
E a todos seus por elle procurava;
A mim me perguntou « onde elle estava? »
E eu lhe disse, « que em Lilia o acharia. »
A Lilia corre, e ve que Amor dormia
Em seu molle regaço; vozes dava,
Porque Amor acordasse: elle acordava;
Mas ria-se da mãe, e a dormecia:
Porfim lhe torna: —«Mãe, não mais te canses,
Qu'eu ja d'aqui não saio, ainda quando
Rogues, ou mandes, ou grilhões me lances. »
—« Fica-te em paz (diz Venus) ja voltando;
Nem tu tens melhor collo, em que descances,
Nem Lilia maior bem, que ter-te brando. »

A. R. DOS SANTOS.

SONETOS.

Os fachos pelos ares sacudindo
Voando baixam mil gentis Amores;
Cingidas todas de festões de flores
As Graças vejo vir folgando e rindo.
De Dictos chocarreiros bando infindo,
Brincos travêços, Beijos voadores,
Travando dos Desejos matadores,
Ledos se aprestam ao festejo lindo....
Eis chega Amor! « Os miseros humanos
Vinguemos hoje (diz); cesse a alegria;
Não se celebrem de Marina os annos:
Os males, que ella fez, punam-se um dia;
Sinta murchar os olhos soberanos,
E pague co' a doença a tyrannia. »

+++++++

Adeus, fica-te em paz Alcina amada;
Ah! sem mim sê feliz, vive ditosa;
Que contra meus prazeres invejósa
A fortuna cruel se mostra irada.
Tâm cedo não verei a delicada,
A linda face de jasmins e rosa,
O branco peito, a boca graciosa
Onde os amores teem gentil morada.

Póde, meu bem, o fado impiamente,
Póde negar de te gozar a dita;
Póde da tua vista ter-me ausente:
Mas apezar da misera desdita
De tam cruel partida, eternamente
N'ésta minha alma viverás escrita.

José Bonifacio de Andrada.

Epigrammas.

A um homem extremamente feio.

Podes ter com Narcizo igual ventura,
Mas na causa haverá desigualdade;
Elle morreu de ver sua figura,
Morrerás vendo a tua na verdade:
Elle d'amor de sua fermosura,
Tu de mêdo de tua fealdade;
E outra grau' differença em ti veremos,
Por elle se chorou, por ti riremos.

CAMINHA.

Da Medicina. *

A morte, perdendo a fouce,
Creu sua fôrça desfeita:

* O apologo, o *epigramma* (n'este genero incluo os sonetos) a epistola, e a poesia anacreontica, eis em que Bocage primou. As suas composições d'ésta es-

Disse-lhe um medico insigne:
« Aqui tens ésta receita. »

A molestia e a cura.

Aqui jaz um homem rico
N'ésta rica sepultura:
Escapava da molestia,
Se não morresse da cura.

O pae enfermo e o doctor.

Um velho caíu na cama;
Tinha um filho esculapino,
Que para adevinhações
Campava de ter bom tino:
O pulso paterno apalpa,
E receitar depois vai;
Diz-lhe o velho, suspirando:
« Repara que sou teu pai.»

A molestia e a receita.

Para curar febres podres

pecie, serão os foros, por que a posteridade o collocará no número dos paes de nossa poesia, como um dos esmaltes de nossa litteratura.

J. M DA COSTA E SILVA.

Um doctor se foi chamar,
Que, feitas as ceremonias,
Começou a receitar.
A cada pennada sua
O enfermo arrancava um ai!
—« Não se assuste, (diz Galeno)
Que inda d'ésta se não vai. »
—« Ah senhor! (torna o coitado,
Como quem seu fado espreita)
Da molestia não me assusto,
Assusto-me da receita. »

Conselho a um impaciente.

Homem de genio impaciente,
Tendo uma dor infernal,
Pedia, para matar-se,
Um veneno, ou um punhal.
« Não ha (lhe disse um vizinho
Velho que pensava bem)
Não ha punhal, nem veneno;
Mas o medico ahi vem.

A Parca e o medico.

— « Morte! (clamava um doente)
Este misero soccorre.»
Surge a Parca derepente,

E diz de longe: — « Recorre
Ao teu medico assistente. »

Vingança de medico.

Um medico, resentido
De certo seu offensor,
Ante um amigo exclamava,
Todo abrasado em furor:
— « Para punir este indigno,
Este vil, tomara um raio. »
Acode o outro: — « Ha um meio
Muito mais facil; curai-o. »

O recipe.

Poz-se medico eminente
Em voz alta a receitar.
— « Recipe, (diz)... derepente
Grita da cama o doente:
— « Basta, que mais é matar. »

O adeus do doctor.

Um medico receitou:
Subito o recipe veio,
Do qual no bucho do enfermo
Logo embutiu copo e meio.
— « Adeus até á manhan »

(Diz o fofo professor)
Responde o doente : » — « Adeus
Para sempre, meu doctor. »

O lettrado.

Inda novel demandista
Um lettrado consultou,
Que, depois de cem perguntas,
Tal resposta lhe tornou :
— « Em Cujacios, em Menochios,
Em Pegas e Ordenação,
Em Reinicolas e Estranhos
Tem carradas de razão. »
— « Sim, sim, per toda essa estante
Tem razão, razão de mais.
— « Ah senhor ! (o homem replica)
Tê-la-hei nos tribunaes ? »

Titulo para uns aphorismos.

Certo Averroes quiz no prelo
Ver seus aphorismos junctos.
Poz-lhes o edictor singelo :
— *Arte de fazer defunctos.* —

A cura.

Lavrou chibante receita

Um doctor com todo o esmêro,
Era para certa môça,
Que ficou san como um pêro.
— « Tam çedo! é milagre — (assenta
A mãe, que de gôsto chora —)
— « Minha mãe, não é milagre :
Deitei o remedio fora. »

Terra para medicos.

Uma terra dizem que ha,
Onde a fome acerba e dura
Cabo dos medicos da :
Porque é isto ? é porque la
Págam somente a quem cura.

Alliança de duas altas potencias.

Arrumado ás duas portas
Pingue boticario estava,
E brandamente acenou
A um doctor, que passava.
Mal que chega o bom Galeno,
Diz o outro em ar jucundo :
« Unamo-nos, meu doctor,
E demos cabo do mundo. »

A um procurador.

Com tam má gambia andas tanto,
Tanto d'aqui para alli!
Procurador, não me enganas:
Tu procuras para ti.

A razão cabal.

Um escrivão fez um roubo,
Diz-lhe o juiz: — « Que razão
Teve para fazer isto? »
Responde: — « Ser escrivão. »

BOCAGE.

A um zote.

Eu lia a um gran' doctor
De gorda catadura
Do sublime Camões a rima pura
Do nunca assás louvado Adamastor.
Quando mais enlevado
Em seu canto divino
Ameigo a voz, e em brando tom a afino
Para lhe ler Ignez e seus amores,
E sua injusta morte, injustas dores,

Oiço o doctor roncar alto e rasgado;
Então o abalo, e grito-lhe enfadado :
— « Doctor, doctor, desperta,
Que Phebo quiz que o vate
N'este almo canto ao Pindo se arrebate,
E de Hypocrene a fonte tenha aberta. »
— « Que inuteis, que perdidas
(Diz-me o doctor) comigo taes razões!
Prefiro o meu... ao teu Camões. »
Disse; e torna a roncar o novo Midas!

De um avarento.

Fabio, ao caír da noite humida e fria,
Do chupado carão despe a alegria;
Não porque chore o sol, do dia enfeite;
Mas porque accende a luz que gasta azeite.

A um auctor.

Lia um auctor... não digo bem, cantava
Um canhenho sem sal de poesia,
E a gente, que os versinhos mal ouvia,
Em cousas mui diversas cogitava.
Leu, e cançou. — « Dos versos repetidos
Quaes acharam melhores ? » — « Os não lidos. »

FRANCISCO MANUEL.

As pandectas e Camões.

Vós perguntais as razões
Porque tenho noite e dia
Sobre a meza em companhia
As pandectas e o Camões?
É, se vós o não sabeis,
Que a leitura do poeta
É correctiva e dieta
Depois de ter lido as leis.

Artigos do Decalogo.

Não matarás : é lei dada
N'um e n'outro Testamento;
Ao medico é que pertence
Este sancto mandamento.
Não furtarás : é preceito
Tambem nos livros sagrados;
Isto pertence aos juizes,
Aos escrivães e lettrados.

A. R. dos Santos.

Satyricos.

SATYRA I.

O POETA.*

— « Corydon, Corydon, que negro fado,
Que frenezi te obriga a ser poeta?
Que esperas de teus versos? Ainda esperas
Pelos antigos seculos dourados,
Quando achavam Mecenàs bons Ingenhos?

* N'ésta *satyra*, onde se nota toda a correcção e pico, que se admira nas de Boileau, mofa o auctor de certos zoilos, que (incapazes de reflectir que nenhuma palavra é rasteira quando é bem collocada e congruente ao assumpto) tinham censurado alguns termos ao poeta, tachando-os de baixos. É pena que Garção fosse tam parco n'este genero de poesia, pois só éstas duas *satyras* nos deixou. Mas elle retocava muito as suas obras, e não as avaliava pelo número.

Não sabes que das musas portuguezas
Foi sempre um hospital o Capitolio?
Viste ja, que seis urcos arrastassem
Em douradas berlindas um poeta?
Não escreve *Lusiadas* quem janta
Em toalhas de Flandres; quem estuda
Em camarins forradôs de damasco.
Quanto mais, que esses versos que assoalhas *
São trovas, de que os doudos escarnecem;
Sem que lhes valha o titulo estrondoso
Com que talvez pretendes baptiza-los:
Odes lhes chamas tu? e elles murmuram
Não sei de que palavras. Outro dia
Me disse Fabio o docto, o longo Fabio,
Que d'estes bolos o chavão não tinhas;
Que no *alcaide* fallaste, e nos *bugios*,
Nos *descalços trombetas*, termos chulos,
E vedados a melicos cantores.
Pois um Matuzio, o fallador Matuzio,
Que inda mais livros leu de quantos teve
Ptolomeu, e conserva o Vaticano;
N'ésta mesma bigorna la de longe
Co' a pesada cabeça te martella!
Que furia te tentou com tal *alcaide*?
Antes *tribuno*, ou ja *lictor* dicesses;

* Garção como era dotado de muito gôsto e erudição, rompendo per todos os obstaculos do mau gôsto de seu tempo, fez renascer ésta, e outras muitas elegancias de nossa lingua.

E se sabes francez *sergent*, sería
Enfeitar o teu cepo mais á moda.
Mas tu não fallas? Cállas-te? Que dizes?»
— «Que hei de dizer, Calfurnio! que ja cedo
Como Horacio, aos prestigios de Canidia;
Que as mãos te dou a ti, e aos bons lettrados
Licurgos e Ulpianos de palavras,*
Com que me allegas, com que me intimidas:
Que alegre borrarei o nome de *ode*
Dos versos meus, que por desastre víram:
Feliz eu, se consigo com dous rasgos
Da penna, que maneio tam ligeiro,
Escapar aos malsins que me pesquizam.»
— «E não fôra melhor que te deixasses
De uma arte desgraçada, que os prudentes
Ja calvos Salamões, padres-conscriptos
Aborrecem, desprezam e condemnam?
Almotacel que queiras ser de um bairro,
Excluído serás sendo poeta.
Antes de ti se diga, que perdeste
O dote da mulher, o pão dos filhos,

* Para esses, e outros taes, que eu não nomeio, escreveu Francisco Manuel ésta nota:

«Por mim não permitta Deus, que jamais lastime de caso pensado, o exquisito gôsto de certos individuos, que se arrogaram o officio de — *aferidores dos termos de nossa lingua.* — O ceo os cubra com sua benção, e os continúe no boa vocação, que tomaram, para que medre a utilidade, que de seus desvelos se nos segue.»

Porque Gelonio teve quatro d'honras.
Antes de ti se diga, que roubaste
Ao pobre caminhante dés cruzados;
Que violaste as vestaes; que em vão juraste;
Que es bruxo, delator, que es um falsario:
Tudo o tempo consome, tudo esquece,
Tudo douram riquezas; mas poeta!
É furia sem remedio, é cão damnado,
Todos o apupam, todos o apedrejam!
Tu andas pelas ruas mui contente
Com teus grandes canhões empertigado,
Indaque baixo e fusco, vas cuidando
Que reparam em ti, que todos dizem,
Com o dedo mostrando a má figura:
« Eis o grande poeta, que nos trouxe
A galante invenção de *versos soltos*,
O contagio das *odes*; que atrevido
Quer extirpar a seita dos *sonetos*; »
Mas quanto Corydon, quanto te enganas!
É certo que te apontam; mas bradando:
« La vai o novo Horacio auctor da ode
Varra o credor suberbo a pobre casa
C'o desabrido alcaide! » Circunspectos,
Embicando no *varra*, e mais no *alcaide*,
Põem as mãos na cabeça. Clamam que *odes*
Nunca víram com termos tam rasteiros; *

* Quando eu vivia em Lisboa, tinha muitos conhecidos (não é raro quando não ha pobreza que os afaste) entre elles uns eram oradores, outros poe-

Pensamentos que foram condemnados
Nos rusticos escolios de Lucílio ! »
— « Basta, Calfurnio meu, ante os juizes
Que tam boa sentença proferíram,
Quizera retractar-me; e te prometto
De abjurar o estylo que seguia:
Buscarei novas phrases, novos termos;
A lingua fallarei de Palaínhos:
Ás minhas trovas, meus humildes versos,
Eu te juro, que nunca mais lhes falte
O sonoro *zão zão* dos consoantes,
Magestosas ideias sybillinas,
E outros taes atavíos, com que arreiam
Suas composições esses bons mestres.
Mas tu que tens a dita de pizares
O portico sagrado de outra Athenas;
Que es estudante, e foste preservado
Da culpa original da pobre Arcadia,
Descendente do Adão do grande monte,
Que larga as cans de prata no Mondego;
Por ancião famoso, e conhecido,
Vai, e por mim o oraculo consulta,

tas á nossa moda; e nas suas fallas, nas suas composições, não encontrarieis c'uma phrase, c'um so termo, que não fosse digno *da nossa côrte;* mas tambem observei, que esse nimio scrupulo de se *àbaixarem*, ou de *afonsinharem* fez, que nunca disseram, nem escreveram cousa que *lamba o gato.*

FRANCISCO MANUEL.

Pergunta se tambem o Venuzino
Clara estrella polar, o velho Horacio
Errou na opinião d'esses Cujacios,
Quando chamou sem pejo dentro em Roma
Ante à face de Augusto, em suas *odes*,
Gartidos espadões, a mil eunuchos;
Ao bom Afio chamou *vil usurario;*
A Mevio *fedorento*, *mastim* a outro,
Bruxa a Canidia: se varou em terra
Seu baixel alteroso, quando disse
De um mau liberto, prodigo e suberbo,
Que fóra do verdugo c'o azurrague
Nas costas fustigado até incharem
Ao gritador porteiro as cordoveias
Do vermelho pescoço que suava.
Não te fallo na velha deshonesta,
Que os falsos arrebiques lhe caíam
Pelo verde semblante descorado,
Como o vermelho barro no alto monte
Em laivos se derrama, quando a chuva
Principia a correr em enchorrada...»
— « Repara, Corydon, que n'essas odes
As palavras que allegas são latinas. »
— « Logo póde em latim dizer-se *preco*, *
Porteiro em portuguez é condemnado!
Ora, Calfurnio, vai-te: em paz me deixa,
Que nem me lembro ja de taes doctores:

* A vivacidade com que o auctor responde a objecção de Calfurnio, e a desfaz, é admiravel!

Qual o grande rafeiro, que seguindo
O dono vai, sem reparar nos fracos
Insolentes cachorros da cidade,
Que ora lhe ladram, ora lh'os assulam,
Mal lhe volta o focinho arreganhado,
E o liso agudo dente que branqueja,
Qual a fouce da morte os intimida.
Justo porém será que tu lhes digas,
Que varra cada qual sua testada; *
Que assás borbulhas teem para coçar-se;
Que seus *versos* não leio, que não leiam
Elles os *versos* meus, *odes*, ou *trovas*;
Não lhes quebro os ouvidos, não os canço
Co' a importuna lição dos meus poemas:
N' Arcadia os leio; alguns de seus pastores,
A quem verde hera cinge e adorna a fronte,
Pejo não teem de lê-los, e approva-los:
Que se guardem de mim; porque se peço
Ao campeão de Apulia a longa espada,
Com que fendia as costas dos Romanos,
Nem a maldicta fama bolorenta
De seus célebres nomes esquecidos,
Illesa deixarei; serão cantados,
E fábula do povo em toda a idade.»

GARÇÃO.

* Isto é — *que emende seus defeitos.* — O exame d'éstas, e de outras formulas, é de muita utilidade a quem estuda a lingua.

SATYRA II.

SÔBRE A IMITAÇÃO DOS ANTIGOS. *

Não posso, amavel conde, sujeitar-me
A que ás cegas se imitem os antigos;
Quero dizer, aquelles Portuguezes,
A que hoje chamâmos *quinhentistas*:

* Com as armas do ridículo, combate o Garção, n'ésta segunda *satyra*, alguns cegos admiradores das phrases e termos antiquados; porque sem discernimento e escolha introduziam em assumptos serios, as palavras mais rasteiras, so porque eram antigas. Antonio Ribeiro dos Santos tambem impugnou admiravelmente n'uma epistola ésta louca mania, que lavrava em certos escriptores seus contemporaneos, como se ve n'estes versos :

Quantos folgam fallar a prisca lingua,
Qual Egas, qual fallou Fuas Roupinho,
Qual esse conde antigo, que levava
A villa de Condeixa por compadre!
Mas como a fallam? Poem sua meestria
Em palavras sediças, termos velhos,
Termos de saibo e môfo, que arrepiam
Os cabellos da gente. Uns ha que estupidos

O bom Sá, bom Ferreira, o bom Bernardes
Foram grandes poetas; qualquer d'elles
Foi discreto, e foi sabio; emfim as musas
Lhe embalaram o bêrço, e lhe cubríram
Com murta, e com loureiro a sepultura;
Mas nem por isso os pobres escaparam
Á culpa original: teem suas faltas,
Teem seus altos e baixos, teem sedeiros;
Onde dá c' os focinhos um pedante,
Que va per onde fôr, hade segui-los,
Que hade furtar-lhe tudo quanto dizem;
E seja bom, ou mau, isso que importa?
O ponto está que o diga algum d'aquelles

Dos comicos de Sá, e Vasconcellos,
Palavras da mais baixa estofa tiram,
E as poem, como sainete, em grave assumpto
Enderençado a altas personagens;
Nem se pejam levar-lhes, como off'renda,
Um bico d'obra mal acepilhado,
E pòsto em maçorral cançada prosa:
Outros ja teem de sobremão palavras,
Ha ja mais de quinhentos annos mortas,
Que, em que lhe pez, hão de metter á cunha
Em todo seu fallar. Que dizes d'isto?
Como chamas a estes, meu Alexis,
Que eu não acérto a dar-lhe um nome proprio
Que bem quadre a tam rancidos guedelhas?
Quando éstas cousas desvairadas vejo,
Dão-me engulhos de riso, ou ja bocejos
Como arrepiques certos de gran' fome.

Que Craesbeeck imprimiu: * ha maior teima!
As Graças são muchachas, são risonhas,
São faceis, são suaves: elles querem
Á fôrça por-lhe brancas e bigodes,
E não lh'os sabem pôr: que é o que eu digo?
Imitam o peior; mas não imitam
Os versos mais canoros e correntes,
A sisuda dicção, a phrase pura;
Aquelle attico sal, que não conhece
Quem nunca viu o portico de Athénas
Sequer em caixas opticas pintado;
Isto é, Anacreonte traduzido,
Aristophanes, Sophocles, e Sapho:
Sem que fique de fóra o bom Homero,
E outros, em que podêr não teve a morte.
Para imitares tu, senhor, os feitos
De teus claros maiores, necessitas
De calças e gibão? Se hoje saísses
Com jaquete e golilha, quem sería

*O que falta n'este estylo (o de um poeta moderno) é ser do seculo de *quinhentos*, para merecer as idolatrias com que se tem exagerado nos nossos tempos o merecimento das *miseraveis poesias* de Luis Pereira de Castro, de Fr. Bernardo de Brito, de Francisco de Andrade, e de outros novamente dados á luz per pessoas, que julgam que so nos *quinhentistas* reside o bom gôsto de escrever, e n'elles edictores a faculdade de o conhecem, e o direito de o annunciarem.

F. D. Gomes.

Tam serio, e tam sisudo, que podesse
Conter o riso? Nada te valera
Responder-lhe gritando, « que imitavas
Os distinctos avós, que dos Noronhas
A prosapia exaltaram generosa
Nos seculos passados. » Todos sabem
Que o valor não consiste nos vestidos,
Antes seguem as modas. A virtude
Assiste com socêgo inalteravel
Nos grandes corações. Ora ésta regra
Corre a nivel d'altura do Parnaso.
Imite-se a pureza dos antigos,
Mas sem escravidão, com gôsto livre,
Com polida dicção, com phrase nova,
Que a fez, ou adoptou a nossa idade.
Ao tempo estão sujeitas as palavras; *
Umas se fazem velhas, outras nascem:
Assim vemos a fertil primavera
Encher de folhas ao robusto tronco,
A quem despiu o hinverno desabrido.
Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes!
Camões dizia *imigo*, eu *inimigo*;
O ponto está que ambos expliquemos
Aquillo que pensamos. A energia

* *Ut sylvæ foliis pronos mutantur in annos,*
Prima cadunt, ita verborum vetus interit ætas,
Et juvenum ritu florent modo nata, vigentque.
HORACIO, Art. poet.

Do discurso, e da phrase não consiste
No feitío das vozes, mas na fôrça:
Salvo, conforme aos garrulos trovistas,
Que não te chamam *justo*, sem chamar-te
Ou *robusto*, ou *augusto*: indaque sabio
Detestas a lisonja. O raro Apelles,
Rubens e Raphael, inimitaveis
Não se fizeram pela côr das tinctas;
A mistura elegante os fez eternos.
Quem não percebe bem este segredo,
Cuida que em dizer *mor** tem dicto tudo:
Que muito, se não ha discernimento,
E reina a affectação! Vejo pedantes,
Trepados em cadeiras, descompondo
Os mais honrados cidadãos de Athenas,
Sem razão, nem vergonha: e vejo gente
Prudente e sábia embasbacar nos gestos
Do mono petulante! Muito póde
A opinião, a teima ou o capricho!

* *Some by old words to fame have made pretence,*
Ancients in phrase, mere moderns in their sense:
Such labour'd nothings in so strange a style
Amaze th' unlearn'd and make the learned smile.
Unlucky as fungoso in the play,
These sparks with awkward vanity display
What the fine gentleman wore yesterday;
And but so mimic ancient wits at best,
As apes our grandsires, in their doublets drest.

POPE, Ens. sob. a crít.

E o pedantismo póde mais que tudo,
Pois arrasta a razão, piza a verdade;
E em sabendo servir-se da lisonja,
Vôa per esses ares, sóbe ao cume
Onde a vaidosa ideia ergueu o templo
Da phantastica fama. Alli se abraça
A suberba e a vaidade co'a priguiça:
Vive a ignorancia alli, d'alli pretende
Dictar as leis ao mundo. Mas que digo?
Que furor atrevido me arrebata?
Que demonio me inspira allegorias,
Sem permissão do tribunal censorio
Dos criticos modernos? Não é moda
Um estro nobre; tudo está mudado:
Ha pragmatica nova, estreitas regras,
Que obriga a jejuarmos, poesia,
Tam longa quarentena; e não me espanta
Ver poetas mirrados, se a abstinencia
Das clausuras fugiu para o Parnaso.
Os nobres Portuguezes, christãos velhos,
Acaso são gentios, como foram
Pindaro, Homero, Sophocles, Virgilio,
Para inventarem cousas inauditas?
Fabulas novas? Bastam as pinturas
De quatro bagatellas: uma fonte,
Um bosque, um rio, um campo, um arvoredo,
Um rebanho de cabras, dous pastores
Com cajado e surrão: uma pastora,
Que se está vendo n'agua: ha melhor cousa?

Quem póde fazer mais ? Que nos importa
Que o verso seja froxo ou deslocado,
Sem grammatica a phrase, sem pureza ,
E sem graça a dicção ; ou emfim tudo
Sem connexão, sem ordem, sem juizo ?
O caso está que lembrem as pedrinhas
La no fundo do rio, sem que esqueça
A gaita do pastor, nem os abraços
Da simples pastorinha : e que as palavras
Sejão humildes, velhas e caducas
Sequer de quando em quando. Ah senhor conde!*
Se isto é ser bom poeta, bom poeta
Eu o prometto ser em pouco tempo.
Mas tu, senhor, bem sabes quanto custa
Ser fidalgo da casa do deus louro :
Não se compra a dispensa com dinheiro,
Nem vale ter o pae no Desembargo ;
Mas é preciso grande genio, longo
E escolhido estudo ; ouvir a todos,
Seguir a poucos ; conversar c'os mortos,
Quero dizer, c'os livros todo o dia,
E toda a noite : ** alli se faça branco
O cabello que foi ou preto, ou louro.

GARÇÃO.

* O conde de san' Lourenço.

** . . . . . *Vos exemplaria Græca.*
Nocturnâ versate manu, versate diurnâ.
HORACIO, Arte poet.

Garção, e outros bons poetas nossos, compozeram

com muito vagar, e emendaram com maior severidade as suas obras, sem o que não seriam talvez cousa alguma no mundo litterario; mas n'ésta epocha tudo são methodos de abbreviar difficuldades, e vence-las sem trabalho e tempo.

F. D. Gomes.

O que characteriza as *satyras* de Garção, é uma logica excellente, um estylo original, um tom nobre e modesto que faz se ame o auctor. Ninguem melhor que este poeta soube dar a seus versos uma fórma periodica e harmonica: suas rimas são ricas sem affectação; e bem que elle tire de seu mesmo fundo quasi todas as expressões, não se mostra minguado em ideias. A doctrina que elle soube tam destramente espalhar n'éstas duas *satyras*, as fará ler sempre com fructo e gôsto em quanto houver amadores da poesia portugueza.

DOMI
NUS
ILLU
MINA
TIO
MEA

fazer, vou arriscado
... de mal creado.
...lo-me empe; ellas se abraçam,
...çar; e d'alli passam
... dos muitos dias,
...iras andaram arredias.
...u o amor?»—«Mana, não diga;
...val da rapariga,
...mana, sexta feira
Clara, ha de entrar freira.»
... Deus a faça uma sanctinha:
... «Tem defluxo.»—Coitadinha!
... com conto similhante,
... contar tempo bastante;
...ndo-lhe a matraca;
... isto estar á estaca.
... mãos tomam assentos,
... dous parlamentos;
...mposto das mais duras;
... outro verdes e maduras.
... começam perguntando,
... maridos?» — «Vai andando,
... seu bem pouco gosta)
... dá com tudo á costa
...manda: eu bem lh'o dice:
... tal, que é parvoice:
... mulher, que os aconselha;
... agora torce a orelha.»
... histórias de maridos,

SATYRA III. *

AS VISITAS DAS SENHORAS.

Tomara-me cem legoas de visitas,
Que fazem mutuamente senhoritas:
Muita semsaboria, comprimentos,
Que, se os faço, parecem-me violentos;

* Ésta *satyra* é producção de um grande observador dos costumes patrios, é de um homem que sabía habilmente fulminar os vicios; mas, não obstante esses predicados, não obstante ter elle derramado com mão larga (assim n'ésta, como em outras *satyras*) gran' copia de anexins e idiotismos puramente nacionaes, e ter-lhes, outrosi, applicado aquella côr local que tanto as distingue de algumas escriptos do mesmo genero; todavia nem sempre o bom gôsto presidiu á escolha de seus termos. Os escrupulosos talvez accusem de sordidas e rasteiras algumas expressões; mas a preferencia que o auctor deu ao verso hendecasyllabo rhymado em parelhas (que não é dos mais felizes) sem dúvida contribuiu muito para isso. Em todo o caso elle é o unico escriptor que nos deixou uma collecção de *satyras* completta.

Se deixo de os fazer, vou arriscado
A ficar com labéo de mal creado.
Entram, ponho-me empe; ellas se abraçam,
E tornam a abraçar; e d'alli passam
A mil satisfações dos muitos dias,
Que umas de outras andaram arredias.
—«Ja nos perdeu o amor?»—«Mana, não diga;
Lidamos no enxoval da rapariga,
Que la para a semana, sexta feira
Dia de sancta Clara, ha de entrar freira.»
— « Muito bem: Deus a faça uma sanctinha:
Não veio?» — «Tem defluxo.»—Coitadinha!
Cada par vem com conto similhante,
Gastando em o contar tempo bastante;
E eu empe aturando-lhe a matraca;
Parece-me que é isto estar á estaca.
Pegando-se nas mãos tomam assentos,
E costumam fazer dous parlamentos;
Um d'elles é composto das mais duras;
São membros do outro verdes e maduras.
As primeiras começam perguntando,
— «Como vão os maridos?» — «Vai andando,
(Diz uma que do seu bem pouco gosta)
Parece-me que dá com tudo á costa
Na maldicta demanda: eu bem lh'o dice:
Não te mettas em tal, que é parvoice:
Tomam raiva á mulher, que os aconselha;
Por isso o meu agora torce a orelha.»
Aqui véem mil histórias de maridos,

Que ficam quasi sempre bem mordidos.
La vem uma porêm, que não acaba
De dizer bem do seu; em tudo o gaba;
Signal de que um e outro bem se porta,
Ou de que é o marido um Ignez Dorta.
Alguma, que é viuva, se se falla
Na falta que o seu faz, mostra que estalla
Com chorar; carantonhas faz horrendas;
Expõe em voz truncada as suas prendas,
Truncada com soluço; e de improviso
Ri muito, se algum conto vem de riso.
Se o parlamento môço dá risadas,
Respondem as que estão ja bem passadas:
— «Deixá-las, que são môças e meninas;
Tambem fomos assim:» véem logo minas
De cousas dos seus tempos; o que usavam
No trajar; e que modas se cantavam,
É materia. Da sua antiga história
Firmaram estes pontos na memória.
La véem saias de crespos, véem picados
Sapatos, serenins, e decotados;
As toucas das viuvas, cuja altura
Começava a medir-se da cintura.
Nas modas de cantar véem a *Amorosa*,
Ossos do canivete, *Joanna Rosa*,
Passarinho trigueiro, *Marinheira*,
Covanco, *Serenim*, *Luis Teixeira*,
A Viuva, *Nanita*, *Ancias*, *Parado*,
A Bella Damiana, o *Oitavado*,

E outras de que repetem as cantigas,
Que raros teem ouvido por antigas.
Algumas movem práctica a respeito
Do govêrno da casa: o que teem feito
De roupa, o que remendam e atacoam,
Como tudo concertam e affeiçoam,
Como poupam e são acauteladas
Nos furtos e loucuras das criadas:
Aqui fazem menção das que teem tido,
Das causas porque muitas se teem ido;
Disputam que criadas são melhores,
Se as môças, se as de idade ja maiores:
As que são dos maridos mais ciosas,
Não querem senão velhas carunchosas;
As outras as regeitam, porque ralham
Muito, sendo bem pouco o que trabalham.
Aqui véem os louvores da Luzia,
Certa môça que teve uma algum dia;
Aquillo é que era môça! que as de agora
So alguma boleima não namora!
Que as mais, quando se vai olhar per ellas,
Acham-se estataladas nas janellas.
Outra vem com louvores do Rodrigo,
Que foi um môço seu no tempo antigo;
Fidelidade aquillo! e so se andava
Occupado per fóra, o não achava:
Os de agora são tudo marotagem;
So cuidam no passeio, e na pilhagem.

N'isto gasta uma tarde o parlamento
Mais velho, sem calar-se um so momento
O mais môço tem la outros cuidados,
Que são vestidos, modas, penteiados.
Se uma traz um vestido de nova arte,
Alli se hade observar parte per parte;
Fazem que se levante, andam deroda,
Não escapa um pontinho da tal moda;
Perguntam quem o fez? onde se venda
Aquella qualidade de fazenda?
Se é de côres diversas: são pedidas
Amostras, que ja ficam promettidas.
Uma de casa diz: — « A minha mana
Acabou um vestido ésta semana,
Cujo talho é tambem d'essa maneira,
E a peça nada tem de corriqueira. »
— « Ora queremos ver (diz uma amiga.) »
— « Sim, responde a de casa: — « Ó rapariga
Abre esse gavetão, traze o vestido,
Que achares mais emcima, e com sentido:
Ve se tens as mãos limpas, não lhe botes
Os gadanhos de modo que o amarroles. »
— « Linda cousa diz uma! » a que mais dista,
Se chega para ver; passam revista;
Observam mangas, costas e cintura,
Se está baixa, ou se está em grande altura;
Emfim, por evitarmos outros contos,
So lhes falta contar todos os pontos.

D'alli tomam motivo de trazerem
Todos os seus arreios * a se verem:
Ha leilão: alli volvem, e revolvem;
Alli todas as modas que ha, involvem
As côres de seu gôsto; uma lhe agrada
A azul, outra quer verde, outra encarnada;
Inda do mesmo azul uma se veste
Do pombinho, outra gosta do celeste;
Do verde, uma quer gaio, e outra assenta
Que o de côr de esmeralda lhe contenta;
Emfim sôbre o encarnado é o remate,
Que uma quer côr de rosa, outra escarlate.
Se, entre os trastes que alli andam em praça,
Ha algum que caísse a alguma em graça,
Ja diz « que ha de mandar buscar aquelle,
Porque intenta talhar outro per elle,
Ja que tanto a seu gôsto se accommoda: »
Respondem-lhe « que está da última moda. »
Com taes modas, taes côres se embaraçam,
Emperram; e somente d'alli passam

* Adereços, ornatos, enfeites.

« Se concertou com el-rei D. Afonso casar a infanta D. Joanna, sua irman, que então era de désesette annos, e a mais fermosa dama que havia em Hespanha, sem mais outro dote, que os *arreios* de sua pessoa e recamara. »

D. N. de Leão.

Ponho aqui ésta nota, porque ja houve crítico em

Com menino, ou menina que apparece;
Que então uma de lindo o encarece;
Outra o gaba de ser muito espertinho;
Outra pede um abraço, outra um beijinho,
Outra, e outra; de modo que a criança,
Depois de se metter n'aquella dança,
Não leva menos voltas, menos tratos,
Do que tinham levado antes os fatos.
  Entra a mãe com a voz de trombetinha
A contar perfeições da criancinha:
Eisaqui o que é séca verdadeira;
Frioleira atropella frioleira:
Cuida que todos gostam; mas d'aquella
Narração ninguem gosta senão ella:
A mãe por mãe parece-lhe ser boa:
O mais, que não é mãe, tudo se enjoa.
  Não fallemos no cha, e nas fatias,
N'aquellas duvidosas cortezias,
Se se hade pôr a chicara emborcada,
Se a colhér como tranca atravessada,
Ou dizer-se: «Não quero mais.» Sujeitos
Que o dizem, quanto a mim, vão mais direitos.
  Vamos á despedida: se a tractara
Algum poeta antigo, elle invocara

Lisboa, que disse — Que *arreios* so convinham a bêstas—mas o pouco ou nenhum estudo do idioma, em nossos tempos, faz dizer este e outros taes disparates.

Aqui a sua musa, supplicando,
Que os motetes sem fim lhe va lembrando.
Eu porêm que de musas do Parnaso,
Nem do seu grande Apollo faço caso,
Exporei o que tenho na lembrança;
Todas se poem empe : ha contradança;
Porque uma d'aqui passa, outra repaça,
Outra beija na face, a outra abraça.
Aqui entra o recado do vestido,
Das amostras que ja teem promettido,
De mandar de manhan buscar o bello
Traste, que se pediu para modello.
Assim correndo vão uma per uma,
E dando taes racados, que nenhuma
Lhe hade escapar das unhas sem recado;
Levam tempo infinito, e eu estacado,
Sempre empe aturando taes propostas,
Desejando de vê-las pelas costas.
Despedem-se, porêm não se despede
A séca; nova séca lhe succede
Das que ficam, que em tudo quanto havia
Nas outras, vão fazendo anatomia:
Notam uma de vir mal penteiada;
Dizem que outra não vinha bem pregada;
Ésta não lhe está bem côr amarella;
A verde não assenta bem n'aquella:
Qual traz tantos bisalhos, que na vista
Parece logo ser de capellista:
Qual é desmanchadona, qual procura

Fazer bello o carão com grossa untura;
E tam grande aranzel d'aqui se engenha,
Que é alta noite ja, sem que fim tenha.
Ora taes salabordias conversando,
Tam grande diffusão comprimentando,
Podem dar gôsto a algum que está de fora?
A mim não; e se alli fiz ja demora,
Foi so para observar aquella alhada;
Mas agora mal vejo alguma armada,
Procuro algum pretexto, marcho leve,
Fazendo a despedida muito breve.

MIGUEL DO COUTO GUERREIRO.

SATYRA IV.*

CONTRA ELMIRO.

EM DESAFFRONTA DE OUTRA.

Satyras prestam, satyras se estimam,
Quando n'ellas calúmnia o fel não verte;
Quando voz de censor, não voz de zoilo,
O vicio nota, o merito gradúa;
Quando forçado epitheto affrontoso,**
(Tal que nem cabe a ti) não une áquelles,

* N'ésta *satyra* (que bem póde equiparar-se ás mais mordentes de Juvenal) exhalou Bocage todo o fel de seu genio (facilmente irritavel) contra o escriptor que lhe menosprezou as producções; pois se lhe antolhava um zoilo todo o que o não acclamava o maior vate de seu tempo! Mas a pureza do estylo, muitos versos felizes, e sôbretudo alguns preceitos e regras n'ella semeiadas concernentes á arte de bem traduzir; arte que elle intendeu melhor que ninguem, por quanto (como bem disse o seu estimavel edictor, tarde e mui tarde veremos nascer em Portugal um poeta que o rivalize) foram os motivos que me resolveram a inseri-la n'ésta escolha.

**Epitheto de *tolo*, que na satyra mé dá Elmiro.—

Que ja na infancia consultavam Phebo.*
Elmiro, de Paris Cotins são vivos
No metro de Boileau mordaz, mas pulchro.
Codros, Crispinos, Clovienos soam
No latido feroz do cão de Apullia;
D'esse cuja moral mordendo imitas,
E cuja phantasia em vão rastejas.
Nos igneos versos, que Venuza illustram,
Nos que d'eterna fama honraram Mantua,
Involtos no ludibrio existem Bavios,
Mevios existem, e a existencia d'elles,
(Se podesse durar) sería a tua.
Refalçado animal, das trevas socio,
Depôe, não vistas de cordeiro a pelle.
Da razão, da justiça, o dom que arrogas,
Jamais purificou teus labios torpes;
Torpes do lamaçal, d'onde zunindo
Nuvens d'insectos vis, te sobem trovas
Á mente, erma d'ideias, nua d'arte.
Como hasde, ó zoilo, eternizar meu nome,
Se os fados permanencia ao teu vedaram?
Se a ponte que os heroes transpoem seguros,
Tem fatal boqueirão, per onde absorto
Irás ao vilipendio, irás ao nada;
Ficando emcima illeso o honrado nome,

* Vate nasci; fui vate inda na quadra,
Em que o vèllo viril macio e tenro
Semelha o mimo da virginea face.

Que em dicterios plebeus, em chulas phrases,
Debalde intentas submergir comtigo.
Compraza-te a razão, responde, e treme:
Do philosopho a tez, a tez do amante,
O ar de meditação, a imagem d'alma,
Em que fundas paixões a essencia minam,
(Paixões da natureza, e não das tuas);
O que parece em mim, da vista objecto,
A mesta pallidez, o olhar sombrio,
O que a preterição desingenhosa
Dos çujos trevios na linguage aponta,
Qu'importa, ó zoilo, ao litterato mundo?
Qu'importa descarnado e macilento
Não ter meu rosto o que alicía os olhos?
Em quanto nedio, rechonchudo á cústa
De vão festeiro, estupida irmandade,
Repimpado nos pulpitos, que aviltas,
Afofas teus sermões, venaes fazendas,
Cujos credores nos Elysios fervem!
Trovejas, enrouqueces, não comoves;
Gelas a contrição no centro d'alma!
Ostentas ferreo numen, ceos de bronze;
E cada berro minorando a turba,
Compras n'aldeia do barbeiro o voto:
Alli triumphas, e a cidade enjoas.
Tu de cerebro pingue, e pingue face,
Pharisaica ironía em vão rebuças,
Quando a penuria ao desvalido exprobras:
Que tem co' a natureza o que é da sorte?

Ou dá-me o plano d'attrahir-lhe as graças,
Mas sem que roje escravo; ou não profanes
Indigencia e moral, quaes tu não citas.
Pões-me d'inutil, de vadio a tacha
Tu que vadio, errante, obeso, inutil,
As praças d'Ulyssea á toa opprimes;
Ou do bom Daniel * na terrea estancia
Peçonhas d'invectiva espremes d'alma,
Qu'entre negros chapeos, tambem negreja: **
E ante o caixeiro boqui-aberto arrotas,
Arrotas ante o vulgo a *encyclopedia*:
Fadas e agouras o esplendor, qu'invejas:
Arranhas mortos, atrapalhas vivos:
Imputas a grandeza, a immunidade
Do eterno Mantuano, e dás a Estacio
Um grau, que entregue ao deus, que ardendo em estro,
De Thebas o cantor tentar não ousa,
Quando á musa da morte enfreia os vôos,
E quer que a *Eneida* *** ca de longe adore,
De preferencia atroz inda não pago.
Das graças ao cultor, d'amor ao vate,
Da Nasonia elegia aos sons piedosos,

* Chapelleiro bem conhecido.

** Verbo audaz e sabiamente collocado. Com razão se diz: O genio inventa, o espirito embelleza, o gôsto põe em seu lugar.

*** *Nec tu divinam Eneida tenta.*—

ESTACIO, Thebaida.

Que o Pindo ouviu com dor, com mágoa o Tibre,
Versos prepões Sarmatico-latinos; *
Versos qu'inda ao burel, e ao claustro cheiram,
E que affrontoso a ti, d'applausos crêas,
So por distarem de teus versos pouco,
Sanguesuga de putridos auctores,
Que vais em cobre vil remir das tendas.
Em quanto palavroso impões a nescios,
E a credulo tropel, roncando, affirmas
Que revolveste, o que roçaste apenas;
(Fallo das artes, das sciencias fallo);
Em quanto a estátua na ignorancia elevas,**
Os dias eu consumo, eu vélo as noites
Nos desornados indigentes lares:
Submisso aos fados meus, alli componho
Á pesada existencia honesto arrimo
Co'a mão, que Phebo estende aos seus, a poucos:
Alli deveres, que não tens, nem prézas,
Com fraternal piedade acato, exerço;
Cultivo affectos á tua alma estranhos,
Dando á virtude, quanto dás ao vicio.
Não m'envilece alli d'um frade o soldo;

* O ex-frade tem desenterrado das tendas e lojas de confeiteiros *elegias*, e outros versos de Jesuitas Polacos, que denodadamente prefere a Ovidio. —

** *Quoi donc! un écrivain veut que son nom partage*
Le tribut de louange offert à son ouvrage,
Et sans crime on ne peut, s'il blesse la raison,
La venger par un vers égayé de son nom!

Alli m'esforça ao genio, ou brio as azas
Coração bemfazejo; e tanto e tanto,
Que a ti, seu depressor, protege, acolhe ;
Que em redondo character te propaga
A rapsodia servil, poema intruso; *
Pilhagem que fizeste em cem volumes,
Teu pejado armazem d'alheios fardos,
Onde a monotonia os méche, os volve,
E onde teimosa apostrophe s'esfalfa,
Ja c'os ceos entendendo, ja co'a terra !
Inda não m'elevei do Pindo ao cume
Com fama, que assoberbe os summos vates;
Porêm, graças ao dom que não desdouras
Co' a birra stulta d'emperradas trovas,
Vou sobranceiro a ti, de longe te ólho;
E, na pública voz, que se não merca,
Elmano a cysne aspira, Elmiro é ganço ;
É ganço que patinha e s'enlameia

Comptable de l'ennui dont sa muse m'assomme,
Pourquoi s'est-il nommé; s'il ne veut qu'on le nomme?
Je prétends soulever les lecteurs détrompés
Contre un auteur bouffi de succès usurpés.—

GILBERT, Satyra II.

* *Contemplação da Natureza*, poema para elle, e rapsodia para mim, e para todos os conhecedores fastidiosa compilação: usurpadora apostrophe chama de seis em seis versos, pouco mais ou menos; desaloja o rancho das Irmans; e fica como vilão em casa de seu sogro.—

Em podres lodaçaes paúes do Lethes.
A círculos pueris, a vãos Narcisos,
A Lucrecias* na sala, e Lais** na alcova,
E inda ás sereias do tempo os bravos poupo,
Insulso rimador de facho e settas;
Nugas não douro, nem mendigo applausos
De vacuas frontes, plagiarias linguas;
Não sou, nem d'improviso, o que és d'espaço.
Claro auditorio meu, vingae-me a glória;
Vós, que em versos altísonos mil vezes
Me vistes ir voando ás fontes do estro,
Dizei, se me surgíram Grecia e Roma
Nas promptas explosões do enthusiasmo?***
Se a razão e a moral, se as leis, se a patria
Do metro destemido objectos foram;
Ou das Marilias d'hoje o riso ensosso,
Dos olhos o commércio, e não das almas,
O melindre sagaz, lição materna,
E a mercantil firmeza a cem votada?
Dizei..? mas contra ti sobeja Elmano:
Teus uívos, teus latidos não me aterram:

* Casta matrona romana.

** Meretriz grega.

***As pessoas, que nunca ouvíram Bocage, e com razão os nossos vindouros, difficultosamente poderão imaginar a successiva torrente de boa poesia, que com incrivel rapidez produzia nos accessos de seu enthusiasmo! Eu cito perante o tribunal da verdade todos aquelles que o ouvíram (ainda mesmo os

Sou do novo trifauce Alcides novo;
Inda não f.rto d'arranca-lo ás sombras,
As tres gargantas levarei d'um golpe;
E, se a canina espuma, ou sangue infesto,
Monstros gerar que multiplique a morte,
Das furias o tição lhes torre as frontes.
Braveja detractor, braveja insano,
Arde, blasphema em vão; d'algoz te sirva
Tenaz verdade, que te roe per dentro;
Em voz deprimes, o que admiras n'alma!
Se próvas queres, eu te exhibo as próvas
De que teu coração desdiz dos labios.
Traze á mente o lugar e a vez primeira,
Em que dado á tristeza, e curvo aos ferros,
Olhaste, ouviste Elmano, e grande o crêste,*
Quando inda os vôos tímido soltava
Na immensidade azul que aos astros guia;
E so da natureza encaminhado
Seguia o rasto d'amorosos cysnes,

seus inimigos), e que confessem se, assim como eu, o não admiraram! Talvez se podessem colligir-se as suas innumeraveis composições d'este genero (os improvisos) seriam respeitadas como o ultimo esfôrço do ingenho humano! Com todo o vigor se verificava em Bocage o *deus adsit in nobis*, *agitante cellessimus illo*. MONIZ.

* O satyrico antepõe os meus versos d'algum dia aos de hoje; affecta comtudo esquecer-se dos elogios que me fez sendo ainda frade graciano. —

Pousando muito á quem do grau que occupa,
Ainda carecente de ignea fôrça
Que á patria deu Leandro, Ignez, Medea
O antro dos zellos, d'Areneu e Argira
A história que o sabor colheu d'Ovidio
Na dicção narrativa, experta, idonea,
E o mais ás musas grato, e grato a Lysia.
Da estancia, onde nem sempre habita o crime,
Epistola sem sal, per ti guisada,
Em taes louvores incluiu meu nome:
Versos escuta, que negar não podes;
Estylo é teu, monotonia é tua;
O que n'elles s'involve escuta em prémio
Da empreza, que tomei de os pôr na mente:
« Do centro d'ésta grutta triste e muda,
Facundo Elmano, pelas musas dado,
O prisioneiro Elmiro te sauda,
De teus aureos talentos incantado
De ti so falla, so por ti suspira
Em teu divino canto arrebatado. »
Quem fertil nomeaste, e quem divino,
Hoje é servil, monótono, infecundo,
De texto opimo interprete engoiado? *
Co'a idade e estudo o genio em todos cresce;
Em mim desfalleceu co'a idade o estudo?
Responde a teu juiz, ao são criterio,

* Verso na satyra de Elmiro.—
Rasteiras copias de originaes suberbos.

Reo de lesa razão: trazer á patria
Nova fertilidade em plantas novas,
Manter-lhe as flôres, conservar-lhe os fructos
Quaes eram no sabor, na tez, na fórma,
Sendo o tronco, a raiz, a copa os mesmos,
Sem que os estranhe, ou desconheça o dono,
É fadiga vulgar? não tem mais preço
Do que esse que os carretos galardoa
De gallego boçal nos ferreos hombros?
Verter com melodia, ardor, pureza
O metro peregrino em luso metro,
Dos idiotismos aplanando o estôrvo,
D' um, d' outro idioma discernindo os genios,*
O character do texto expor na glosa,
Proprio tornando, e natural o alheio,
É ser bugio, papagaio, Elmiro?
Confronta originaes e as copias d'elles,
Verás se a musa, que de rastos pintas,
No vôo altivo o Sulmonense atinge,
Castel transcende, e com Delille hombreia?
Citas um verso mau, mil bons não citas?

* O Snr. C. X. é que tinha um bellissimo modo de traduzir: pegava d'um livro hespanhol, francez etc. e passeiando pela casa, em tom magistral, ia dictando a decantada versão a um amanuense; que, a todo o correr da penna, a estampava no papel, e era logo levada á imprensa, sem mais correcção ou mudança. Ora ponderem os leitores, que tratos não soffre o idioma portuguez em traducções d'essa estofa!

Citas um verso mau, que não transforma
Em matos os jardins? É natureza
Estarem par a par espinhos, flôres:
E não sabes, malevolo, que a regra
Une a tenues objectos simples phrase?
Se imparcial, se crítico escrevesses,
Centenas d'aureos versos apontaras
Sem d'um so deduzir sentença iniqua:
De Auzonia o quadro, ou venerando ou bello,
Com justa sábia mão presentarias:
—Idades cento blasonando ao longe
Co' a ruína immortal da excelsa Roma,*
Ante as aras carpindo amor, saudade,
E ao ceo medrosas lagrymas furtando
Aos amigos dos homens, e aos numes;
Na terra verdejando elysios novos,
Correntes sem rumor, como as do Lethes,
Os males na memoria adormecendo;
E em marmores corynthios alvejantes,
O grande Fenelon, e o grande Henrique. —
Se o rival de Virgilio, o que proclamas,
Porque de Gallia é filho, e não de Lysia;
A cujo seio, em que borbulham Genios,
Chamas, com lingua audaz, esteril d'elles!
Se o rival de Virgilio ouvisse, olhasse
O interprete fiel, não rude escravo,
Honrara c'um surriso uteis suores.
Pede ao molle Belmiro, anão de Phebo,

* *Poema dos Jardins*, canto IV.—

Ao que ergues uma vez, e mil derrubas;
Pede ao vampiro, que a ti mesmo, ha pouco,
Nas tendas, nos cafés deveu sarcasmos;
Pede ao bom Meliseu, d'Arcadia fauno,
De avelada existencia, e mente exhausta,*
Que affectas lamentar, e astuto abates;
Que por alfeloa troca os sons d'Euterpe,
(Os sons da sua Euterpe, e não da minha:)
Dize ao teu côro de garganta indocil,
(Sem qu'esqueça o pygmeu no corpo e n'alma;**)
Dize dos corvos d'Ulyssea ao bando,
Que interpretes, qual fui, d'eximios vates,
Não pagos d'ir no rasto, o vôo alteiem;
Ou tu mesmo apresenta, off'rece á crise
Do gordo original versão mirrada;
Sulcado o *Estacio* teu de unhadas minhas, ***
De muitas que soffreste, e que aproveitas:

*Elmiro, incapaz de açaimar a maledicencia que o characteriza, exprobra a penuria ao resequido Melizeu, em vez de lhe notar unicamente o sestro, com que antepõe um pau de alfeloa ás composições Euterpicas, em que podia afamar-se. —

**Todos sabem a applicação antiga d'aquelle meu verso. — *Pygmeu no corpo e n'alma* — Se houver todavia quem a ignore, declaro, que pertence a um nojento homeniculo engenhador de miudezas metricas, a quem o esquecimento de uma virgula arruinou um soneto; e que propaga e psalmeia a *satyra* de Elmiro, porque nunca fiz a injustiça de gabar os seus *nadas*. —

*** O indigno traductor d'*Estacio* me rogou mil

N'elle ó mágoa! ó labéo! per ti mudados
A pompa na indigencia, o lucto em riso,
Mostra em teus versos as imagens suas
Tibias, informes, encolhidas, mortas,
Desdentado leão, leão sem garras,
Que á longa idade succumbiu rugindo,
Mas leão, que de perto, inda é terribil,
E que no quadro teu vale um cordeiro!
Ousa mais, a *Lusiada* não sumas,*
Que o número de versos fez poema,
Tal que seu mesmo pae, sem dor o enterra!
Expõe no tribunal da eternidade
Monumentos d'audacia, não d'ingenho,
O prologo alteroso, em que abocanhas
Do luso Homero as veneraveis cinzas! **
E não de inepto, de apoucado arguas
Quem, porque teme a quéda, encolhe as azas;
Quem d'ephemerios vivas, não contente,

vezes que lhe castigasse a versão onde o character e phrase do original padecem inclemencias! —

* Movito de Elmiro aos seis mezes: obra em que a glória de Camões é enxovalhada no prologo, e resarcida no mais: o auctor a sumiu. —

***Que dans l'Europe entière on me montre un libelle*
Qui ne soit pas couvert d'une honte éternelle,
Ou qu'un oubli profond ne retienne englouti
Dans le fond du bourbier dont il était sorti.—

VOLTAIRE.

Chegando a mais que tu, se atreve a menos.
Nem somente Melpomene dispensa
Gran' nome, nem Calliope somente:
Como os Voltaires, na memoria vivem
La Fontaine, Chaulieux, subsistem n'ella:
Todos teem nome e grau, tu mesmo o dizes
Contradictorio tumido versista.
Themas que escolhes, generos que abraças,
Nem te honra, nem desluz: no desempenho
O lustre, a glória estão. Tem jus á fama
O vate, ou cante heroes, ou cante amores;
Comtanto que de Phebo as leis não torça
Aos mais varios assumptos ajustadas.
Co' a materia convem casar o estylo;
Levante-se a expressão, se é grande a ideia;
Se a ideia é negra, a locução negreje;
E tenue sendo, se atenue a phrase.
Segue o que tens de cór, mas não practícas;
Serás o que não es, o que não foste,
Quando das *musas* no *Almanak*... ai triste,
Que a par de seus irmãos morre de traça!
Forjaste d'uma freira equorea nympha, *
Jacintha d'um tritão fingiste accesa!
Chamaste grande, harmonico a Lereno; **

* Em um dos *Almanaks* citados ha um Idyllio piscatorio de Elmiro em que uma nympha do mar se chama Jacintha; nome que juncto com a pessoa, próva a gósto do auctor.—

** Auctor de cantiguinhas com seus *ai lé lé*.

Ao fusco trovador, que em Papagaio*
Transformaste depois, havendo impado
Com taverna1 chanfana, alarve almôço
A expensas do coitado Orangotango,
Que uma serpe engordou, cevando Elmiro.
Os teus vicios em rosto aos mais não lances,
Tu furia, tu dragão, que entornas peste
Por systhema, por hábito, por genio!
Os sette, que detrais, em que te aggravam?
Querias par a par subir com elles
Nas azas do louvor a ignotos climas?
Que disseras, mordaz, quando a mimosa,
Quando a celeste Catalani** exhala
Milagres de ternura, e de harmonia;
Sim, que disseras, se ultrajando a scena,
De rouquenha bandurra um biltre armado,
Ante a assemblea estatica impingisse
Solfa mazomba, hispanico bolero?
Pois isto, ó zoilo, tam improprio fôra,
Como annexar teu nome aos sette, e aos outros
Que do silencio meu não colhem manchas,
Nem carecem de mim, per si famosos,
E á muito em lyra eterna ao pólo erguidos!

* Metamorphose de Lereno em papagaio no tempo que Elmiro almoçava com elle: acção que advoga pola moral do pregador, tam superflue como os insectos. —

**Famosa cantora italiana, que representou muito tempo no theatro de san' Carlos em Lisboa.

Verdade, rectidão, vós sois meus numes;
Ve se as adoro ó zoilo! eu amo Alcino,
Filinto, Corydon, Elpino eu louvo;
Todo me apraz Dorindo, Alfeno em parte:
Nas trevas para mim reluz Thomino;
Nos Genios transcendentes me arrebato;
Prézo alumnos phebeus, desprézo Elmiros.
D'alta justiça que mais próva exiges
Tu que de iniquo e parcial me increpas?
Tu que em vez de razões, oprobrios vibras
Perante um mundo, que te sabe a história?
Tu que afeito á moral dos Tupinambas,
Tens ampla consciencia, onde a amizade,
Onde amor e outros vinculos sagrados
São nomes vãos, phantasticos direitos?
Tu... mas lingua de bronze, e voz de ferro
Mal de teus vicios a expressão dariam
Indomito molosso, ardido ex-frade:
É comtigo a razão qual é co' as ondas
Arte e saber de naúfrago piloto:
Serás qual es, e morrerás qual vives.
Prosegue em detrahir-me, em praguejar-me;
Porque Delio dos prologos te exclue:
Pregoa, espalha em satyras, em lojas,
Que zoilos não mereço, e sê meu zoilo:
Chama-me de Thisyphone enteado;
Porque em femeo Belmirico falsete
Não juncto os zelos, não descrevo a morte.
Erra versos, e versos sentenceia:

Condena-me a cantar d'Ulina os damnos;
Aggrega o magro Elmano ao fulo Esbarra;
Ignora o — *baquear* — que é verbo antigo,*
Dos Souzas, dos Arraes somente usado:
Montonymias, synecdoches dispensa:
Dá-me as pueris antithesis, que odeio:
D'estofador d'anaphoras me encoima: **
Faze entre insanias, um prodigio faze,
Qual anda o caranguejo, andar meus versos:
Suppoe-me entre barris, entre marujos,
(D'alguns talvez teu sangue as veias honre!)
Mas não desmaies na carreira: ávante,
Eia ardor, coração... vaidade ao menos!...
As oitavas ao Gama esconde embora;
N'isso nem perdes tu, nem perde o mundo;
Mas venha o mais, *epistolas*, *sonetos*,
Odes, *canções*, *metamorphoses*, *tudo*,
Na frente pões teu nome, estou vingado.***

BOCAGE.

* Veja-se a nota da pagina 155, no II volume d'ésta escolha.

** Accusa.

*** *Laissez un vil Zoïle aux fanges du Parnasse,*
De ses croassemens importuner le ciel,
Agir avec bassesse, écrire avec audace,
Et s'abreuver de fiel. —

VOLTAIRE.

Todas as notas com o signal — são de Bocage.

SATYRA V.

O BILHAR.*

Por fugir da cruel melancholia,
Que a estragada cabeça me atropella,
Largando o pobre leito, em que jazia,
Fui sentar-me n'um canto da janella;
D'alli pela miúda gelozia,
Espreitando, qual tímida donzella,
De tudo quanto vi te darei parte,
Se a tanto me adjudar ingenho e arte. **
Mora defronte roto guriteiro,
Com jogo de bilhar e carambola;
Onde ao domingo o lepido caixeiro
Co' a loja do patrão vai dando á sola;

* Ésta *satyra* é olhada pelos conhecedores como uma obra prima no seu genero. Que singeleza unida a uma arte infinita! que propriedade de estylo, e que atecismo! É impossivel narrar melhor. O auctor possuía o segredo de dar vida e graça a tudo.

** Verso de Camões.

Gyra no liso verde taboleiro,
De indiano marfim lascada bola,
Erguendo aos ares perigosos saltos:
Chamam-lhe os mestres d'arte *truques altos*.
Alli se ajuncta bando de casquilhos,
A que o vulgo mordaz chama rafados;
Alto topete, prenhe de polvilhos,
Que descalço gallego deu fiados:
De quebrados tafues, vadios filhos,
Pelas vastas tablilhas encostados,
Altercam mil questões; promptos contendem;
Promptos decidem no que nada intendem.
Um quer ver (enfronhado em picaria)
Silvada testa no andaluz ginete;
Outro próva no chão a ponta fria
Do luzidio virginal florete:
Mais amante da paz, outro elogia
Do bom *Dupré* o airoso minuete;
E pôsto empe, para imitar-lhe os passos,
Alteia o peito, e vai torcendo os braços.
Aventuras de amor outro contando,
Mostra os escriptos de Nerina bella,
Onde a mão adoravel foi lançando,
Com penna de perum lettra amarella:
Vai com trabalho o triste solettrando
As tortas regras, que boçal donzella,
De emprestadas finezas carregara,
Que piedosa vizinha lhe dictara.
Então diz, «que finissima madeixa

Lhe ondeia sôbre o hombro torneado;
Alli suspira o triste, alli se queixa
De ir sendo ja per ella desprezado:
Conta, chorando, que ésta ingrata o deixa
Por esbelto cadete, que rafado,
Por mais que ao usurario os soldos peça,
A bolsa sempre tem como a cabeça.»

Álçando mais os olhos, vi defronte
Malhando a fio rígido banqueiro;
Que tendo ja de marcas alto monte,
Ia despindo o misero parceiro:
Em quanto um diz «que lavre, outro que conte,»
Sem valerem os oculos do olheiro,
N'uma paz ja vencida, um ponto afoito,
Subtilmente lhe encaixa *duas de oito*.

O perito banqueiro afronta os medos,
Tendo nas mãos em que se va vingando;
Com cuspo milagroso ungindo os dedos,
Vai destramente as cartas recuando:
De sciencia infernal, subtis segredos,
Com mão ligeira prompto executando,
Marcando cartas, inventando nicas,
Fazia, em vez de banca, peloticas.

Mas não se livra de subtil calote,
Que um velho mansamente lhe tecia;
Julgando-o todos misero pixote,
Parolins de campanha impune erguia:
Embuçado em diaphano capote,
Per um buraco os ganhos recebia;

Fóra no *Cabra* das melhores pernas;
Hoje joga os *tres settes* nas tavernas.
Os roixos olhos para o ar alçados,
Encostado na quina de um bofette,
Pensativo taful mordia uns dados,
Que seis vezes tiraram *quatro a sette*:
Com suspeitas de que eram carregados,
Em duro almofariz o triste os mette;
E a golpes de martello aberto o centro,
Per fóra são marfim, chumbo per dentro.
Mais ao longe, com pallida viseira,
Çujo poeta está vociferando;
Da nojosa empeçada cabelleira
Varias pontas de palha veem brotando:
Os papeis, que lhe pejam a algibeira,
Vão pelo forro larga porta achando;
Faz da véstia camisa; e é collarinho
Torcido solitario pescocinho.
Fôra cem vezes em nocturno oiteiro
Da sábia padaria apadrinhado;
E diz-se que glosava por dinheiro,
Mas creio que atéqui não tem cobrado:
Seguindo em môço o officio de barbeiro,
E das filhas de Jove * namorado,
Abriu ao mundo asperrima batalha,
Tanto co' a penna, como co' a navalha.
Fallou, por affectar musa campestre,

* As musas.

Em surrão e cajado muitas vezes;
Era um flagello este tyranno mestre
Dos ouvidos e faces dos freguezes:
Todos os versos leu da estátua equestre,
E todos os famosos entremezes,
Que no arsenal ao vago caminhante
Se vendem a cavallo n'um barbante.

De cançada rançosa poesia
Grosso volume na algibeira andava;
Em vendo gente, logo la corria,
E o fatal cartapacio lhe empurrava:*
Acrosticos sonetos repetia,
Que so elle intendia, e so louvava;
Punha em prosa tambem muita parola,
E acabava porfim pedindo esmola.

* A frenetica mania d'este mau poeta, traz-me á lembrança os seguintes versos de Boileau:

Gardez-vous d'imiter ce rimeur furieux [1]
Qui, de ses vains écrits lecteur harmonieux,
Aborde en récitant quiconque le salue,
Et poursuit de ses vers les passans dans la rue.
Il n'est temple si saint des anges respecté
Qui soit contre sa muse un lieu de sûreté.

[1] *Durant toute une messe, Dupérier récitait à Boileau une* ode *qui avait concouru sans succès pour le prix proposé par l'Académie française. Au moment de l'*élévation, *Dupérier s'écria:* « Ils ont dit que mes vers étaient trop malherbiens! »

Este, ouvindo da turba as prosas frias,
E acceso do Parnaso em sancto zelo,
Alçando a voz, cantou doces poesias,
Que invejou de Latona o filho belo; *
Jurando que as fizera em poucos dias,
Prometteu que as havia dar ao prelo;
Mas da roda um dos menos depravados,
Em desconto as ouviu dos seus peccados.

«Debalde (diz) o povo vil perverso
Sôbre mim descarrega tiros rudos;
Que eu não so sou poeta desde o berço,
Mas tambem tenho solidos estudos:
Sei que syllabas leva cada verso,
E não misturo graves com agudos:
Rompi outeiros em sanct' Anna e Chellas;
Chamei sol, á prelada, ás mais, estrellas.

Co' as sonoras palavras *Pindo* e *Pletro*,
Ponho em meus versos locução divina;
E sei, para cumprir as leis do metro,
Quanto a história das fabulas me ensina:
Sei que dos ceos tem Jupiter o sceptro,
Que nos infernos reina Proserpina;
Á madrugada sempre chamo aurora;
Sempre chamo a um jasmim mimo de Flora.

Sei decerto em que tempo viu o mundo,
Filhos da terra, os quatro irmãos gigantes;
Sei finalmente conhecer a fundo

* Apollo.

O que são consoantes ou toantes:
Sei tudo; e unicamente me confundo
C'uns taes versinhos, que eu não via d'antes;
Aos novos ursos todo o povo acode,
O estylo é sybillino, o nome é *ode.*

Faze-las eu não posso, nem desejo;
Porêm sei conhece-las facilmente:
Co'as verdes mãos o serpeado Tejo
Alça o trilingue madido tridente;
Mas que Gorgona filtra? eu vejo!... eu vejo!...
Em dizendo isto, é ode certamente;
É filha d'arte a escuridade d'ellas,
É um preceito das *desordens bellas.* *

As taes poesias (que a intender não chego)
Podres palavras teem desenterrado;
Se levam nó é tam occulto e cego,
Que quem quer desata-lo, vai logrado:
Dizem que imitam n'isto um certo Grego,
Glória de Thebas, Pindaro chamado;
Se isto é assim, a sua lingua de oiro
Sería grega, mas fallava moiro.

Quatro rapazes estendendo o pano,
Deixam as gentes aoredor absortas;
Fallando em Venuzino e Mantuano,
As musas portuguezas poem per portas:

* *Son style impétueux souvent marche au hasard:*
Chez elle un beau désordre *est un effet de l'art.*
BOILEAU, Art. poet.

Aprendendo francez e italiano,
E umas taes linguas, a que chamam mortas,
Trazem com ellas perígosas modas;
Mas ainda bem, que eu as ignoro todas.
Diz um sabio — «que o seculo presente
Ia emendando os erros do passado;
Mas que das odes a infeliz torrente
Tinha a lingua outra vez estropeado:
Que amontoam com mão impertinente
Quantas palavras velhas teem achado;
Que se envergonham das que usamos todos,
E vão busca-las muito alêm dos Godos.»
Como a caruncho e podridão condena
A lição affectada dos antigos;
Não leio Barros, Souza, nem Lucena,
Porque sempre foi bom fugir dos p'rigos:
Ou sempre escreveu mal a sua pena,
Ou nunca os lêram bem os taes amigos:
E por cautella, arreda bolorentos
Ginjas fataes do tempo de quinhentos!
Não podem crer os Genios lusitanos,
Que as modas, como as vidas, são pequenas;
Que ja murchou esse estro dos Romanos,
E influem sóbre nós outras camenas:
Que o tempo tragador, volvendo os annos,
Fez caír Roma, fez caír Athenas;
Que jaz no po a Iliada involvida,
E que alça a frente a *Phenix-renascida.* *

* Para dar uma amostrinha aos meus leitores do

Mais ia per diante o monstro horrendo *
C'o sermão, que ninguem lhe encommendara;
Mas inimiga mão lhe foi batendo
C'um baralho de cartas pela cara:
Era um ponto infeliz, que estando ardendo,
No innocente poeta se vingara;
Que não sentiu o ver-se maltractado,
Mas ter a porcos perolas lançado.
Eis que o dono da casa espavorido,

estylo da maior parte das poesias, que compoem a tal *Phenix-renascida*, transcreverei aqui um soneto de Fr. Jeronimo Vahia, feito a um *gyrasol*. Acha-se nas obras de Francisco Manuel.

Amante *gyrasol*, aguia das flores,
Que com *vista de bronze*, em olhos de *ouro*,
Cantas no *louro deus*, no *deus do louro*
Iguaes a suas luzes, teus ardores:
Tu, que finezas mil, e mil rigores
Mostras sem prémio, e vestes sem desdouro;
Pallido pelo amor, pelo sol louro,
Côres do teu amor, do teu sol *cores*:
Tambem pallido sou, tambem amante;
Um sol amo tambem, pois amo Estella,
E se *foges veloz*, sigo constante.
Mas eu te venço a ti, vence ao sol ella;
Pois tu no amor pygmeu, eu sou gigante;
E Estella é *sol na luz*, e o *sol estrella*.

VIVA!

* Verso de Camões.

Em castigo da sordida cubiça,
Vem co' as mãos na cabeça —« Estou perdido,
Tenho as casas cercadas de justiça ! »
Era domingo, e um ponto arrependido,
Sentiu então o não ter ido á missa :
Não valem rogos seus, nem do banqueiro;
É mais brando um leão, que um quadrilheiro!
Mas ja faminto alcaide carrancudo
Grita no meio da voraz procella:
— « Bota o cordão, *Manteiga*, agarra tudo,
E sentido não saltem da janella ! »
Forçoso quadrilheiro alto e membrudo,
Aos desgraçados põe de sentinella:
Soam algemas, lançam-se cordões;
Cortam-se atrás os coses dos calções.
Então o triste povo sitiado
Faz das bolsas bandeiras de amizade;
Capitula em dinheiro de contado,
Negoceia-se a paz com brevidade:
Sentiu-se o bom esbirro lastimado,
E aos infelizes deu a liberdade:
Pagou-lhe o ceo tam sancto beneficio,
Jaz na enxovía, e tem perdido o officio.
Eisaqui, meu Alcino, tenho exposto
A medicina que me tem sarado;
E como trazes o quebrado rosto
De lagrymas de dor sempre inundado;
Vem visitar-me um dia, que eu aposto,
Que para casa voltarás curado,

Nos costumes tambem; que aqui enfreias
As baldas proprias, rindo das alheias.

NICOLAU TOLENTINO.

Póde-se dizer do nosso amavel *satyrico* o que ja de Moliere disse um escriptor francez.

« Il ne fait que des peintures générales; il ne nomme personne; et les traits qu'il lance frappent d'autant plus sûrement, qu'ils frappent de tous côtés.»

SATYRA VI.

OS AMANTES.*

Amor, é falso o que dizes;
Teu bom rosto é contrafeito;
Tenta novos infelizes;
Que eu inda trago no peito
Mui frescas as cicatrizes.
O teu mel, é mel azedo;
Não creio em teu gazalhado;
Mostras-me em vão rosto ledo:
Ja estou muito escaldado,
Ja d'aguas frias hei medo. **

* . . . . Se ajunctar quizeres
Obra de nossa idade, a mor que temos,
Ajuncta-lhe as *quintilhas* saborosas
Do claro Tolentino.
Primores cortezãos, ricos fallares,
Plautinas graças, joviaes donaires,
Flôres de toda a vária côr lançaram
Em seu regaço as musas.

A. R. DOS SANTOS

** Proverbio mui antigo e usual.

Teus premios são pranto e dor;
Chóro os mal-gastados annos,
Em que servi tal senhor;
Mas tirei dos teus enganos
O saír bom pregador.

Fartei-te assás a vontade;
Em vãos suspiros, e em queixas
Me levaste a mocidade:
E nem ao menos me deixas
Os restos da curta idade?

Es como os cães esfaimados,
Que comendo os troncos quentes,
Per destro negro esfolados,
Levam nos ávidos dentes
Os ossos ensanguentados?

Bem vejo aljava dourada
Os hombros nus adornarte:
Amigo, muda de estrada;
Põe a mira em outra parte,
Que d'aqui não tiras nada.

Busca algum fofo morgado,
Que sôlto ja dos tutores,
Ao domingo penteiado,
Vai dizendo á toa amores
Pelás pias encostado.

Que sisuda casa honrada,
De papeis nunca avarento,
Dá com mão refalseiada
Escriptos de casamento,

Ora á filha, ora á criada.
  Genealogico comprado
Lhe concede, a pêso d'oirò,
Em castello imaginado,
Cabeça de fusco moiro
Sôbre escudo golpeiado.
  Árvores de geração
Em pergaminho enrolado,
Provas innegaveis são;
É um ramo desgraçado
De antigos reis de Aragão!
  Dando ao moxilla o lasão,
De Phylis a escada emboca,
Sempre em ar de protecção;
Alvo palito na boca,
Branda varinha na mão.
  Zomba dos falsos brazões
Que não são no berço achados;
E diz á môça as razões
De ter no teliz bordados
Dous cães, e quinze leões.
  As histórias lhe declara
D'aquellas guerras felizes;
E mostra com mão avara,
Os ossos de dés narizes
Que seu quinto avô cortara.
  Aturde a môça boçal
Com cem quintas, cem commendas;
E armando um mappa geral

Das suas immensas rendas,
Vai-se sem lhe dar real.*
Mas se a teus farpões dourados
Não achas digno consumo,
E os julgas mal empregados
N'éstas cabeças de fumo,
N'estes peitos altanados;
Busca algum novel basbaque,
Que por pobre não saía,
Mas ja mette o bairro a saque,
Depois que ingenhosa tia
Lhe armou de uma saia um fraque.
Que gravesinho namora
Com brando e risonho aspeito;
Ponta de lenço de fora,
Mólho de flôres no peito,
Prenda de certa senhora.
Que um trapo a seu geito ordena,
Temendo o po das calçadas;
E antes de entrar na novena,
Com cuspo, pelas escadas,
Vai dando aos çapatos crena.
De gêlo as pedras cubertas,
Como ás vezes me fizeste,
Alta noite, e a horas certas,
Quando o rígido nordeste

* O ridículo assim espalhado destramente, dá mais fôrça e incanto á verdade.

Deixou as ruas desertas;
  Oiça duros assobios,
Precursores de alto insulto;
Retalhem-no ventos frios;
Ladrem ao postado vulto
Cem nocturnos cães vadios.
  De paisanos salteiado,
(Ronda sem fe, e sem lei,)
De espadas velhas cercado,
E ao som *da parte de el-rei*,
Per fôrça desembuçado.
  Membrudo cabo vermelho
O apalpe entre os mais senhores;
Acha uma escova, e um espelho,
Désoito escriptos de amores,
E um çujo lencinho velho.
  Firam teus accesos raios
Tambem na gentalha vil,
De crestados peitos baios,
Que começando em barril,
Vão, por augmento, a lacaios.
  Busca algum que da cocheira,
Quando o patrão não sai fora,
Com os olhos na trapeira,
Limpando a sege, namora
Desgrenhada cuzinheira.
  Que de noite á sua porta,
Com famosos tangedores,

Que o Talaveiras * conforta,
Lhe manda ternos amores
Sôbre as azas da comporta:
  Aquem a çuja donzella,
Por almôço do costume,
Manda em sordida tigella
O primitivo chorume
Da desflorada panella.
  E se te não satisfazes
Com tanta conquista brava,
Que n'ésta canalha fazes;
E ainda a funesta aljava
Pejada de settas trazes;
  Não tens velhas presumidas,
Que em fim de mez fingem dôres,
So ás môças concedidas;
E teem de compradas côres
As roixas faces tingidas?
  Cuja boca pestilente,
Ante um espelho ensaiada,
Torcendo-se destramente,
Aprende a abrir a risada
Per onde inda resta um dente?
  Que ha sessenta annos donzellas,
(Caso raras vezes visto!)
Teem titulos de capellas,

* Casa de povo.

Com um hábito de Christo
Para quem casar com ellas?
Busca alguma de bom caco,
Que pela fenda da saia
Marinhando o braço fraco,
Fisga o lenço de cambraia,
Afastando o de tabaco.
Que em festival sociedade
Até o rapé reprova,
Chamando-lhe porquidade;
E vai fartar-se na alcova
De *sumonte*, e de *cidade*.
Amor, faze éstas em postas;
Vai-lhe das lagrymas rindo,
Ja que de lagrymas gostas;
E não andes perseguindo
A quem te virou as costas.
Porêm se da plebe escura
Em pouco o triumpho prezas,
E queres fina ternura,
Extremos, delicadezas,
Os freiraticos procura:
Gentes de mais alta esteira,
Ternos finos corações,
Que em fechada papeleira
Vão guardando em batalhões
As cartas da sua freira.
Em chegando a conductora,
Que os sacrilegios ateia,

Um d'estes de gôsto chora,
Lambe com respeito a obreia,
Por ter cuspo da senhora.
Pôsto na insipida * grade,
Em almiscar perfumado,
Todo amor, todo saudade,
Comendo, em doce babado,
Os sobejos de algum frade.
Ao sublime estylo guinda
Sua discrição notoria;
A que logo a freira linda,
Revolvendo na memoria
Os dous livros da *Florinda*, **
Responde: « *Os conceitos sigam*
Os holocaustos do altar;
Pois são, e as chammas o digam,
Pedir, quem póde mandar,
Preceitos que mais obrigam. » ***
Entretanto um chantre velho,
A quem a rodeira engoda,

* Todos os epithetos de que usa o nosso *satyrico* são adequadissimos.

** Novellas muito estimadas das senhoras.

*** Lingua *freira* ou *freiratica*, é uma certa lingua delambida, inintelligivel (por muito refinada) despida de todo o termo energico, confeitada de phrases de conventual invenção, cujo significado é só claro para os adeptos.

FRANCISCO MANUEL.

E que, em fechando o evangelho,
Vai metter dentro da roda
O seu cachaço vermelho :
  Freiratico por fadario,
Tam goloso, como amante,
Condecinhas pelo armario,
E sôbre a deserta estante
Manjar-branco, e o breviario.
  Que em podre philosophia,
Sectario da antiga lei,
Os Universaes sabia ;
E armado do *a parte rei*,
Tudo a eito distinguia :
  Arranca oleoso escarro ;
Diz á rodeira um conceito
D'aquelles que ja teem sarro;
Mette os oculos no peito,
Throno de amor e catarro.
  Pois ja que estes peitos vão
Franca entrada offerecer-te,
Amor, carrega-lhe a mão;
Aprendam a conhecer-te,
Mas paguem caro a lição.
  Mette n'um carcere a dama;
Do bom chantre* os calcanhares

*... *Cet épais et lourd cafard*
Qu'ébaucha le ciel au hasard
Pour végéter, ronfler et paître.
GRESSET.

Vão curtir gotta na cama;
E o secular cruze os mares
Que foi descubrir o Gama.
  E se queres empregar
As tuas settas de prova,
Quando alva lua raiar,
Vai sobre a *Ribeira-nova*
As azas equilibrar.
  Brandos vestidos tomados
Descubrindo as saias altas;
Entre as nuvens os toucados;
E com esbeltos peraltas
Os braços entrelaçados.
  Verás ser acceito logo
Teu riso enganoso e brando;
Não esperam per teu rogo;
E em tu do alto assoprando,
Verás chammejar o fogo.
  Que alvos dedos delicados
A furto se vão beijando,
Em quanto os pàes descuidados
A loja nova admirando
Pararam embasbacados!
  Verás sisudo estrangeiro
Contando grossos tostões
Ao refinado brejeiro,
Correio de corações,
Que se compram por dinheiro.
  Verás móça rebocada,

Na cabeça lenço çujo,
Rota capa sobraçada,
Recebendo do marujo
Um copo de limonada.

E em quanto escuto os gemidos
Que arrancas de tantos seios,
Deixa que em montes erguidos
Veja os naufragios alheios,
Enxugando os meus vestidos.

Se até nos teus estimados
Hervadas settas se embebem;
Se do teu riso enganados
Com bocas sedentas bebem
Veneno em vasos dourados:

Vão pe, ante pe guiados
Per peitada cuzinheira;
Mas vendo os paes levantados,
Dentro de enrolada esteira
Ficam n'um canto emboscados:

Quando alta noite susurra
Rijo sibyllante vento,
Que as grossas portas empurra;
E acorda o velho avarento
Com os cuidados na burra:

Salta da cama ligeiro,
Corre portas e janellas,
Registando o quarto inteiro,
Em ceroulas e chinellas,
Com pistola e candieiro:

Que tremor de coração,
Que semblantes enfiados
Os amantes não terão,
Que c'os collos levantados
Ouvindo o rumor estão?

Da janella debruçada
Desinvolve degraus falços
Pallida dama assustada;
Os mimosos pés descalços,
A madeixa ao vento dada:

Pois se estes teus escolhidos,
Por cabedaes, por figura,
Das Nises favorecidos,
Maldizem sua ventura,
E descem arrependidos;

Como hei de eu crer-te, que apenas
Vi de longe tranças de ouro?
Debalde outro engano ordenas
Aquem de teu vão thezouro
Nunca teve mais que penas.

De teu rol meu nome risca;
Em peito inda não cortado
Cevados anzoes arrisca;
Mas com peixe ja sangrado,
Não gastes a tua isca.

De meu pranto rociadas
Penduro as fataes cadeias,
Ao som de meus ais forjadas;
Arranco das rotas veias

Cruas settas despontadas:
  Sangue innocente esparzíram;
Mais á ideia me não tragas
Uns olhos, que enxutos víram
Éstas desgraçadas chagas,
Que em teu serviço se abríram.
  Dei-te os cuidados, e os dias;
De tudo ja foste dono;
Restam so melancholias:
Que gloria te dá um throno
Pôsto sôbre cinzas frias?
  Teus golpes de mim que esperam?
Dá fôlgo aos escravos mancos,
Que em teu carro entorpeceram;
Deixa em paz cabellos brancos,
Que entre os teus ferros nasceram.

NICOLAU TOLENTINO.

SATYRA VII.

O PASSEIO.

A vós, que favor me dais,
Illustre e sabio Martinho, *
Que meu fraco ingenho alçais,
E das lettras o caminho
Dentro d'ellas me mostrais:
Homem são, e sem reserva,
Que pondes sangue de parte,
Que vãos respeitos conserva;
Nutrido aos braços de Marte
Com o leite de Minerva:
Vosso servo hoje se atreve
A mandar em má poesia
Bons desejos que ter deve;
Que tenhais paz e alegria,
Mais que o triste que isto escreve:
Que n'essas vastas campinas,
Que assombram ermos outeiros,
Vivais horas mais beninas;

* D. Martinho de Almeida.

Livre de duros banqueiros,
Livre de ingratas Nerinas.
  Em boa tarde mandae
Farpear bravo novilho;
Com o conde passeiae;
Ide adoçando c'o filho
Justas saudades do pae.
  Ensinae-lhe altas verdades,
Aos vossos olhos patentes;
Mostrae-lhe n'essas herdades
Os prazeres innocentes
Que fugíram das cidades.
  Que ame a pura singeleza,
De que os campos são figura;
Que não se fie em grandeza;
Que uma, é obra da ventura,
E a outra, da natureza.
  Mas voltando a nós a mão,
Vós philosopho profundo,
Que conversais com Platão,
Vêde se lhe achais um mundo,
Que nos encha o coração:
  Que este em que estamos, senhor,
Sempre surdo a sãos conselhos,
Volve a roda a seu sabor;
E dizem pilotos velhos,
« Que vai de mal a peior. »
  Quantas vezes nós fallamos
Sôbre a sua natureza?

Quantas mazellas lhe achamos?
Porém temos a fraqueza
De amar o que condenamos!
O bom Democrito * ria
Do que a nós nos causa dor;
Elle mui bem o intendia:
Vamos nós tambem, senhor,
Fazer o que elle fazia.
Dos homens na van loucura
Um pouco meditaremos;
E com alchimia segura,
Do mal alheio faremos
Para o nosso mal a cura.
Quando vierdes, então
Correremos a cidade;
Uns que véem, outros que vão:
Acharemos á vontade
Onde mettamos a mão.
Veremos o vão peralta
Calcando importuna** lama,
Que as alvas meias lhe esmalta,
Na esteira de esquiva dama
Que de pedra em pedra salta. ***
Aos cafés iremos vêllo

* Philosopho grego.

** Bello epitheto!

***O nosso poeta satyrico tem tal destreza e variedade nas pinturas alegres; dá-lhe uns toques tam bellos e verdadeiros, que deleita summamente.

No mostrador encostado
Sôbre o curvo cotovêllo,
Tendo á esquerda sobraçado
Gigante chapeo de pêllo.
Alli em regras de dança,
Com outros taes conversando,
Dirá, que desde criança
Andou sempre viajando,
Que viu Londres, que viu França:
Que gastou grossos dinheiros;
Pois ver com socêgo quis
Cidades, reinos inteiros:
Jura que como em Paris
Nunca achou cabelleireiros.
Exalta os môlhos francezes
Dos banquetes que lhe deram;
E balbuciará ás vezes,
Fingindo que lhe esqueceram
Muitos termos portuguezes.*
Chamará á patria ingrata:

*Não é exageração: um conheci eu aqui em París, que, quando lhe fallavam em portuguez, respondia sempre em francez; e n'este mesmo idioma (em que apenas começava a exprimir-se) pedia á pessoa que o interrogava — *Lhe desculpasse o não lhe responder em portuguez, porque já lhe não lembravam os termos d'essa lingua!* — Ora o tal bonifrate, não havia bem dous mezes que deixara Lisboa, e já desprezava o seu idioma!...

Murmurará do governo,
Que do bom gôsto não trata,
E consente que de hinverno
Haja fivellas de prata.
Em dous minutos emenda
O mundo, que vai perdido;
E quer que com elle aprenda
Em que quadra, e em que vestido
São proprios punhos de renda.
Carregando a sobrancelha,
A fallar na história salta;
E logo da França velha
Reconta o pobre peralta
Cousas que pescou de orelha.
Faz ao bom Sully* justiça,
Que os fios da espada embota
Ao rei, que em furor se atiça;
E não lhe esquece a anecdota,
Que um reino vale uma missa.
Falla em *san' Bartholomeu*,**

* Ministro francez. Affeiçoou-se, inda môço, a Henrique IV, primeiramente principe, depois rei de Navarra, e per ultimo rei de França; do qual grangeou toda a confiança, alèm de muitas honras e beneficios.

** *Jour affreux, jour fatal au monde,*
Que l'abîme éternel du temps
Te couvre de sa nuit profonde!

E quasi que as gottas conta
De sangue que então correu;
E ao certo as folhas aponta
Da história que nunca leu.
Riremos do seu estudo;
Porque so o tem mostrado
Em ter chapeo gadelhudo,
Em ter canhão cerceado,
E em pôr de mais um canudo.*
Iremos ouvir mil petas,
Quando mais o sol se empina,
Vendo acerrimos jarretas,
Juncto a sancta Catherina,
Argumentando em gazetas.
Um quer a cabeça dar,
Se o conde d' *Estaing* não fez

Tombe à jamais enseveli
Dans le grand fleuve de l'oubli,
Séjour de notre antique histoire!
VOLTAIRE.

*A pintura que faz Francisco Manuel de um d'estes petimetres que se mettem a criticos de obras traduzidas é assás galante: ei-la aqui ·

« Quando olço resmungar críticas d'esse jaez, dou-lhe dous trincos, e um assobio; porque se me representa logo certo tarello penteiado a *la Titus*, esgravatando os dentes, com um palito, antes de almoçar; seu livrinho francez aberto sôbre a banca; os olhos lançados ao desgarre para o es-

Trinta naus desarvorar;
Outro levanta em um mez
O cêrco de Gibraltar.
Um, riscando a terra, ensina
Co' a bengala a geographia;
E nos diz com quem confina
Ao poente, e ao meio-dia
A Georgia, e a Carolina.
Outro aos Inglezes deseja
Na armada o fogo ateiado;
E pinta em crua peleja
Dés Lords fugindo a nado
Sôbre barris de cerveja.
Outro conta os graves damnos,
Que ésta gazeta declara
Tiveram os Castelhanos;
E o triumpho inglez compara
C'os triumphos dos Romanos.
Ao seu partido se aferra;
Diz que inda c'os mastos rotos

pelho, embellezando-se na sua guapice, decidindo com sacudido ademan, (como qualquer caixeirinho do café do Caes do Sodré:) « *Ce ne vaut rien* : o auctor é *insignificante*: começa por não saber a sua lingua, nem a lingua do auctor que traduz: não chega ao bico do sapato da mais *ligeira* traducção dos nossos modernos. Leiamos alguma obra que tenha mais chorume, e mais elegancia.— *ó Lafleur*, dá ca a gazeta. »

Ao mundo farão a guerra;
Mas fica vencido em votos,
E leva a breca Inglaterra.
Dão ao leão furibundo
Gibraltar em justa guerra;
E este concílio profundo,
Sem ter um palmo de terra,
Está repartindo o mundo!
Dando emfim o Inglez á sola,
Qualquer dos dictos confrades
Na rota capa se enrola;
E tendo dado cidades,
Nos vem pedir uma esmola.
D'alli, senhor, voltaremos
Pelas praças principaes;
Que bellas cousas veremos!
Que famosos editaes
Pelas esquinas leremos!
*Chegou monsieur de tal,**
Chymico em Paris formado;
Traz segredo especial;

*Este charlatão (de que falla o auctor) trazme á lembrança outro de quem fallou Francisco Manuel; copiarei os seus proprios termos:

«Era eu rapaz, e passava pelo Loreto; vi o adro atulhado de gente, e quiz saber (curiosidade de rapaz!) o que os apinhava alli. Vi um estrangeiro com uma caixinha toda de escaques cheios de papelinhos quadrados, que encerravam em suas dobras

Um elixir approvado,
Um remedio universal.
Não pretende ajunctar fundo
C'os grandes segredos seus;
E cheio de dó profundo,
Tira polo amor de Deus
Os dentes a todo o mundo.
Iremos ler no outro lado,
Onde acaso os olhos puz:
Em quarto grande e estampado
Saíu novamente á luz
Carlos Magno commentado.
Na mesma loja hão de achar
As obras de Caldeirão,
Que em bom preço se hão de dar;
E o Cavalheiro christão,
E as Regras de partejar.
D'éstas ridicularias,
E de outras taes, murmurando,
Co' as nossas philosophias,
A tarde iremos gastando

certos pós, que elle apregoava miraculosos e infalliveis para sarar pernas e braços quebrados, impedir a góta e apoplexia, tirar os signaes de bexigas, atalhar a velhice, fazer nascer novos dentes, etc., etc. mas sóbre tudo para matar pulgas no verão. Muita gente lh'os comprava; mas muita mais se desfazia em perguntas, em objecções, em reparos, e elle a tudo respondia: — *comprae meus pós.* — .

Té que deem *ave-marias*.
Então, ja quando em cardume
Sai gente da fundição,
Como sabeis, que é costume;
E ja as vizinhas vão
Pedir ás vizinhas lume:
Quando a dama requestada
Um vulto na esquina ve,
E diz á fiel criada,
Que desça pe, ante pe,
E tome o escripto na escada:
Quando todo o ginja rico
Para casa a proa inclina,
Por temer facas de bico;
E cuida que a cada esquina
Lhe lança mão o *Joanico*:
Então, meu senhor, teremos
Função de mais alto preço;
A certa assemblea iremos
De uma gente que eu conheço,
Onde á vontade riremos.
Feita a geral cortezia,
Pe atrás, segundo a moda,
Daremos á mãe, e á tia,
E depois a toda a roda,
Alto e malo, *senhoria*.
A mãe, ja dragão formal,
Espelho de desenganos,
E que, por seu grande mal,

Ha ja mais de vinte annos,
Que guarda a fe conjugal:
Posta deroda no centro,
Cruza a perna, mestra abelha;
E de longe a ver-lhe eu entro
Sapatos de seda velha,
Bicos de pés para dentro.
A tia séria mulher,
Que os longos vestidos seus
Ao Carmo manda fazer,
E d'éstas que dão a Deus
O que o mundo ja não quer:
Sente um desgôsto infinito,
Que o mundo a deixe tam cedo;
Affecta mystico esprito;
Porêm suspira em segredo
Polas cebolas do Egypto.
L'*Abbé*,* que encurta as batinas,
Por mostrar bordadas meias;
E presidindo em matinas,
Vai depois ás assembleias
Cantar modas co' as meninas;
É quem lhe rouba attenções,
E lhe accende um fogo interno;

*. . . *Dans la chambre entre monsieur l'abbé,*
Fade plaisant, galant escroc, et prêtre,
Et du logis pour quelques mois le maître.

VOLTAIRE.

Tracta-o com mil expressões;
Diz-lhe quanto ha de mais terno
Nos seus livros de orações.
Riremos do tal dragão,
Que tantas figuras faz;
E sabe, com habil mão,
Unir em profunda paz
Babylonia com Sião.
Pouco ás filhas fallarei;
São feias e mal-creadas;
Mas sempre conseguirei,
Que cantem desafinadas
De saúdades morrerei.
Cantada a vulgar modinha,
Que é a dominante agora,
Sai a môça da cuzinha,
E diante da senhora
Vem desdobrar a banquinha.
Na farpada meza logo
Bandeja e bule apparece;
Que mordais os beiços rogo;
Pois são trastes, que parece
Que escaparam de algum fogo.
Em bule chamado inglez,
Que ja para pouco serve,
Duas folhas lança ou trez
De cançado cha, que ferve
Com ésta, a septima vez.
De fatías, nem o cheiro,

Por mais que ás vezes as quiz;
Que o carrancudo tendeiro,
Cançado de gastar giz,
Ja não dá pão sem dinheiro.
  Saíremos de improviso,
Despedidos á franceza;
E iremos, pois é preciso,
Na vossa esplendida meza
Largar redea á fome, e ao riso.
  De tudo nos lembraremos;
A famosa digressão
Ao bom marquez contaremos;
E do vermelho Monção
Mil saúdes lhe faremos.
  Mas, senhor, agora vejo
Quanto o pensamento voa;
Estar comvosco desejo:
Não podendo co' a pessoa,
Fui ao menos c'o desejo:
  Correu com largueza a mão;
Escrevi mais do que devo;
Foi culpa do coração,
Quando vos fallo ou escrevo,
As horas instantes são.
  Quem me seja pouco affeito, *
Vendo éstas regras singellas,
Dirá com damnado peito,

* Por *affecto*.

Que escrever-vos bagatellas,
É faltarvos ao respeito;
  Mas vós sois sabio, e sois justo,
Sabeis a quem me encostei;
Boileau, que escreveu sem susto,
Fez o mesmo ao grande rei,*
Fez o mesmo Horacio a Augusto.

NICOLAU TOLENTINO.

* Luis XIV.

SATYRA VIII.

A FUNÇÃO.

Musa, basta de rimar;
Ja fazes esforços vãos,
Vai a lyra pendurar;
Não sabem trémulas mãos
Com as cordas acertar:
Ja a velhice pesada
Te encheu de rugas a testa;
Ja co' a dura mão gelada
Te poz a marca funesta
Na madeixa branqueiada:
Teu estro, falto de meios,
Ja furta mais do que imita;
Vas dando airosos passeios,
E todo o povo te grita
Larga os vestidos alheios!
Tua vaidade faz dó;
Cinges cascos enrugados,
Cheios de caruncho e pó,
Com velhos louros furtados
Do sepulcro de Boileau:

Lêste, por teu mal, um dia
Este livro endiabrado;
Tal te poz a phantasia,
Que o corpo velho e cançado
Inda te pede folia.

Depois que vistosa quinta
Te deu brilhante funçāo,
Tu de discordias faminta,
Vens com damnada tençāo
Por-me ao pe papel e tinta.

Bem me lembra o sítio ameno;
Quanto vi, tenho presente;
Mas a ti é que eu condeno,
Que na acçāo mais innocente
Vas sempre deitar veneno.

Com felpudos chapelinhos,
Que estofada pluma ornava,
Per aprazíveis caminhos,
Formoso esquadrāo montava
Ajaezados burrinhos:

Marcha a tropa; Amor a guia:
Tu que a mesma estrada trilhas,
Mostra-me em todo esse dia
Cousas, que nāo fossem filhas
Da innocencia, e da alegria? *

* O tom ironico do auctor, n'ésta bella *satyra*, constitue-lhe o principal merito. Bem se ve que o nosso poeta sabía imitar os bons modelos.

Dizes, que pobres donzellas
Vão os olhos enganando
Com postiças tranças bellas,
E chitas de contrabando,
Que ainda são das adellas;

E que em quanto em taes desmanchos
A irmaa, com titulos falços,
Faz a glória d'estes ranchos,
Corre o irmão, c'os pés descalços,
Vendendo em Lisboa ganchos.

Dizes, que um, o qual eu callo,
Assentando que as senhoras
Querem todas namorallo,
Cravando a furto as esporas,
Mettia em obra o cavallo.

Que outro, falto de expressão,
Traficar de longe quiz;
E com o lenço na mão,
Pagava o pobre nariz
Os crimes do coração.

Mas quanto atéqui exprimes,
Por mais que as côres lhe mudes,
Por mais que a teu geito o rimes,
Creio que não são virtudes,
Porêm tambem não são crimes.

No largo pateo apeiados,
Que alva cal emtôrno pinta,
Dizes, que de braços dados,
Fomos passeiar na quinta

Uns dos outros separados.
Faíscando os olhos lumes,
Perdido o siso e conselho,
Gritas, em vivos queixumes:
« Onde estão, Portugal velho,
Onde estão os teus costumes?
Onde os bons tempos estão
Da simples Lisboa antiga,
Quando era grande função
Ir a amiga ver a amiga,
E merendarem no chão?
Quando a filha sem labeo
Ia cantar com trabalho,
E co'a innocencia do ceo:
« Senhor Francisco Bandalho,
Fita verde no chapeo?
Oh maldictos os primeiros,
Que a idade de ouro inventaram!
Que baníram pegureiros;
E nos campos misturaram
Os lobos com os cordeiros? »
Qual, apertando alvos dedos,
Vai dizendo: « ingrata, aprende
D'estes passarinhos ledos;
Amor sua voz intende;
São de amor os seus segredos: »
Qual co'a navalha afiada
Desigual cortiça aplana
D'antiga árvore copada,

E entalha, em lettra romana,
O nome de sua amada;
  Beija então as lettras bellas;
E de versos curioso,
Pondo brandos olhos n'ellas,
Pede ao tronco venturoso,
Que as va erguendo ás estrellas.
  Dizes, que por mais que eu pregue,
São baldados meus officios;
Que ninguem jamais consegue
Marchar sôbre precipicíos,
Sem que algum pe lhe escorregue.
  Sentam-se entretanto os pais;
Vem gazeta e rei da Prussia,
Véem os estados-gerais;
Marcham com as tropas da Russia
As tropas imperiais.
  Um conta da Porta o estado;
Diz, «que das pazes o artigo
Vai mui pouco acautelado;»
E tendo a filha em perigo,
Ri do Turco descuidado!
  Co'a pintada sobrancelha
Vai sosinha passeiando
Boa mãe, sincera velha;
Dos esgalhos resguardando,
Ora a pellicia, ora a telha:
  Pondo contra a luz a mão,
E crendo que n'ésta rua

Está san' Sebastião,
De Venus á estátua nua
Faz mezura e oração.*
Emtanto as Venus melhores
Do que ésta, que a arte fes;
Escutam ternos amores,
Que estão jurando a seus pes
Felizes adoradores.
Basta, musa; pare ahi
Esse montão inimigo
De mentiras, que te ouvi;
Tu sempre andaste comigo,
Mas eu nada d'isso vi.
Foi per meu braço levada
Uma das dictas donzellas;
Feia, mas a estudos dada;
E sôbre doctas novellas
De tenros annos creada:
Levantou sábias questões
Que ella mesma resolveu;
Fez profundas reflexões;
E porfim me prometteu
Ler-me as suas traducções:
Jurou que aprendeu grammatica,
E que hoje os livros não feixa
Da infallivel mathematica;
E quer ver se o pae a deixa

* Que bellissima quintilha!

Ir na máchina aerostatica.
So de nós podes fallar ;
Dos mais , como has de saber,
Se vendo-os no bosque entrar,
Quando os tornámos a ver
Foi ás horas de jantar ?
Dizes , que é falso este nome;
Que foi jantar de matula ,
Onde so quem furta, come :
Juras que no altar da gula
Fostes víctima da fome;
Mas de tua semrazão
Eu vi próva verdadeira;
De habil velha a crespa mão
Foi atacando a algibeira
C'os sobejos da funçāo.
Se Nise, que faz estudo
De affectar moral virtude,
Com ar austero e sisudo
Faz criminosa saude
Com os olhos no seu *Tudo* ;
Se o Xisxisbeo seu visinho
Lhe vai afagando os dedos
Do tenro surdo pesinho ;
E por saber-lhe os segredos
Lhe bebe o resto do vinho ;
Se mau trinchante novato,
Mostrando annel de brilhantes,
Mas errando a fórça e o tacto,

Com riso dos circunstantes,
Trinchou o perum e o prato;
  Se gordo Beirão morgado,
Aquem seus canhões affrontam,
E um par de meias bordado,
Traidores vincos nos contam
As vezes que as tem calçado;
  Seguindo a Nerina o trilho,
Lhe está dizendo « que a adora;
Que de fartos paes é filho,
E que venha ser senhora
De vinte moios de milho : »
  Se este infeliz namorado
Bordou de arroz o vestido;
Se duro garfo aguçado,
Na noviça mão mettido,
Lhe deixa um beiço espetado!
  Tudo isto são meros nadas,
E toda a indulgencia pedem
Mezas em barulho armadas;
Peiores cousas succedem
Nas que julgas delicadas.
  Eu ja vi boçal criada,
Que o fatal segredo espalha,
De estar um môço na escada,
Que vem buscar a toalha,
Se está ja desoccupada.
  Deixa pois tenção ruim;
Foi um soffrivel jantar;

E depois que ella deu fim,
Foi mau ver contradançar
Toda a tarde no jardim?

Destros pares perfilados,
Que o brilhante enredo tecem,
Deram promptos e acertados,
Um prazer, que so conhecem
Os corações delicados.

Venus mesma não fizera
Jogos mais incantadores,
Quando dizem que descera
Entre as Graças, e os Amores
Sôbre os jardins de Cythera.

E que mal te fez então,
No furor das contradanças,
Ver parceiro cortezão
Ir levar á dama as tranças,
Que lhe caíram no chão?

Das tres velhas que dançaram,
Se uma gritou derepente,
Foi porque os pés a entregaram,
Quando desgraçadamente
O dous callos se encontraram.

E se acaso em ti não há
Gôsto por tal passatempo,
Enfreia essa lingua má;
São modas que véem c'o tempo,
O tempo as acabará.

Não são os gostos eternos;

Teve o *passapié* amigos,
Ainda não ha quinze hinvernos;
Foi a glória dos antigos,
Hoje é mofa dos modernos.

Debalde em ralhar te canças;
Deixa ao tempo os seus caminhos;
Ir-se-hão poupas, ir-se-hão tranças,
Istericos, josésinhos,
Feitiços e contradanças.

Em bandolim marchetado,
Os ligeiros dedos promptos,
Louro peralta adamado,
Foi depois tocar per pontos
O doce *londum chorado.*

Se Marcia se bamboleia
N'este innocente exercicio,
Se os quadriz saracoteia,
Quem sabe se traz cilicio
E por virtude os meneia?

Não sentenceies de estalo;
Teem as danças fim decente;
Ama o pae, mas por deixalo,
Dança a donzella innocente
Diante de san' Gonçalo.

Cobrando o pardo dinheiro,
De que o povo é tributario,
Velho preto prazenteiro,
Para glória do Rozario,
Remeche o corpo, e o pandeiro.

Em solemne procissão
Une a frialeira casta
O fandango, e a devoção;
Mas emfim de exemplos basta,
E tornemos á questão.

Ja d'entre as verdes murteiras,
Em suavissimos assentos,
Com segundas e primeiras,
Sobem nas azas dos ventos
As modinhas brazileiras.

E que mal te fez na porta
Pae, que ronda de quadrilha,
Cabelleira loura e torta,
Dizer, que peçam á filha
Um bocado de *comporta?**

Com que graça vem trazidas,
Fingindo-se envergonhadas,
Tenras faces incendidas,
Per destros galgos achadas
No jogo das escondidas?

Musa, abre os olhos escassos,
Não te enganes co'a apparencia;
Senão torcesses os passos,
Acharias a innocencia
Té no jôgo dos abraços.

Marilia as linhas espalha;
E a candida mão sem luva

* Moda que canta a gente da plebe.

Tam destramente as baralha,
Que sempre saíu viuva
Sancta velha, que não ralha.
Tira a este brinco o veo,
Util fim verás mil vezes;
D'alli sai o Xisxisbeo;
D'alli se levam as rezes
Aos altares de Hymeneo.
E se co' a lingua damnada
Sem motivo envenenaste
A tarde tam bem passada,
Com menos causa gritaste
Á noite na retirada.
Se a pe, dando o Josésinho,
Escoltou Alcino ledo
A Marcia todo o caminho,
Foi porque ella tinha medo
Que lhe caísse o burrinho.
Todas contentes chegaram;
Nenhuma chegou moída;
E depois que se apearam,
Alli mesmo á despedida
Outra função ajustaram.
Ves, musa, como atropellas
A innocencia das funções?
Confessa que em todas ellas
O mal não vem das acções,
Vem de quem julga mal d'ellas.
Segue outra philosophia;

Nem sempre seriedade,
Como nem sempre folia;
Na discreta variedade
Está do mundo a harmonia.

Bravo Inglez sanguinolento,
Depois de deixar votado,
Que se afronte o mar, e o vento,
Cuidas que fica fechado
Nas salas do Parlamento?

Se pola patria se cança,
Tambem prazeres deseja;
De manhan assusta a França,
Arrota á noite cerveja,
Canta mal, e contradança.

Tracta pois de te emendar,
E deixa vidas alheias;
Que o povo está a zombar
Em quanto te incham as veias
Com a fórça de prégar.

Thomaz dos Pós fez missões; *
Ajunctou gente infinita;
Mas inda em negros vergões
Traz nos artelhos escrita
A paga dos seus sermões.

Toma emfim a lição minha;
Mas se estás na mesma fragoa
D'aquella mulher mesquinha,

* Donato, que por pregar, *foi para as galés.*

Que alçando a mão fóra d'agoa,
Fez c'os dedos tesourinha:
Teme o raivoso furor
Do exército dos peraltas,
Que em armas se vai ja por;
Tambem o das poupas altas,
Que é inimigo peior:
Guardam no peito odio velho
Por motivos similhantes;
E se crês no meu conselho,
Mata-lhe antes os amantes,
Quebra-lhe o melhor espelho;
Prohibe-lhe as convulsões;
Abre-lhe ao cãosinho as veias,
Que para tudo ha perdões;
Mas nunca lhe chames feias,
Nem lhe entendas co' as funções.

NICOLAU TOLENTINO.

Estes versos de Gilbert são a melhor apologia que se póde fazer a Nicolau Tolentino, e ás suas satyras:

Si je vois mes travaux payés d'un peu d'estime,
Ce peu de gloire au moins est juste et légitime;
Tous mes écrits, enfants d'une chaste candeur,
N'ont jamais fait rougir le front de la pudeur;
Ils plaisent sans blasphème et vivent sans cabales;
Mes modestes succès ne sont pas des scandales;
Et si du temps jaloux mon nom est respecté,
Mon nom ira sans tache à la postérité.

Lyricos.

ROMANCES, CANÇÕES, LYRAS, ENDEIXAS E DECIMAS.

ROMANCE.

A VISÃO.*

Ao longo de uma ribeira,
Que vai pelo pe da serra,
Onde me a mi fez a guerra

* O estylo de Bernardim Ribeiro é o dos antigos *romances*, porêm mais voluptuoso, e mais terno: algumas vezes pécca em demasiadas argucias, trocadilhos e repetições (como todas as poesias hespanholas d'essa era); mas, em desconto, reluz n'elle aquella graça, que so provem da franqueza e cordialidade. Antonio Ribeiro dos Santos disse:

O nobre Bernardim, muito saudoso,
Alma amorosa e terna, que gran' somma
De maneiras eroticas, de phrases
De grande extremo em seus escriptos volve!

Muito tempo o grande amor,
Me levou a minha dor:
Ja era tarde do dia;
E a agua d'ella corria
Per antre um alto arvoredo,
Onde ás vezes ia quedo
O rio, e ás vezes não.
Entrada era do verão,
Quando começam as aves
Com seus cantares suaves
Fazer tudo gracioso;
Ao rugido saúdoso
Das aguas cantavam ellas.
Todalas * minhas querellas
Se me pozeram diante;
Alli morrer quizera ante, **
Que ver per onde passei:
Mas eu que digo? passei....
Antes inda heide passar
Em quanto hi houver pezar,
Que sempre o hi hade haver.
As aguas, que de correr
Não cessavam um momento,
Me trouxeram ó pensamento
Que assi eram minhas magoas,
D'onde sempre correm agoas

* Todas as.
** Antes.

Per estes olhos mesquinhos,
Que teem abertos caminhos
Pelo meio do meu rósto;
E ja não tenho outro gôsto
Na grande desdita minha;
O que eu cuidava que tinha
Foi-se-me assi não sei como;
D'onde eu certa crença tomo
Que para me leixar veio.
   Mas tendo-me assi alheio
De mi o que alli cuidava,
Da banda d'onde a agua estava
Vi um homem todo cão,*
Que lhe dava pelo chão
A barba e o cabello;
Ficando eu pasmado d'ello,**
Olhando elle para mi,
Fallou-me, e disse-me assi:
« Tambem vai ésta agua ao Tejo. »
   N'isto olhei, vi meu desejo
Estar de trás, triste, so,
Todo cuberto de do
Chorando sem dizer nada,
A cara em sangue lavada,
Na boca posta uma mão,
Como que a grande paixão

* Cano, encanecido, de cabellos brancos.
** Variação antiquada de *elle*.

Sua falla lhe tolhia;
E o velho, que tudo via,
Vendo-me tambem chorar,
Começou assi fallar:
« Eu mesmo sam * teu cuidado,
Que, n'outra terra creado,
N'ésta primeiro nasci;
E est'outro que está aqui
É o teu desejo triste,
Que em má hora o tu viste,
Pois nunca te esquecerá;
A terra e mar passará
Traspassando a mágoa a ti: »
Quando lhe eu aquisto ** ouvi,
Soltei suspiros ao choro;
Alli claramente o foro
Meus olhos tristes passaram
De um bem so qu'elles olharam,
Que outro nunca mais tiveram:
Nem o tive, nem m'o deram,
Nem o esperei somente:
De so ver fui tam contente,
Que para mais esperar
Nunca me deram logar.
E na quisto,*** triste estando,

* Sou.
** Isto.
*** N'isto.

C'os olhos tristes olhando
D'aquellas bandas d'alem,
Olhei, e não vi ninguem.
Dei então a caminhar
Rio abaixo, até chegar
Acêrca* de Monte-mor.
Com meus males derredor,
Da banda do meio-dia,
Alli minha phantasia
D'antre uns medrosos penedos,
Ond' aves que fazem medos
De noite os dias vão ter,
Me saíu a receber
C'uma mulher pelo braço,
Que, ao parecer, de cançaço
Não podia ter-se em si,
Dizendo : « Ves triste aqui
A triste lembrança tua.»
Minha vista então na sua
Puz, d'ella todo me enchi :
A prima** cousa que vi,
E a derradeira tambem;
Que no mundo vão e véem
Seus olhos verdes rasgados,
De lagrymas carregados
Logo em vendo-os, pareciam

* Vizinho a, perto de.
** A primeira.

Que de lagrymas enchiam
Contino as suas faces;
Que eram gran' tempo pazes
Antre mi e meus cuidados.
Louros cabellos ondados
Que um negro manto cubria:
Na tristeza parecia
Que lhe convinha morrer.
Os seus olhos de me ver
Como furtados tirou;
Depois em cheio me olhou:
Seus alvos peitos rasgando,
Em voz alta se aqueixando
Disse assi mui so sentida:
«Pois que mor dor ha na vida,
Para que houve hi morrer?»
Calou-se sem mais dizer;
E de mi gemidos dando
Fui-me para ella chorando
Para haver de a consolar.

N'isto poz-se o sol ao ar,
E se fez a noite escura:
E eu disse mal á ventura,
E á vida que não morri;
E muito longe d'alli
Ouvi de um alto outeiro
Chamar Bernardim Ribeiro,
E dizer: «Olha onde estás!»
Olhei diante e detrás,

E vi tudo escuridão;
Cerrei meus olhos então,
E nunca mais os abri;
Que depois que os eu perdi
Nunca vi tam grande bem;
Porêm inda mal, porem !...

BERNARDIM RIBEIRO.

Foi este poeta o primeiro que em Portugal acquiriu grande reputação no genero *bucolico* e *romantico*. Camões tinha-o ém muito aprêço. E na verdade, elle deu todo o impulso á poesia pastoril do decimo sexto seculo. Seus versos respiram aquella candura melancholica tam natural a um poeta amavel, que suspirava de contino *por certo amor ausente, cujas saudades lhe acabaram a vida*.[*]

[*] M. DA S. MASCARENHAS.

CANÇÃO.*

PSYCHIS.

Dura necessidade quando engrossa,
Como agua na ribeira,
Quem não foge, podendo, vendo-a vir?
Quem ha porêm que possa?
Cumpre de ter maneira,
Ou de pôr peito á agua, ou de fugir.
Buscando pelos vãos contos passados,
De que cante, que hei mêdo ao mau ensino,
Maior que a cantar mal versos rhymados;
Emfim, direi d'Amor cego e menino,
Por desastre malino
Como lhe aconteceu;
Mas se Amor foi vencido, Amor venceu.

* Ésta *canção* é de muita belleza. O pincel de Sá de Miranda ensopou-se, para traça-la, na mesma tincta, com que Bocace, e depois d'elle o feiticeiro La Fontaine, coloríram seus graciosos contos. Mas o nosso poeta deu uns toques tam sensiveis e maviosos a este bellissimo quadro! usou de expressões tam singelas e incantadoras, que é mais facil senti-las, que annalysa-las.

Em tempo antigo, longe em terra estranha,
Um rei e uma rainha
Houveram filhas: a primeira veio
De belleza tammanha,
Que algũa igual não tinha,
Somente a que despois foi a do meio;
Mas logo sobreveio
Inda outra, que a éstas fez como ás estrellas
Faz o sol claro tanto que apparece:
Fallavam cavalleiros e donzellas,
Como nas cousas raras acontece:
A gente se lhe offr'ece
Como a deusa immortal;
Té do bem o sobejo sempre é mal.
Não soffreu tal offensa Amor altivo
Que fosse aos deuses feita,
Seu arco toma, os tiros apurou
De chumbo e d'ouro vivo,
Voando ao ar se deita,
E n'um momento tudo átravessou:
Mas enleiado ficou
Quando tal fermosura ante si viu;
Fugiu-lhe o coração, a setta cae,
E no pe, que diante ia, o feriu:
Chora o menino, e grita pela mae.
Com tal conselho sae;
Faz um bosque incantado,
Alli geme e suspira magoado.
Ja antes d'isto aquella grande fama

Da fermosa princesa,
A bellissima Venus receiosa,
Os seus archeiros chama,
Em secreta defesa,
As mostras são porêm d'estar ciosa:
Quando pela amorosa
E delicada praia rumor corre,
Primeiro sem auctor, e sem certeza,
Que o poderoso Amor d'amores morre:
Mas logo se affirmou ja com clareza;
Co' a qual a mãe despreza,
Todo o respeito, e ceva
De brando somno a môça, e la lh'a leva.
Cai a noite do céo, mas é dos lumes
Vencida, e fica dia,
Com que (acordando) viu ricas pinturas:
Ardem ricos perfumes,
Os cantares, que ouvia,
Eram para abrandar as pedras duras
Põe-se á meza, e figuras
Correm com vasos ricos e sem conto,
Mansamente ordenadas sem peleja,
Tudo se faz alli prestes n'um ponto:
Que banquete quereis que o d'Amor seja?
Não acha alli a inveja,
Que possa desdenhar,
Nem o appetite mais que desejar.
Mas porque me vou eu ora detendo
Em cousas que o sentido

Deixa per um tam longo spaço atrás?
Respeito ao sol havendo,
Direi de um so partido,
Que Amor logo tirou, mas duro assás.
Disse: « Não me verás,
Contente-te o que ves, » Ah sorte esquerda,
Cruel e cubiçoso pensamento!
Representou-se a Amor a grande perda
Do par que esvaecido é n'um momento:
Ha mister soffrimento
O mal, e inda o bem,
Pouco estimado so de quem o tem.
Promette do porvir ousadamente;
Fazem-se cumprimentos,
Que despois se cumpríram muito mal:
Deseja ella a sua gente
Para assoalhar seus ventos, *
Quer-lhe mostràr, andando, o tal e o tal;
Cousa que tanto val,
C'os nossos coraçõesinhos pequenos.
Ora indo assi crescendo estes desejos,
A fermosura cada vez é menos;
Quanto dos mimos mais, mais dos entejos.
Emfim, diz « Bens sobejos
Sem as minhas irmans,
Não sois riquezas não, mas visões vans. »
Ouviu, estremeceu Amor, porêm

* Isto é — ostentar seus haveres, riquezas.

Houve de dar licença,
Dizendo de vagar: « Pois assi quer,
Razão é que tambem
Agora n'isso vença
Quem sempre em tudo soe de vencer. »
Véem-na as irmans a ver;
E vendo hi tanto de que ter inveja,
Confusas dizem: «Tristes mal-fadadas,
C'o que se perde aqui, c'o que sobeja,
Foramos todas bemaventuradas!
Nadas, menos que nadas
Nossas ricas riquezas
Como ésta as chamará pobres pobrezas!*
A môça amostra ca, e amostra la;
Do que não vêem lhes conta:
Toda de face andava, ellas do envés,
Não soffrem ver mais ja;
Não podem com a afronta,
Com tudo cedo irão dar a través.
O sol anda de pés,
Os prazeres tambem c'o elle desandam,
Tambem as que fingiam suspiravam:
Quem sabe os corações alheios que andam
Fazendo? Se quereis, inda choravam.
Mas onde se entornavam

**Estes dous versos sempre foram citados pelos conhecedores como modelos de elegancia, e singeleza antiga.

Aquelles vasos d'agoa
Parecia irmandade, ella era magoa.
Não se podem ter mais. « Ora em tal vida
Que gôsto podes ter
(Disse uma) triste irman nossa enganada?
Choramos-te perdida,
E vindo-te assi ver,
Tornamos-te a chorar por mal achada! »
A outra mais ousada
Tomando a mão, lhe disse : « Quem sería,
Que outra cousa cuidasse? se elle tanto
Te amasse, e se tal fosse, mostra-se-hía:
Responder, que não quer, d'isso me espanto!
Ora eu nan o levanto ;
Mas diz que n'este lago
Se ve ás noites vir voando um drago!»
Não disse mais. Os olhos, não sei mais,
E os geitos, que disseram
Fazendo casos : a môça enfraquece
Com suores mortais:
Todas emfim vieram *
Que quando ha tempo o dilatar empece.
Eis a barca apparece
Em que se hão d'ir: « Deixam-lhe lume acceso:
Ordenam-lhe o que faça antes que vão-se.
Veja-se em todo caso o tam defeso

* Por *convieram*, *assentaram*.

E tam gabado sposo, então descançe :
Outra vez as mãos dão-se ;
Soltam ao vento a vella ;
Fogem ellas c'o barco, co' a praia ella.
Ora, ja noite, chega Amor cançado,
Lança-se no seu leito,
Á boa fe descança, e dorme quêdo ;
Da ifante o delicado
Singelo e brando peito
Vence-se, ora d'amor, ora de mêdo :
Descobre-se o segrêdo
D'Amor (cousa divina!) olhos humanos
Como ter-se podiam ao resplandor?
Malina inveja, que causou taes danos !
Deixa-o dormir: ah durma sempre Amor !
A simples com temor
Os passos desconcerta,
Deu-lhe o fogo no peito, elle desperta.
Quantos, e que suspiros dá de novo !
Os gritos amiuda;
O jardim deleitoso n'um momento
Em brejo escuro e covo*
(Quem o crerá?) se muda!
Que se fez de tam rico aparamento?
Cousas sem fundamento
Sempre em nada se tornam, assi a deshora : *

* Concavo e fundo.
** Fóra de tempo.

Ás más irmans, más furias infernais,
Como assanhadas bichas, lança fora:
A mesma paga sempre hajam as tais.
A moça que errou mais
Com singeleza, jouve *
Chorando em terra um tempo, e perdão houve.
Ésta canção que eu fiz
Cantando, minha em parte,
Ja algum acena, e diz:
«Não sei que eu d'isto ouvi ja n'outra parte?»
Perdão de parte a parte:
Vós, musas, me ensinastes,
Que, do que outrora ouvistes, nos cantastes.

Sá de Miranda.

* Jazeu.

Este philosopho poeta, rompendo per mil obstaculos, que lhe oppunha um idioma pouco ou nada acostumado a operações poeticas, sem modelos, sem guia mais do que o exemplo dos metros italianos; domando a rudeza da phrase, e adaptando-a a infinitas combinações harmonicas, estabeleceu novas leis ás cesuras metricas, e determinou a harmonia da lingua na poesia portugueza. Apartando-se pois do uso commum, que então supersticiosamente se fazia do verso octonario, fixou os accentos do hendecasyllabo, inda pouco ou quasi desconhecido, e mostrou que este devia fazer o principal fundamento de nossa harmonia metrica, e com razão; porque notando nas palavras do idioma portuguez o

mesmo compasso, a mesma destribuição de vogaes e consoantes, a mesma e igual melodia que na lingua italiana; colligiu que a harmonia total da portugueza devia ser o metro principal de nossa poesia, assim como o era da toscana havia mais de dous seculos, e ja entrava a sê-lo na castelhana pelas tentativas que iam fazendo Buscan e Garcilasso. Foi Sá de Miranda quem trouxe para a nossa poesia o verso septenario, totalmente desusado dos versificadores portuguezes; e o primeiro que mostrou que não podia haver combinação mais harmonica e legitima na poesia lyrica do que a d'este com o hendecasyllabo.

O soneto introduzido na poesia portugueza pelo famoso infante D. Pedro de Alfarroubeira, poeta insigne, o principe mais sabio de seu tempo, e o maior homem da nação portugueza, foi pelo Sá de Miranda aperfeiçoado, e estabelecido da maneira que aopresente o vemos. Elle nos ensinou a estructura da *canção*, da *oitava rima*, do *terceto*; e pôsto-que o sabio Manuel de Faria e Souza affirme, e próve, que muito antes do poeta Miranda, ja entre nós existia o *hendecasyllabo*, e a *oitava rima*; comtudo estavam tam pouco determinados, que não havia norma alguma positiva na construcção accentual do primeiro, nem na disposição das simulcadencias do segundo, e por isso não eram usados; nem os ouvidos se podiam familiarisar com aquella harmonia, que então conservavam, por ser estranha e repugnante á melodia do idioma, e ao gôsto da nação.

F. D. Gomes.

CANÇÃO I.

MEMORIA

DE AMORES PASSADOS.

Vão as serenas agoas
Do Mondego descendo
E mansamente até o mar não param :

* Éstas *canções* são conformes ás de Petrarca, e de Bembo; e verdadeiramente admiraveis pola elegancia da linguagem e harmonia dos versos. Ninguem conheceu e imitou melhor do que Luis de Camões a poesia de Petrarca; mas atrevo-mo a dizer, que lhe é superior na fôrça dos pensamentos, e na descripção viva das scenas da natura, que elle pinta, como quem as víra e soubera sentir; o que a imaginação e arte não podem alcançar.

J. M. de Souza, *Vida de Camões*.

Camões, com ser excellente em toda sorte de rhythmas, e em especial do verso pequeno, muito mais o foi nas *canções*, onde guardou de maneira todas as leis d'ellas, que nenhuma inveja póde ter a Petrarca, Bembo e Garcilasso, que n'este genero são os mais louvados.

Surrupita.

Per onde as minhas magoas
Pouco a pouco crescendo,
Para nunca acabar se começaram.
Alli se me mostraram
N'este logar ameno,
Em que inda agora mouro,
Testa de neve, e de ouro,
Riso brando e suave, olhar sereno;
Um gesto delicado
Que sempre n'alma me stará pintado.
N'ésta flórida terra
Leda, fresca e serena,
Ledo e contente para mi vivia
Em paz com minha guerra,
Glorioso co'a pena
Que de tam bellos olhos procedia.
De um dia em outro dia
O esperar me enganava.
Tempo longo passei:
Com a vida folguei,
So porque em bem tammanho se empregava.
Mas que me presta ja,
Que tam fermosos olhos não os ha?
Oh quem me alli dissera
Que de amor tam profundo
O fim podesse ver eu algum' [illegible]!
E quem cuidar [illegible]
Que houve[illegible]ani no mundo
Apartar[illegible]a de vós, minha senhora!

Para que desde agora,
Ja perdida a esperança,
Visse o vão pensamento
Desfeito em um momento,
Sem me podêr ficar mais que a lembrança,
Que sempre estará firme
Até no derradeiro despedir-me.
Mas a mor alegria
Que d'aqui levar posso,
E com que defender-me triste espero,
É que nunca sentia,
No tempo que fui vosso,
Quererdes-me vós quanto vos eu quero.
Porque o tormento fero
De vosso apartamento,
Não vos dará tal pena
Como a que me condena:
Que mais sentirei vosso sentimento,
Que o que a minha alma sente.
Morra eu, senhora, e vós ficae contente.
Tu canção estarás
Agora acompanhando
Por estes campos éstas claras agoas;
E por mi ficarás
Com chôro suspirando;
Porque ao mundo dizendo tantas magoas,
Como uma larga historia
Minhas lagrymas fiquem por memoria.

CANÇÃO II.*

A AUSENCIA.

Com fôrça desusada
Aquenta o fogo eterno
Uma ilha nas partes do Oriente,
De estranhos habitada,
Onde o duro hinverno
Os campos reverdece alegremente.
A lusitana gente
Per armas sanguinosas
Tem d'ella o senhorio:
Cercada stá de um rio
De maritimas aguas saúdosas.
Das hervas que aqui nascem,
Os gados junctamente, e os olhos pascem.
Aqui minha ventura
Quiz que uma grande parte
Da vida, que eu não tinha, se passasse;

* N'ésta *canção*, feita nas Molucas, póde notar-se a viveza das descripções, e a dos sentimentos.
J. M. de Souza.

Para que a sepultura
Nas mãos do fero Marte
De sangue, e de lembranças matizasse.
Se amor determinasse
Que a trôco d'ésta vida,
De mi qualquer memoria
Ficasse como historia,
Que de uns fermosos olhos fosse lida;
A vida, e alegria
Por tam doce memoria trocaria.
Mas este fingimento,
Por minha dura sorte,
Com falsas esperanças me convida.
Não cuide o pensamento
Que póde achar na morte
O que não poude achar na longa vida.
Está ja tam perdida
A minha confiança,
Que de desesperado,
Em ver meu triste estado,
Tambem da morte perco a esperança.
Mas oh, que se algum dia
Desesperar podesse, viviria!
De quanto tenho visto
Ja agora não me espanto,
Que até desesperar se me defende.
Outrem foi causa d'isto,
Pois eu nunca fui tanto
Que causasse este fogo que me incende.

Se cuidam que me offende
Temor de esquecimento,
Oxalá meu perigo
Me fôra tam amigo,
Que algum temor deixara ao pensamento!
Quem viu tammanho enleio,
Que houvesse ahi sperança sem receio?
Quem tem que perder possa
So póde receiar:
Mas triste quem não póde ja perder!
Senhora, a culpa é vossa;
Que para me matar
Bastara um' hora so de vos não ver.
Pozeste-me em poder
De falsas esperanças;
E do que mais me espanto,
Qué nunca vali tanto
Que visse tanto bem como esquivanças.
Valia tam pequena
Não póde merecer tam doce pena.
Houve-se amor comigo
Tam brando ou pouco irado,
Quanto agora em meus males se conhece.
Que não ha mor castigo
Para quem tem errado,
Que negar-lhe o castigo que merece.
Da sorte que acontece
Ao misero doente,
Da cura despedido,

Que o medico advertido,
Tudo quanto deseja lhe consente;
O amor me consentia
Esperanças, desejos e ousadia.
E agora venho a dar
Conta do bem passado
A ésta triste vida e longa ausencia.
Quem póde imaginar
Que houvesse em mi peccado
Digno de uma tam grave penitencia!
Olhae que é consciencia
Por tam pequeno êrro,
Senhora, tanta pena:
Não vêdes que é onzena?
Mas se tam longo e misero destêrro
Vos dá contentamento,
Nunca me acabe n'elle o meu tormento.
Rio fermoso e claro,
E vós, ó arvoredos,
Que os justos vencedores coroais,
E ao cultor avaro,
Continuamente ledos,
De um tronco so diversos fructos dais;
Assi nunca sintais
Do tempo injúria algua,*
Que em vós achem abrigo
As magoas que aqui digo,

* Alguma.

Em quanto der o sol virtude á lua;
Porque de gente em gente
Saibam que ja não mata a vida ausente.
Canção, n'este destêrro viverás
Voz nua e descoberta,
Até que o tempo em echo te converta.

CANÇÃO. III. *

O DESEMPARO.

Juncto de um sêcco duro esteril monte
Inutil e despido calvo e informe,
Da natureza em tudo aborrecido,

* Ésta *canção*, composta quando o auctor cruzava defronte do cabo Guardafú, é um modelo da mais harmoniosa poesia, e de uma profunda paixão de amor. O coração sente-se por extremo enternecido, quando se considera este grande homem longe de sua patria, e da sua amada, militando em climas tam distantes, e exhalando suas penas e saudades nos mais bellos e ternos versos.

J. M. de Souza.

É ésta *canção* o mais bello de todos os poemas do mesmo genero, que se encontra na poesia moderna.

F. D. Gomes.

Onde nem ave voa, ou fera dorme,
Nem corre claro rio, ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido;
Cujo nome, do vulgo introduzido,
É *feliz*, por antiphrasi *infelice*;
O qual a natureza
Situou juncto á parte
Aonde um braço do alto mar reparte
A Abassia da Arabica aspereza,
Em que fundada foi ja Berenice,
Ficando á parte d'onde
O sol, que n'ella ferve, se lhe esconde:
O cabo se descobre, com que a costa
Africana, que do Austro vem correndo,
Limite faz, Arómata chamado:
Arómata outro tempo; que volvendo
A roda, a ruda lingua mal composta
Dos proprios, outro nome lhe tem dado.
Aqui no mar, que quer apresurado
Entrar pela garganta d'este braço,
Me trouxe um tempo, e teve
Minha fera ventura.
Aqui n'ésta remota aspera e dura
Parte do mundo, quiz que a vida breve
Tambem de si deixasse um breve spaço;
Porque ficasse a vida
Pelo mundo em pedaços repartida.
Aqui me achei gastando uns tristes dias,
Tristes, forçados, maus e solitarios,

De trabalho, de dor, e de íra cheios,
Não tendo, não, somente por contrarios
A vida, o sol ardente, as aguas frias,
Os ares grossos, férvidos e feios;
Mas os meus pensamentos, que são meios
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi;
Trazendo-me á memoria
Alguma ja passada e breve gloria
Que eu ja no mundo vi quando vivi;
Por me dobrar dos males a aspereza;
Por mostrar-me que havia
No mundo muitas horas de alegria.
Aqui stive eu com estes pensamentos
Gastando tempo e vida; os quaes tam alto
Me subiam nas azas, que caía;
(Oh, vêde se sería leve o salto!)
De sonhados e vãos contentamentos,
Em desesperação de ver um dia.
O imaginar aqui se convertia
Em improvisos choros, e em suspiros
Qué rompiam os ares.
Aqui a alma captiva
Chagada toda, estava em carne viva,
De dôres rodeiada, e de pezares,
Desemparada e descoberta aos tiros
Da suberba fortuna,
Suberba, inexorabil e importuna.
Não tinha parte d'onde se deitasse,

Nem esperança alguma onde a cabeça
Um pouco reclinasse por descanso:
Tudo dor lhe era e causa que padeça,
Mas que pereça não; porque passásse
O que quiz o destino nunca manso.
Oh que este irado mar, gemendo, amanso!
Estes ventos da voz importunados
Parece que se enfreiam;
Somente o ceo severo
As estrellas e o fado sempre fero
Com meu perpétuo damno se recreiam;
Mostrando-se potentes e indignados
Contra um corpo terreno,
Bicho da terra vil e tam pequeno!
Se de tantos trabalhos so tirasse
Saber inda porcerto que algum' hora
Lembrava a uns claros olhos que ja vi;
E se ésta triste voz rompendo fora
As orelhas angelicas tocasse
D' aquella em cuja vista ja vivi;
A qual tornando um pouco sôbre si,
Revolvendo na mente presurosa
Os tempos ja passados
De meus doces errores,
De meus suaves males e furores,
Por ella padecidos e buscados;
E (pôstoque ja tarde) piedosa
Um pouco lhe pezasse,
E la entre si por dura se julgasse:

Isto so que soubesse, me seria
Descanço para a vida que me fica;
Com isto afagaria o soffrimento.
Ah senhora! ah senhora! e que tam rica
Estais, que ca tam longe de alegria
Me sustentais com doce fingimento!
Logo que vos figura o pensamento,
Foge todo o trabalho e toda a pena.
So com vossas lembranças
Me acho seguro e forte
Contra o rosto feroz da fera morte;
E logo se me junctam esperanças
Com que a fronte tornada mais serena
Torna os tormentos graves
Em saúdades brandas e suaves.
Aqui com ellas fico perguntando
Aos ventos amorosos, que respiram
Da parte d'onde stais, por vós, senhora;
Ás aves, que alli voam, se vos viram?
Que fazieis? que staveis practicando?
Onde, como, com quem, que dia e qu'hora?
Alli a vida cançada se melhora,
Toma espiritos novos com que vença
A fortuna e trabalho,
So por tornar a ver-vos,
So por ir a servir-vos, e querer-vos.*

*Em todas as poesias, compostas no Oriente, se ve quanto Camões conservava sempre viva a paixão por D. Catherina. J. M. de Souza.

Diz-me o tempo que a tudo dará talho :
Mas o desejo ardente, que detença
Nunca soffreu, sem tento
Me abre as chagas denovo ao soffrimento.
Assi vivo ; e se alguem te perguntasse,
Canção, porque não mouro ? *
Podes-lhe responder ; que porque mouro.

CAMÕES.

* Por mourro.

Luis de Camões, natural de Lisboa, é sem contradicção alguma, o maior poeta, não so de Portugal, mas de toda Hespanha. Os seus talentos resplandeceram em mais de um genero. A imitação phantastica, como mais propria, mais analoga á grandeza das ideias que fermentavam na sua phantasia, foi o principal objecto de seu pincel, que isso não obstante, quando descia á imitação icastica, na primorosa destreza com que executava as pinturas d'este genero, mostrava quam habil era para isso. As personagens de seus quadros todas estão no logar que devem occupar. Os seus rasgos são os mais liberaes, as suas tinctas as mais brilhantes e macias. A verdade da sua imitação está no maior auge. A vivacidade, a grandeza, a sublimidade são os characteres principaes de sua poesia; cujo maravilhoso tanto se remonta, que vai buscar no imperio do ideial assumptos nunca sabidos, nunca imaginados; para cuja expressão acha novas tinctas, novas côres tam vivas, tam fortes, tam cheias de fogo, que movem, que accendem, que abrasam o coração do lei-

tor; de tal modo que o seu espirito penetrado do enthusiasmo da admiração, fica como incantado, sintindo ao mesmo tempo sublimes emoções, novo interesse n'uma pintura que, sem ter fundamento em alguma existencia physica ou moral, gosa, com justa razão, dos privilegios de original o mais nobre, o mais arrojado que nunca existiu no mundo phantastico da mais prodigiosa poesia. Tal é o soberano maravilhoso do grande, do nunca assás louvado episodio de Adamastor nos *Lusiadas*, a primeira epopea, que appareceu na Europa, escripta em oitava rima. Alèm d'éstas preciosas qualidades, que tanto distinguem a vivacidade de suas pinturas, os contrastes, a gradação das tinctas, são tam bem dispostos que servirão de modelo eterno aos bons imitadores d'este divino poeta; cujo merecimento eclipsou o de todos os poetas que lhe precederam, sem, talvez, deixar esperança de ser igualado, quanto mais excedido! A sua poesia toda filha da imaginação mais elevada, e mais instruída, a tudo dá corpo e vida: os objectos horriveis, os humildes, os menos decorosos, são desenhados com côres fortissimas e decencia propria; mas em grau tam superior, que arrebata. A phrase é a mais pura, a mais culta, e a mais brilhante: clareza e elegancia contínua é o character de seu estylo sempre cheio de movimento, e a quem a magia da harmonia faz extremamente recommendavel. Na sua composição se ostenta todo o luxo de uma imaginação soberanamente fertil e abundante; que assim como a corrente de um rio engrossado com as aguas do hinverno, rompe e transgride algumas vezes os limites, os preceitos da arte; mas com tal liberalidade e bizarria, que desculpa o èrro, e persuade a caír n'elle: o que tem sido

causa de muitos, que sem terem fôrças para imitar as suas bellezas, o seguíram nos seus defeitos. Finalmente foram tantas as graças que este grande homem communicou á lingua, e á poesia portugueza, que seguramente se póde affirmar que elle creou uma poesia, e uma linguagem nova em Portugal. Teve a maior propriedade para pintar o sublime; cujo resplandor, pôstoque immenso, é tam suave que não cega, antes se faz com summo prazer accessivel á vista. No pathetico foi o mais insigne mestre: oh com que vehemencia o pinta, sem causar tedio! com que arte affeiçoa e interessa! e com que fôrça de expressão não traça o terrivel!

F. D. Gomes.

. . . Vence a todos esse genio immenso
Do tragico cantor de Ignez, que os varios
Coros discorre das castalias musas:
Não se streita somente á lyra e á frauta;
Com gran' destreza tóca a rude avena,
Que ja foi honra dos Menalios bosques:
Ao som das sette canas brando entoa
As pastoris *canções*, que invejariam
O Syracusio vate, o Mantuano.
E o môço pescador de Margelline.[1]

A. R. dos Santos.

[1] Theocrito, Virgilio e Sannazaro.

CANÇÃO.*

A AMOR.

Amor, pois m'inflammaste
No teu mais vivo fogo,
Onde o melhor de mi arde e s'apura ;
Pois nova luz mostraste
A meus olhos, meu rogo
Ache piedade em ti, ache brandura :
D'aquella fermosura
Na terra peregrina,
Do ceo mais natural,

* Diogo Bernardes, vendo a celebridade de Camões, cujo merecimento conciliava a estimação geral, mudou a maneira ferreiriana que seguia, e de tal modo imitou a phrase do grande epico, que algumas vezes se equivoca com a d'este. O em que elle porém o não imita, é em fallar, nas *canções*, aquella linguage ternissima e apaixonada que o auctor dos Lusiadas fallou nas suas.

. . . , *Pour bien exprimer ces caprices heureux*,
C'est peu d'être poète, il faut être amoureux.

BOILEAU.

Com estylo immortal
Segredos altos a cantar me ensina:
Tu minha voz levanta,
Em mi, tu d'ella canta.
Cantar de tal belleza,
Amor, a glória é tua;
Que tu não tens mor honra, nem mor gloria:
Humana natureza
Na bella fórma sua
Lhe quiz das mais fermosas dar victoria.
Qual dina de memoria
Se viu, na idade d'ouro,
Qual, na de ferro, nossa,
Que comparar-se possa
A ésta, por quem eu tão ledo mouro?
Que estimo mais tal morte
Que uma felice sorte.
Levanta com som novo,
Amor, este meu canto
De seu natural proprio baixo e rudo,
Sem ti (por quem me movo)
Não posso dizer tanto,
Que emfim não fique em tal sujeito mudo.
Se não cantar de tudo
Como desejo, aomenos
Tam docemente cante
De vós, que o mundo espante
Olhos sôbre o mortal curso serenos:
Mas sendo de vós visto
Quem se ha d'espantar d'isto?

Se vós eterna fama
Em versos de vós dinos
Quereis deixar antre a futura gente,
A lùz, que o ceo derrama
Em vós, olhos divinos,
A mi volvei mais amorosamente;
Que logo em differente
Estylo, d'este que ouviu
Tégora o Lima, e o Tejo,
A belleza que vejo
Em vós, n'elle verá quem vos não viu:
Tanto no lume vosso
Meu canto apurar posso!
Em quanto a sorte esquiva
A tanto bem resiste,
Em quanto não sintirdes o que sinto,
Que póde alma cativa
Mais, que em silencio triste
Mostrar que sente o que no rosto pinto?
E pois na dôr consinto
Por ver d'onde nasceo,
Fermosos olhos claros
Não me sejais avaros;
Olhae quàm liberal vos foi o ceo
Da luz que me negais,
Que não vos peço mais.
Se te virem, cantiga, aquelles olhos,
A quem pedem favor,
Que mais queres d'Amor?

Diogo Bernardes.

CANÇÃO.*

A VIDA CAMPESTRE.

Que sorte tam ditosa,
Que dom tam sublimado aquelle alcança
Que aposentou nos campos a ventura!
No bem de que alma gosa,
Isento do temor, e da esperança;
Nem d'ésta, nem n'aquelle se assegura.
Passando a vida alegre, não procura

* Ésta *canção* é uma das mais bellas e philosophicas da *Lusitania transformada*. A pintura que o auctor faz da tranquillidade e ventura campezina é excellente; e os rasgos de pincel, com que elle bosquejou os attributos da natureza, sam os mais variados e graciosos. Até o estylo (limpo de refinados *conceitos* e trocadilhos) parece contribuir á perfeição d'este interessante poema.

(Ouve)... as rimas de perolas toucadas
Que o opulento Fernão nos trouxe um dia,
Ou ja dos reinos da indiana aurora,
Ou ja d'esse paiz do deus da Arcadia.

A. R. dos Santos.

Ver os suberbos paços
Em que busque os favores
Que grangeiam somente aduladores
Á custa d'alma ! e á fôrça de seus braços
A fructa lhe daria
O ramo, aguas a fonte, o campo flores.
Oh! quam alto descanço emfim teria
Quem tam baixa tivesse a phantasia!
Víra nos arvoredos,
Da natureza as obras contemplando,
A fructa de mil côres variada:
Dos asperos penedos
Veria a fonte clara ir murmurando
Per entre alvas pedrinhas dirivada:
Veria pelos montes pendurada
A sua amada ovelha,
Na manhan clara e pura,
Que deixando dos campos a verdura,
Dera a seu doce canto attenta orelha.*

* Um padre muito docto da censoria riscou no manuscripto do *Telemaco*, traduzido per Manuel de Souza, a palavra — *orelhas* — como baixa e deshonrada: mas o capitão que sabía mais portuguez que todo o tribunal, lhe perguntou: — «Que é o que san' Pedro cortou a Malcho em certa noite de agarração? — » E o meu censorio ficou como um patinho. «A *orelha* (lhe retrucou o Souza) é membro e soffre córte; e o ouvido é sentido, que não ha hi facalhão de frade que o decepe.»

Francisco Manuel.

Oh! quem passar soubesse
A vida tam quieta, e tam segura,
D'ella apartando assi todo interesse,
Que nunca em mores cousas a metesse!
Veria a alegre aurora
Communicar no campo ás frescas flôres
A bella côr que tem na roixa fronte;
Veria d'onde mora
Pintadas de subtis e várias côres
Na praia conchas mil, flôres no monte!
E quando o sol se esconde no horisonte,
As nuvens transparentes
Vira na fresca tarde
(Como de noite a luz nos montes arde)
Pintar de bordaduras differentes.
O fructo colheria
Que por colhêr melhor seu tempo aguarde:
E em nada maior gôsto levaria
Que em levar o seu gado á fonte fria.
Dera-lhe o campo a vide,
Dera-lhe a vide os cachos roixo e verde,
E os cachos o liquor gostoso e lindo.
O valle em que reside,
Quando o sol da quentura a fôrça perde,
Fôra com vagarosos pés medindo.
Canções cantando um'hora, outr'hora ouvindo,
N'um gostoso descanço
E descançado gôsto
Teria todo seu cuidado pôsto

Em tosquiar o simples gado e manço:
Quando mais Phebo ardesse
Em o levar ó mais seguro posto,
Em vestir-se da lan que lhe* elle d'esse,
E mugi-lo do leite, que comesse.
Do triste ou ledo rosto
D'aquelle de que em vão**, vão preço spera,
Não trará seu descanço pendurado:
Nem temor, nem desgosto
Lhe causará na guerra ardente e fera
Caír o companheiro ao proprio lado.
Não exprimentará no mar irado
Dos ventos procellosos
A furia nunca mança.
O que pois tam ditosa sorte alcança,
Que de tantos encontros perigosos
A ventura o desvia,
Se intende sua bemaventurança,
Que lhe cantam as aves á porfia,
Quam bemaventurado que seria!
Em fraco lenho e leve
A vida não entrega ao vento irado

* Ésta *variação* era quasi sempre collocada pelos nossos bons poetas e prosadores antes do pronome; o que torna a phrase mais euphonica: mas hoje os que não attendem á euphonia, escrevem—que *elle lhe* désse. —

** A syllaba *vão* da palavra *em vão*, juncta ao verbo *vão*, forma um conjuncto pouco agradavel.

Para as pedras buscar que a India manda;
Nem põe o gôsto breve
No suberbo metal, que nega o fado
A quem trás elle mais trabalha e anda.
Por màis que volte a uma e outra banda,
O sol não lhe seria
Senão sereno e claro;
Que mal póde mudar-se o gôsto raro
De vida que em tam doce paz se cria,
Por mais que a acommettesse
Com seus tiros mortaes o tempo avaro:
E ainda acertaria se dicesse
Que por mais que a fortuna revolvesse,
Se o vestido lhe falta
De fina prata ornada e d'ouro alheio,
E as casas de subtil e vária tinta;
No campo se lhe esmalta
O verde chão de gracioso arreio,
Que o ceo de suas côres proprias pinta.
E sem que do temor o assalto sinta,
Ao somno socegado
O convida a corrente
Do ribeiro que corre mansamente
Per entre as hervas humidas do prado,
Se a costumada onzena
A terra lhe negar, tam pouco o sente,
Que por causa mais grande ou mais pequena
Nunca em si sentiria maior pena.
Quam bemaventurado,

Quam ledo, quam ditoso emfim seria
O que mercê do ceo tam grande houvesse,
    Que so acompanhado
Das ovelhas pacíficas, que cria,
Na doce solidão viver podesse!
  E sem buscar no mundo outro interesse,
    No seguro remanso.
    Que para si buscasse,
Alegre a vida em tanta paz passasse,
Que nunca profanara o seu descanso
    Outra mais grave pena,
(Por mais que a sorte dura salteiasse
Com varios casos sua paz serena)
Que pezar-lhe da vida ser pequena.
  F. A. do Oriente, *Lusitania transformada.*

O Snr. A L. Chezy, professor de lingua e litteratura *sanskritas* no collegio-real de França, e estimavel traductor de varios poemas, entre os quaes se distingue o de *Medjnoun e Leila*, composto no idioma persico per Djamy; e o que mais é, grande admirador do nosso Camões, me asseverou, que tanto n'este poeta, como em Fernão Alvares, se encontram frequentemente as mesmas formulas e colorido de que usam os auctores orientaes.

LYRA.

A PRIMAVERA. *

Ja nasce o bello dia,
Princípio do verão fermoso e brando,
Que com nova alegria
Estão denunciando
As aves namoradas
Dos flóridos raminhos penduradas.
Ja abre a bella Aurora,
Com nova luz, as portas do Oriente;
E mostra a linda Flora
O prado mais contente .

* O nosso Francisco Rodrigues Lobo, metteu-se a fazer um poema epico ; mas pola froxidão de espirito, falta de genio e fôrças, veio a perder aquelle credito, que aliás conseguíra nas *composições humildes e pequenas*, que soube tractar. As suas dés eclogas de versos menores, estimam-se n'aquelle genero, por uma das melhores cousas da Hespanha. Assim este auctor não andara tam corrupto e depravado pela ignorancia typographica !

T. J. de Aquino.

Vestido de boninas
Aljofrado de gottas crystallinas.
Ja o sol mais fermoso
Está ferindo as aguas prateadas;
E zephyro queixoso
Ora as mostra encrespadas
Á vista dos penedos,
Ora sôbre ellas move os arvoredos.
De reluzente areia
Se mostra mais fermosa a rica praia,
Cuja riba se arreia
Do alamo, e da faia,
Do freixo, e do salgueiro,
Do ulmo, da aveleira, e do loureiro.
Ja com rumor profundo
Não soa o Lis nos montes seus vizinhos;
Antes no claro fundo
Mostra os alvos seixinhos,
E os peixes que nas veias
Deixam, tremendo, a sombra nas areias.
Ja sem nuvens medonhas
Se mostra o ceo vestido de outras cores,
Ja se ouvem as sanfonhas
E frautas dos pastores
Que vão guiando o gado
Pela fragosa serra, e pelo prado.
Ja nas largas campinas,
E nas verdes descidas dos outeiros,
Ao som das sanfoninas,

Cantam os ovelheiros,
Em quanto os gados pascem
As mimosas hervinhas que renascem.
Sôbre a tenra verdura
Agora os cabritinhos vão saltando,
E sôbre a fonte pura
Passa a noite cantando
O rouxinol suave
Com saúdoso accento agudo e grave.
Diana mais fermosa,
Sem ventos, sôbre as aguas apparece,
E faz que a noite irosa
Tam clara resplandece
Á vista das estrellas,
Que se envergonha o sol á vista d'ellas.
Tudo n'ésta mudança,
Qual em sua esperança,
Tambem de novo cobra novo stado;
E qual em seu cuidado
Acha contentamento;
Qual melhora na vida o pensamento.

F. R. Lobo, *Primavera.*

ENDEIXAS.

LEI DE NAMORADOS.

Quem poz seu cuidado
Em pastora loura,
Nem veja a lavoura,
Nem sirva de arado:
Nem jamais se entregue
Em lavrar abrolhos;
Semeie em seus olhos,
E em seus olhos segue.
E se seus amores
Nasceram de amor,
Seja lavrador,
Pois quer lavradores.
Para sustenta-la
Gaste a vida n'ella;
Ou viva de vella,
Ou de deseja-la.
Tenha, aonde a tem,
A vida e cuidado;
Se ella guarda gado,
Guarde elle tambem.

No valle, e no monte
Seja seu vizinho,
Saia-lhe ao caminho
No rio, e na fonte.
Traga-lhe das vinhas
O seu fructo ingrato;
Quando vem do mato,
Traga-lhe das pinhas.
Se vem do serviço,
Traga das montanhas
As molles castanhas
No seu crespo ouriço.
Se em monte ou ribeira
Cria enxame bravo,
Dê-lhe o doce favo
Da cresta primeira.
Pardos rouxinoes,
Ledos passarinhos,
Lhe traga em seus ninhos
Quando vem dos boes.
Em quanto a manada
Anda apascentando,
Lhe lavre cantando
A roca pintada.
Quanto ella sustenta,
Tanto elle sustente;
E viva contente
Do que lhe contenta.
Se a côr arenosa

Tiver por melhor,
Diga que essa cor
A faz mais fermosa.
  Se a tarde e sol pôsto
Lhe parece bem,
Mostre que não tem
Mais sol que o seu rôsto.
  E se a noite fria
Lhe contenta mais,
Mostre per signais
Que quer mal ao dia.
  Todo se transforme
Na vontade d'ella;
Vele quando vella,
Durma quando dorme.
  O que ella approvar,
So bem lhe pareça;
E a si se aborreça
Pola contentar:
  Que amor engrandece,
Nas leis em que stá,
Quem serve e quem dá,
E a quem lhe obedece.

F. R. Lobo, *Primavera*.

LYRA.*

O CONTENTAMENTO.

Eu, Marilia, não sou algum vaqueiro
Que viva de guardar alheio gado,
De tosco tracto, d'expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóes queimado:
Tenho proprio casal, e n'elle assisto;
Da-me vinho, legume, fructa, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lans de que me visto.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!
Eu vi o meu semblante n'uma fonte;
Dos annos inda não está cortado:
Os pastores, que habitam este monte,
Respeitam o podêr do meu cajado.
Com tal destreza toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o proprio Alceste:
Ao som d'ella concérto a voz celeste;
Nem canto lettra, que não seja minha.

* Tocante ao merito das *lyras* de Gonzaga, leia-se a pagina XLVI, no primeiro volume d'ésta escolha.

Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!
Mas tendo tantos dotes da ventura,
So aprêço lhes dou, gentil pastora,
Depois que o teu affecto me segura
Que queres, do que tenho, ser senhora.
É bom, minha Marilia, é bom ser dono
De um rebanho que cubra monte e prado;
Porêm, gentil pastora, o teu agrado
Vale mais q'um rebanho, e mais q'um throno.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!
Os teus olhos espalham luz divina,
A quem a luz do sol em vão se atreve;
Papoila ou rosa delicada e fina
Te côbre as faces, que são côr da neve:
Os teus cabellos são uns fios d'ouro;
Teu lindo corpo balsamos vapora;
Ah! não, não fez o ceo, gentil pastora,
Para glória de amor, igual thesouro!
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!
Leve-me a sementeira muito embora
O rio sôbre os campos levantado;
Acabe, acabe a peste matadora,
Sem deixar uma rez, o nedio gado:
Ja d'estes bens, Marilia, não preciso;
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta;
Para viver feliz, Marilia, basta

Que os olhos movas, e me dês um riso.
Graças, Marilia bella,
Graças, á minha estrella!
Irás a divertir-te na floresta,
Sustentada, Marilia, no meu braço;
Alli descançarei a quente sésta,
Dormindo um leve somno em teu regaço:
Em quanto a lucta jogam os pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei teus cabellos de boninas,
Nos troncos gravarei os teus louvores.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!
Depois que nos ferir a mão da Morte,
Ou seja n'este monte, ou n'outra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dous a mesma terra:
Na campa, rodeiada de cyprestes,
Lerão estas oitavas os pastores:
— *Quem quizer ser feliz nos seus amores,*
Siga os exemplos que nos deram estes. —
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

LYRA.

O PERJURIO.

Marilia, teus olhos
São reos e culpados:
Que soffra, e que beije
Os ferros pesados
De injusto senhor!
Marilia, escuta
Um triste pastor.
Mal vi o teu rosto
O sangue gelou-se,
A lingua prendeu-se,
Tremi, e mudou-se
Das faces a cor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.
A vista furtiva,
O riso imperfeito,
Fizeram a chaga,
Que abriste no peito
Mais funda e maior.
Marilia, escuta

Um triste pastor.
Dispuz-me a servir-te,
Levava o teu gado
Á fonte mais clara,
Á vargem e prado
De relva melhor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.
Se vinha da herdade,
Trazia dos ninhos
As aves nascidas
Abrindo os biquinhos
De fome ou temor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.
Se alguem te louvava,
De gôsto me enchia;
Mas sempre o ciume
No rosto accendia
Um vivo calor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.
Se stavas alegre,
Dirceu se alegrava;
Se stavas sentida,
Dirceu suspirava
Á fôrça da dor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Fallando com Laura,
Marilia (dizia);
Surria-se aquella,
E eu conhecia
O êrro de amor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Movida, Marilia,
De tanta ternura,
Nos braços me déste
Da tua fe pura
Um doce penhor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Tu mesma disseste
« Que tudo podia
Mudar de figura;
Mas nunca seria
Teu peito traidor. »
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Tu ja te mudaste;
E a olaia frondosa,
Aonde screveste
A jura horrorosa,
Tem todo o vigor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

LYRA.

O RETRATO.

Vou retratar a Marilia,
A Marilia, meus amores;
Porêm como, se eu não vejo
Quem me empreste as finas cores?
Dar-m'as a terra não póde;
Não, que a sua côr mimosa
Vence o lirio, vence a rosa,
O jasmim, e as outras flores.
Ah soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meo!
Voa sôbre os astros, voa,
Traze-me as tinctas do ceo.
Mas não se esmoreça logo;
Busquemos um pouco mais;
Nos máres talvez se encontrem
Côres que sejam iguaes:
Porêm não, que em paralello
Da minha nympha adorada,
Perolas não valem nada,
E nada valem coraes.

Ah soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meo!
Voa sôbre os astros, voa,
Traze-me as tinctas do ceo.

So no ceo achar-se podem
Taes bellezas como aquellas
Que Marilia tem nos olhos,
E que tem nas faces bellas:
Mas ás faces graciosas,
Aos negros olhos que matam,
Não imitam, não retratam
Nem auroras, nem estrellas.
Ah soccorre, Amor, soccorre
Ao mais grato empenho meo!
Voa sôbre os astros, voa,
Traze-me as tinctas do ceo.

Entremos, Amor, entremos,
Entremos na mesma esphera;
Venha Pallas, venha Juno,
Venha a deusa de Cythera:
Porêm não, que se Marilia
No certàme antigo entrasse,
Bemque a Páris não peitasse,
A todas as tres vencera.
Vai-te Amor, em vão soccorres
Ao mais grato empenho meo:
Para formar-lhe o retrato
Não bastam tinctas do ceo.

LYRA.

TODOS AMAM.

Marilia, de que te queixas?
De que te roube Dirceu
O sincero coração?
Não te deu tambem o seu?
E tu, Marilia, primeiro
Não lhe lançaste o grilhão?
Todos amam: so Marilia
D'ésta lei da natureza
Queria ter isenção?
Emtôrno das castas pombas
Não rulham ternos, pombinhos?
E rulham, Marilia, em vão?
Não se affagam c'os biquinhos?
E a próvas de mais ternura
Não os arrasta a paixão?
Todos amam: so Marilia
D'ésta lei da natureza
Queria ter isenção?
Ja viste, minha Marilia,
Avesinhas que não façam

Os seus ninhos no verão?
Aquellas, com quem se enlaçam,
Não vão cantar-lhes defronte
Do molle pouso em que estão?
Todos amam: so Marilia
D'ésta lei da natureza
Queria ter isenção?
Se os peixes, Marilia, geram
Nos bravos máres e rios,
Tudo effeitos de amor são:
Amam os brutos impíos,
A serpente venenosa,
A onça, o tigre, o leão.
Todos amam: so Marilia
D'ésta lei da natureza
Queria ter isenção?
As grandes deusas do ceo
Sentem a setta tyrana
Da amorosa inclinação;
Diana, com ser Diana,
Não se abrasa, não suspira
Polo amor de Endymião?
Todos amam: so Marilia
D'ésta lei da natureza
Queria ter isenção?
Desiste, Marilia bella,
De uma queixa sustentada
So na altiva opinião:
Ésta chamma é inspirada

Pelo ceo; pois n'ella assenta
A nossa conservação.
Todos amam: so Marilia
D'ésta lei da natureza
Não deve ser isenção.

LYRA.

RECORDAÇÕES.

A éstas horas
Eu procurava
Os meus amores;
Tinham-me inveja
Os mais pastores.
A porta abria,
Inda esfregando
Os olhos bellos,
Sem flor, nem fita
Nos seus cabellos:
Ah! que assim mesmo
Sem compostura,
É mais formosa,
Que a estrella d'alva,

Que a fresca rosa!
Mal eu a via,
Um ar mais leve,
(Que doce effeito!)
Ja respirava
Meu terno peito.
Do cêrco apenas
Soltava o gado,
Eu lhe amimava
Aquella ovelha
Que mais amava.
Dava-lhe sempre
No rio e fonte,
No prado e selva,
Agua mais clara,
Mais branda relva.
No collo a punha,
Então brincando
A mim a unia;
Mil cousas ternas
Aqui dizia.
Marília vendo,
Que eu so com ella
É que fallava;
Ria-se a furto,
E disfarçava.
D'ésta maneira
Nos castos peitos,

De dia em dia,
A nossa chamma
Mais se accendia.

Da mesma sorte
Que á sua amada,
Que stá no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho:

Na quente sésta,
D'ella defronte,
Eu me entretinha
Movendo o ferro
Da sanfoninha:

Ella por dar-me
De ouvir o gôsto,
Mais se chegava;
Então vaidoso
Assim cantava:

Não ha pastora
Que chegar possa
Á minha bella,
Nem quem me iguale
Tambem na estrella:

Se amor concede
Que eu me recline
No branco peito,
Eu não invejo
De Jove o leito.

Ornam seu peito
As sans virtudes,*
Que nos namoram:
No seu semblante
As graças moram.
Assim vivia:
Hoje em suspiros
O canto é mudo...
Assim, Marilia,
Se acaba tudo.

GONZAGA, *Marilia de Dirceu.*

* Bemque a orthographia que segui nas palavras *san*, *irman*, *lan*, etc. seja contrária ás razões que expendeu um habil philologo, e ao dictâme, per elle allegado, de Duarte Nunes de Lião; todavia este modo de *orthographar* é hoje tam usual nos nossos bons auctores modernos, que não scrupulisei empregar a final *n* em vez de ˜. Entre os dictos auctores escolherei um cuja authoridade não é pequena, e seja Francisco Manuel, na sua ode á *Virtude*, edicção primeira:

Direi cousas mais altas
Que descrida não pensa a iniquidade,
Mas que da *san* virtude foram dignas.

Mais logares podera eu citar, em que elle e outros abalisados Ingenhos, escreveram *van*, *lan*, *irman*, etc. com *n*.

CANÇONETA.*

—

A VISÃO.

N'uma selva alcatifada
De graminea felpa viva,
De altos freixos sombreiada,
Entre os quaes sonora e esquiva
Se deriva
Um arroio transparente,
Entro, n'uma sesta ardente.
D'entre uns myrthos apinhados,
Que na margem floreciam,
Aos ouvidos incantados

* *Le talent de Domingos Maximiano Tôrres est moins élevé, moins grand que celui de Francisco Manuel, de Diniz et de Garção; mais il les égale en grace, en élégance, et peut-être il les surpasse en pureté. On a de lui des odes tant pindariques qu'à la manière d'Horace; quelques dithyrambes où l'on trouve beaucoup de verve; des cantates du meilleur goût, des* chansonnettes, *et des sonnets.*

Sané.

Sons divinos me feriam.
Não se ouviam
Entre as árvores de attentos
Susurrar os roucos ventos.
Mais e mais o meu desejo
Me embrenhava na espessura;
Chego á murtha, e um cysne vejo
De purpúrea * cega alvura:
Não murmura
Polo ouvir a argentea veia,
E de gôzo o curso enfreia.
Aoredor o côro alado,
Os seus collos meneiando,
Sôbre as árvores callàdo

* A respeito do epitheto *purpurea*, que eu dou á *alvura*, tenho a dizer: Que *purpureus*, *a*, *um*, entre os poetas latinos e gregos, significa — *cousa brilhante*, *nítida*, *pura*, *formosa*, *e de côr viva*, etc. qualquer que seja.—Por *azul* ou *verde resplandecente*, acha-se em Virgilio nas *Georgicas*, liv, IV, v. 373.

In mare purpureum *violentior influit amnis.*

Por *louro* ou *ruivo* usou d'elle Tibulo no liv. I, eleg. IV, vers. 5:

Carmine purpurea *est Nisi coma....*

Na significação de *muitas côres*, Virgilio, ecl. IX, vers. 40:

Hic ver purpureum....

Escutava o verso brando,
E admirando;
Que no seio me adormenta
A tristeza macilenta.
N'isto baixa ao prado hervoso
De atros gansos banda ingente,
Cérca o cysne sonoroso,
E á porfia derepente
Roucamente
A grasnar começa emroda,
Atroando a selva toda.
Segue o cysne o doce canto,
Nem dos grasnos cura nada;
Ri-se a Nays, que ouvia emtanto
Sôbre a agua prateiada
Reclinada.

Na accepção de *cousa formosa* ou *viva*, Valerio Flaco, quando disse:

En frigidus orbes purpureos *jam somnus obit.*

Por *cousa brilhante e nitida*, Albinovan, el. II, vers. 62:

Brachia purpurea *candidiora nive.*

E o grande Horacio, fallando dos cysnes do carro de Venus, liv. IV, od. I, vers 10:

. . . . . Purpureis *ales oloribus*, etc.

O Auctor.

Assoviam* os malinos
Brincões satyros caprinos.
De íra cheios e despeito
Vejo os gansos presumidos
Refrear no imo peito
Os seus grasnos de corridos;
E incendidos
Voam onde pantanosa
Corre a lympha mais lodosa.
Com o bico o lodo volve
A maldicta praga immunda;
E depois que se revolve,
Corre ao cysne, e furibunda
Todo o inunda,
Em soante revoada,
Da escorrente agua enlodada.
Mas o cysne mal se olhou
Todo esqualido e nojoso,
Na corrente mergulhou,
E surdiu alvo e lustroso
Do asqueroso
Bando iniquo triumphante,
Que ao ceo voa trepidante.
Torna ao canto o cysne quando...
(De pavor inda estremeço!)

* A plumbea pélla mata, o brado espanta;
Ferido o ar retumba e *assovia*.

Camões, *Lus.* cant. I, est. 89.

Dizei vós o caso infando,
Claras deusas do Permesso:
Ah! conheço
Que me ouvis! ja furia ingente
Me estimúla a accesa mente.

Quando um drago de improviso,
Que de verde e azul se esmalta,
Colleando, vir, diviso
De uma brenha spessa e alta:
Ja la salta
Sôbre o cysne desgraçado,
De horror preso e arripiado.

Deixa, vendo-o, as selvas frias
Toda a ave, a fera a toca.
Enroscou-se; e as leves guias
Lhe arrancou co'a ímpia boca.
Eis suffoca,
Recrescendo em tortos nós,
Ao cantor a flebil vós.

N'agua a face peregrina
Escondeu a Nays chorosa;
N'isto baixa repentina
Sôbre a face sanguinosa,
Generosa
Aguia, a quem dobra a floresta
A frondosa altiva testa.

Sólta o cysne, e logo logo
O dragão sai a encontrala;
Meio se ergùe, e peste e fogo

Da cruenta boca exhala :
Silva e stala
Com a cauda, e os lombos trilha;
A farpada lingua brilha.
Prompta a vista, revoando,
Calca a aguia o monstro iroso,
De o assaltar como espiando
O momento venturoso.
Susto e goso
Fazem n'alma duro embate;
Um me anima, o outro a abate.
Faz então, na dubia guerra,
A aguia falsa arremetida;
Salta o drago, e os olhos cerra;
Furta-se ella, e de corrida,
Advertida
Lhe empolgou o rijo cacho,
Trespassando-o d'alto a bacho.
Com as garras furibundas
As entranhas lhe rasgando,
Borbotões de sangue as fundas
Brechas golpham murmurando :
Boqueando,
Semivivo baqueou,
Sólta as roscas, e expirou.
Mal caíu o monstro, vejo
Uma angelica donzella,
Qual a finge o vão desejo,
Do ocioso, meiga e bella;

Aurea tella
Lhe orna o corpo delicado ;
Prende a coma ouro gemmado.
C'um andar cheio de graça
Vem o cysne demandando ;
Recende o ar per onde passa ;
E debaixo do pe brando ,
Vão brotando
A cecem , o lirio , a rosa ;
Vergonteia a estirpe annosa.
Chega ; e o cysne lastimoso
Juncto ao seio terna amima ;
O calor prodigioso
Os espiritos lhe anima.
Ja sublima
Mais que outrora denodado
O, télli, collo inclinado .
Larga-o a nympha ; elle veloz
Vai para a aguia eximia, e quando
Se avizinha , sólta a voz
Sons divinos gorgeando ,
Grata honrando
A raínha sua cára ,
Que a ouvi-lo, ás vezes, pára.
N'isto aos ares se remonta
N'uma nuve a nympha bella ,
A aguia a segue em vôo promta ;
Nem no alcance muito anhella :
Atrás d'ella

Bate o cysne as ermas vias
Co' as possantes novas guias.
Deixo absorto o bosque horrendo,
E a Damon narro o portento:
Damon do Erebo tremendo
Traz á luz, c'o mago accento,
Manes cento;
Deduz Trivia do alto ceo;
E ao futuro rasga o veo.
Mal me ouviu, ao ceo levanta
O seu vulto venerando;
Vozes barbaras descanta;
E depois cabeceando,
Abaixando
Para mim os olhos ledos,
Sólta a voz a taes segredos:
« N'um altar de terrão vivo
Liba a Delio e ás Camenas;
Do jacintho e louro esquivo
Engrinalda-o, e das verbenas
Mais amenas:
Dadiva é sua mimosa
A visão da selva umbrosa.
Sim, tu es do fulvo Tejo
Um dos cysnes sonorosos:
De atros gansos bando eu vejo,
De teus cantos invejosos,
Presumpçosos

Pretender tornâr-te mudo *
Com o crebro grasno rudo.
  Eis lhe impõe silencio duro
O geral escarneo, e enfreia:
Em vão chama o aleive impuro,
Que a candura que te arreia,
      Embaceia:
Da verdade a luz embreve
Lhe dissipa a sombra leve.
  Inimiga fera e válida,
Do imo Tartaro brotando,
A pobreza, serpe erquálida,
Te suffoca o canto brando,
      Decotando
Do talendo as azas promptas,
Com que ao Pindo te remontas.
  Ja de heroes ninho fatal
(Nas estrellas vejo scrito)
Manda ao ceo aguia caudal,
O esplandor olhando avito
      Fito a fito:
De ti fallo, Alcippe bella,

* Ha certos *criticos*, que em tudo *poem pecha; e* que *não escrevendo elles, nem sendo capazes de escrever cousa que se leia*, querem impedir que os outros escrevam. Que parecidos que são com o cão da fábula, que nem come, nem deixa comer !..

FRANCISCO MANUEL.

Pia e justa como aquella.
Tu brazão da terra lusa,
Dos Almeidas penhor caro,
Salvarás a afflicta musa
Com o teu egregio amparo;
La no avaro
Acheronte sepultando
Da indigencia o monstro infando.
No fecundo seio e santo
Da ventura, Alfeno honrado,
Novas guias estro e canto
Cobrarás. Assim mandado
Tem o fado.»
Tôa então nublado o ceo:
E Damon emmudeceo.

DOMINGOS MAXIMIANO TÔRRES.

Com quem dos vates comparar-te posso
Tôrres sublime, quando o véo levantas
Ao nublado futuro? ou quando mostras
Como «com largo cinto e tenue vara,
Viste Cupido, á luz da ruíva Delia,
Dar tres voltas, n'um círculo mettido,
Os olhos envesgar, ferir raivoso
O chão, c'o esquerdo pe?» ou quando narras
As prácticas dos numes, no alto assento?
O ceo não tem luzeiro, o inferno sombras,
Que tu, co' a aguda vista, não penetres.
Qual destro creador de novos orbes,

Tu do universo os ambitos alargas,
E o povôas de novos moradores;
Fazes surgir, dos golphãos do atro chaos,
Mil novas fórmas, mil variados entes;
E, aos que eram meros sonhos, turba informe,
Tu lhes dás corpo, dás acção, dás vida.
Eu vejo (se tu queres, e se volves
Da magica poesia a hardida vara)
Mover-se os troncos, condoer-se as penhas;
Os tigres se humanar, parar os rios;
E debruçar-se sôbre as verdes urnas
Para te ouvir cantar novos prodigios
Similhados aos que, n'essa era, obrara
A musa grega, quando Homero pinta
As trípodes, per si aos templos indo,
E os carvalhos de Dódona, que fallam.

FRANCISCO MANUEL.

ENDEIXAS.

A MORTE.*

Pesado alfange, golpe fero,
Es da doença, ou es da morte?
Eu me resigno, e firme espero
O derradeiro fatal corte.
Tu, leve sôpro, intendimento,
Alma immortal, per onde andavas?
Qual luz de vela exposta aó vento,
Me pareceu que te apagavas.
Se a vida so víra extinguir!...
Ah! que é a vida, e o mundo? nada.

* *Les poésies dè José Anastacio da Cunha, recueillies en 1788, n'ont, je crois, jamais été imprimées; j'en ai eu le manuscrit entre les mains, et loin d'en découvrir rien de cette sécheresse, de ce manque d'élan et d'imagination qu'on pouvait supposer être le résultat d'une longue application aux sciences exactes, je suis frappé de leur douce rêverie, de leur sensibilité et sur-tout de cet accent mélancolique qui semble propre à la poésie portugaise, entre toutes les langues du midi.*

Sismondi.

Mas ver-se uma alma dividir
Mais que de si, da sua amada!
  Morrer, e sem ao meu incanto
Podêr mostrar o affecto meu!
Ah! sem podêr mostrar-lhe o quanto
Sou todo inteiramente seu!
  Ah ceos!... porêm,— eu me resigno.....
Mas se aqui findo os dias meus,
Oh! algum zephyro benigno
Ao meu amor leve este adeus.
  Adeus, objecto idolatrado
Do mais intenso e puro amor!
De amor tam doce, acerbo fado
À gentil planta sega em flor.
  Adeus, adeus! sabe que em quanto
O espirito ou corpo existe, é teu:
Vive feliz, tam feliz quanto
Se fôras minha, ou fôras eu.
  Mas para mim o agudo estoque,
Furiosa a dor torna a apontar;
Desfeito em sombra ao fino toque
Tudo de mim vejo afastar.
  E tu, essencia incomprehensibil,
Tu do universo ou alma ou rei,
Patente em tudo e invisibil,
Em quem um pae, creio, acharei;
  Levo a teus pés, qual m'o entregaste,
Simples e humano, o coração;
Amor ao bem, qual me inspiraste;

Fraquezas e erros, crimes não.
Pia a amizade, acaba emtanto
O triste officio derradeiro;
E as libações me faz de pranto
Na pedra rasa e sem lettreiro.
Terna amizade (se sentido
O não tiver no peito amor)
Te irá dizer manso ao ouvido:
« Ja não existe o teu pastor. »
E quando a praia, e a espessura,
Que absorto aope de ti me via,
Minha affeição tam terna e pura
Te debuxar na phantasia;
Brandos suspiros não engeito,
Nem gentil lagryma que amor
Verter do mais que amado peito
Com saúdade, mas sem dor.
E dize então maviosamente:
« Raro e leal foi o amor seu;
Meu foi, meu todo inteiramente,
E, se inda existe, ainda é meu. »

J. A. da Cunha.

A CREAÇÃO
DA
MULHER.

Já tinha o mundo
Jove formado,
E rei de tudo
O homem creado;
Mas solitario
Este se achava:
Brusca tristeza
O dominava.
Com mão profusa
A natureza
Em vão mostrava
Sancta belleza!
Cantavam aves,
Bulia o vento:
Tudo infundia
Contentamento.
Flórido o valle
Reverdecia:
De aromas mil
O ar se enchia.

Manhan serena
Leda brilhava :
Manto de estrellas
A noite ornava.
E todavia,
Qual duro tronco,
O homem jazia
Sisudo e bronco.
Covas escuras,
Matta enredada,
N'ellas fazia
Sua morada.
No solio eterno
Jove sentado,
Então aos deuses
Falla pousado :
« Mortal suberbo
C'o intendimento,
Sondar pretende
Mysterios cento.
So, pensativo
Se desalenta :
Do mundo inteiro
Nada o contenta.
Eu distraí-lo
Quero piedoso;
Beba sua alma
Nectar gostoso. »
Fórma então Jove

Nova creatura;
De Venus bella
Fiel pintura.

Esbelto talhe,
Meneio brando,
Mil amorinhos
Vão rebanhando!

De ouro madeixas
Ao vento sôltas,
Ameigam feras,
Que andam revôltas.

Os cupidinhos
Dos verdes olhos
Duros despedem
Settas a molhos.

Covas da face
Branca e rosada,
Vós sois das graças
Gentil morada!

Vozes suaves,
Que as almas prendem,
De fio em fio
Dos beiços pendem.

Ah! são seus labios
Fontes de vida!
Em neve pura
Roman partida!

As alvas têtas
De marfim puro

Ah! são mais rijas
Que crystal duro!
  Carne mimosa
Que a vista enleva,
Onde o desejo
Em vão se ceva!
  Ao vê-la o homem
Pasma, estremece!
Quer abraça-la,
Corre, enlanguece!
— « Quem es, es deusa?
(O homem lhe grita)
Ah! se podesses
Trazer-me dita? »
  Ella responde:
— « Sou tua esposa;
Deixa a tristeza,
Ama-me e gosa. »

José Bonifacio de Andrada.

A FLOR SAUDADE.

Vem cá, minha companheira,
Vem, triste e mimosa flor,
Se tens de saudade o nome,
Da saúdade eu tenho a dor.
Recebe este frio beijo,
Beijo de melancholia,
Tem d'amor toda doçura,
Mas não o ardor d'alegria.
Onde te pegou Marilia?
Dize, onde um beijo te deu?
Mostra o logar, n'elle quero
Dar-te eu outro beijo meu.
Se Marilia quer que exprimas
O qu'ella sente por mim,
Porque murchas? Não me lembres
Que amor tambem passa assim.
Marilia em tudo te iguala
Linda e delicada flor,
Mas infeliz se em seu peito,
Quanto duras, dura amor!
Tu venturosa cuidavas,
Quando o meu bem te colheu,

Que morreras em seu seio,
Qual morri outrora eu.

Longe d'haste, em que Favonio
Ia comtigo brincar,
Em vez de orvalho, te sentes
So de lagrymas banhar.

Flor infeliz!... porêm eu
Quanto mais infeliz sou!...
Nada te disse Marilia
Quando ella a mim te enviou?

Ah! se tu saber poderas
Quanto amor, quanta ternura,
Se souberas das delicias,
Julgaras da desventura.

Mas que digo! não me creias,
Não me vas atraiçoar,
Saúdade, é crime d'amor
Seus mysterios divulgar.

BORGES DE BARROS.

IMPROVISO
Á MORTE DE SOCRATES.

MOTE.

Terá fim, mas não sei quando.

Socrates, rei da razão,
Empunha a fatal cicuta,
E da morte á extrema luta
Não lhe treme o coração:
Supportou-lhe a gradação
Com um ar sereno e brando;
Dos discipulos ao bando
Disse: « eu morro, e não me queixo;
E a memoria, que vos deixo
Terá fim, mas não sei quando. »

Defender os patrios lares,
Dar a vida polo rei,
É dos lusos valorosos
Character, costume e lei.

GLOSA.

Fernando avilta o brazão,
De eternos avós herdado;
Fernando, a delicias dado,
Perde glória e coração:
Eis o primeiro João
Surge fausto entre os azares;
Dissipa torpes desares,
E vai co'a tremenda espada,
Co' a glória resuscitada
Defender os patrios lares.

Correm tempos; e o destino
De Lysia outra vez se altera:
No berço Bellona fera
Bafeja real menino.
Cresce, e infausto desatino
O move contra Mulei: *
Ai! segue-o submissa grei;
Lusas mãos pendões desferem;

* Molei Moluco, rei de Marrocos.

E até na injustiça querem
Dar a vida polo rei.

Cai o môço miserando
Sôbre as barbaras areias ;
Rebenta o sangue das veias
Inda victoria anhelando.
Ferreo jugo, intruso mando
Nos turva os annaes lustrosos :
Serie de tempos nublosos ,
Que a Roma cadeias lança ,
(Bemcomo os da glória) herança
É dos lusos valorosos.

Rompe emfim de Lysia o somno
Alto impulso repentino ;
E o renovo Bragantino
Reluz no remido throno.
Oh Lusos ! celeste abono
Verificae , merecei ;
Duro assalto removei :
Jus vos dão para a victoria
Um Deus , a razão , a historia ,
Character, costume e lei.

BOCAGE.

DECIMAS.*

Feriu sacrilega espada,
Alçada per mão traidora,
Cabeça, que sempre fora
Té ós barbeiros vedada:
D'entre a grenha profanada
Corre o sangue á terra dura:
Tosquiou-se a matadura;
E o casco rebelde a ordens,
Precisou d'éstas desordens
Para ter prima tonsura.

Feroz soldado imprudente,
Que nova espada esgrimiu,
Foi o ímpio que feriu
Ésta víctima innocente!
A quem do golpe insolente
O motivo lhe procura,
Diz «que fez compra segura;
Pois duvidoso na escolha,

* Foram feitas a um leigo que era vesgo, que nunca teve fastio, e a quem, per acaso, tocou na cabeça a ponta de um espadim.

Qúiz ver que tal era a folha
Cortando per cousa dura.»

Homem de tenção damnada,
So tu conseguiste o fim
De entrar o teu espadim
Aonde não entra nada:
Da repentina estocada
Cai o padre desmaiado;
Mas quando recuperado
A ti os olhos volveu,
Sabes o que te valeu?
Foi teres ja almoçado.

Todo o mundo te praguejа,
Porque em detestavel guerra
Ias deitando per terra
Ésta columna da igreja:
Mas se triumphasse a inveja
E o padre morresse então,
Dize, ó ímpio coração,
Que tanto em furor te atissas!
Quem adjudaria ás missas?
Quem tocaria ao sermão?

Quem nos daria a certeza
De haver outro homem sisudo,
Que podesse comer tudo
Quanto se puzer na meza?
Da próvida natureza
Quem havia as leis seguir?
Observante em digerir

Qual outro havia saber
Depois de acordar, comer;
Depois de comer, dormir?
  Que importa, ó cruel soldado,
Para desculpar teu erro,
Ter sido o teu ímpio ferro
Ja pola patria arrancado?
Que importa que em campo armado
Juncto a si Lippe * te veja?
Que importa que o mundo seja
Das tuas acções o abono,
Se a mão, que defende o throno,
Ataca depois a igreja?
  E tu, que segues os trilhos,
Que san' Francisco te fes,
E pões os teus gordos pes
Sôbre os seus sanctos ladrilhos;
Poisque a seus devotos filhos
Guarda no ceo largas pagas,
Nos olhos é bem que o tragas,
E de modelo não mudes;
E pois não é nas virtudes,
Que o seja aomenos nas chagas.

Nicolau Tolentino.

* General estrangeiro que commandava o exército portuguez.

ODE I.*

Á LINGUA PORTUGUEZA.

Fuja d'aqui o odioso
Profano vulgo; eu canto
A brandas musas, a uns spritos dados
Dos ceos ao novo canto
Heroico e generoso,
Nunca ouvido dos nossos bons passados.
N'este sejam cantados
Altos reis, altos feitos;

* Se mais te incanta harmonicos accentos
Ouvir da eburnea lyra, não te cance
Meu Ferreira outra vez ouvir, que sólta
Os hymnos de Callímaco, cantando,
E o *sprito venusino* resuscita.

A. R. dos Santos.

Costume-se este ar nosso á lyra nova:
Accendei vossos peitos,
Ingenhos bem criados,
Do fogo qu'o mundo outra vez renova.
Cadaum faça alta prova
De seu sprito em tantas
Portuguezas conquistas e victorias,
De que ledo t'espantas
Oceano, e dás por nova
Do mundo, ó mesmo mundo, altas historias.
Renova mil memorias
Lingua, ós teus esquecida, *
Ou por falta d'amor, ou falta d'arte;
Sê para sempre lida

* Desprezava-se então a lingua vulgar; e pela maior parte os versos que se compunham eram em alguma das estranhas, especialmente na latina. Antonio Ferreira não se deixou porêm, n'ésta parte, levar da torrente do uso; de maneira, que em toda a vida *dando* (como na elegia sôbre a sua morte diz Diogo Bernardes) *á patria tantos versos raros, um so nunca lhe deu em lingua alheia*. O seu Horacio, e Francisco de Sá de Miranda (oraculo da discrição n'aquella idade) o fizeram capacitar de que so na propria lingua (cuja harmonia unicamente nos póde ser asás conhecida) se deve poetar. Ésta verdade seguida commummente hoje dos melhores poetas em todas as nações, e sustentada pelos criticos de maior nome, achava então na authoridade de tantos illustres poetas (que dentro e fóra de Portugal practi-

Nas portuguezas glorias,
Qu'em ti a Apollo honra darão e a Marte.
A mi pequena parte
Cabe inda do alto lume
Igual ó canto o brando amor so sigo
Levado do costume.
Mas inda em algũa parte
Ah Ferreira (dirão) da lingua amigo! *

cavam o contrario com toda aquella perfeição a que se chega de similhante modo) uma consideravel opposição. Mas nem ésta o acobardou, nem inda a teve em tal conta, que sequer o obrigasse a guardar sôbre ésta materia algum recatado silencio. A razão era para com elle de maior pêso que toda a fôrça dos exemplos; os quaes so attendia, quando aquella lhes servia de fundamento.

PEDRO JOSÉ DA FONSECA, *Vida de Ferreira.*

* Disse-o depois Francisco Manuel n'este verso:

Bom Ferreira, da nossa lingua amigo!

ODE II.

Á PRIMAVERA.

Eis nos torna a nascer o anno fermoso,
Zephyro brando e doce Primavera;
Eis o campo cheiroso:
Eis cinge o verde louro ja a nova hera.
Ja do ar caído gera
O crystallino orvalho hervas e flores;
As Graças e os Amores,
Coroados de alegria,
Em doce companhia
De nymphas e pastores, ó som brando
Doces versos de amor vão revezando.
Após a branda deusa do terceiro
Ceo, que triumphando vai de Apollo e Marte;
E entre elles o frecheiro
Seu doce fogo, aonde quer, reparte:
Fogem de toda parte
Nuvens; a neve ao sol, té então dura,
Sé converte em brandura;
E d'alta e fria serra

Caíndo rega a terra,
Agua ja clara, a cujo som dormece *
Toda fera serpente, e o myrtho crece.
Renasce o mundo, e torna á fórma nova
Do seu dia primeiro : o sol mais puro
Sua luz nos renova,
E afugentando vai o hinverno escuro.
O monte calvo e duro,
O valle, d'antes triste, e turvo rio,
Ar tempestoso e frio,
Os tornam graciosos
Aquelles amorosos
Olhos de Venus, faces de Cupido,
Creando em toda parte um Chypre um Gnido.
Ja deixa o fogo o lavrador; ja o gado,
Da longa prisão sôlto, corre e salta
Roendo o verde prado;
Nem agua clara, nem verdura falta.
Eis tira da árvore alta
Ou Progne com seu ninho, ou Philomena
Tityro; e inda sem penna
Cria a tenra ave ledo,
Por esperar que cedo,
De seu fermoso dom Cloris vencida,
Não soffrerá ser d'elle em vão seguida. **
Agora nós tambem nos coroemos,

* Por *adormece*.
** Como é bella ésta pintura!

Ó claro Antonio![*] de hera e myrtho e louro,
E mil odes cantemos
Á branda Venus, mil a Apollo louro,
Que com seu raio de ouro
A escura nuve do teu peito aclara.
Ah! quanto suspirara!
Ah! como desfazendo
Em tenro pranto, e erguendo
Os olhos a ti, Phebo, Nise triste
Chamar, ó sol! ó sol! com mágoa ouviste!
Olho claro do ceo, vida do mundo,
Luz que a lua e estrellas alumias,
Ó movedor segundo
De quantas cousas ca na terra crias,
Crespo Apollo, que os dias
Trazes fermosos, e as douradas horas!
La d'ess'alto onde moras
Com tua luz clara e santa,
Que o mau Saturno spanta,
Torna a Antonio e conserva a luz primeira;
Do puro sangue a côr e a fôrça inteira.
Os mais brandos liquores, suaves çumos
Das mais saudaveis plantas busca; e colhe
Os mais cheirosos fumos
Que Arabia em si, em si Sabá recolhe:
Faze que, ondequerque olhe
O teu bom Sá, prazer e riso e canto

[*] Antonio de Sá de Menezes.

Veja : oh Phebo ! a quem tanto
Teu claro lume adora,
E ao Douro, que inda chora
Do seu passado mêdo a viva magoa,
Não negues a um san vida, a outro clara agoa.
A vida foge como ó sol a sombra : *
Quem podér viva, em quanto um' hora tarda;
Hora que spanta e assombra;
Nem escusa recebe, ou ponto aguarda.
Quem sua vida guarda
Para outro dia ? quem no leve vento
Faz firme fundamento ?
Anda o ceo, volve o ano,
Mostrando o desengano
D'ésta vida inconstante, e emfim mortal,

*Que nobre companhia me não fazem
O docto Sá, o inclyto Ferreira?
Que solidas sentenças, que virtudes,
Que gran' philosophia me apresentam?
Não essas de theoricas altivas.
Que ignotas regiões, ínvias veredas,
Sem prumo e lastro vagabundas correm;
Mas práctica, e segura e certa guia
Na carreira da vida : quando os ouço,
Que conselhos, que maximas prudentes,
Que regras sociaes d'elles aprendo?
Tam alta, tam christan philosophia
Trasluz nas suas obras, nos seus dictos,
Que outro em Lysia não acho mor, do que elles.
A. R. dos Santos.

De bens escassa, pródiga do mal.
Ó meu bom Sá! em quanto nos defende
A vida breve longas esperanças,
Tu ledo o sprito stende
Per honestos prazeres, sans lembranças;
Livre das vans mudanças
Em que anda' os mais em sorte ó vento postos,
C'os inconstantes rostos.
La sempre um, sempre inteiro,
Seguindo o verdadeiro
Caminho, que ó alto ceo te chama e guia,
Contente vive o anno, o mez, e o dia.

FERREIRA.

Antonio Ferreira, magistrado público da Relação de Lisboa, d'onde foi natural, deve ser contado pelo segundo, que, depois do Sá de Miranda, se destinguiu na poesia, e aperfeiçoou a lingua portugueza, de quem foi muito apaixonado, e com razão. Todo escriptor deve amar o seu idioma, e n'elle consignar suas ideias; especialmente quando elle tem as virtudes, que fazem tam recommendavel a nossa lingua. Ja la vai o tempo em que o escrever em Latim era o maior merecimento; no que jamais ninguem poderá conseguir a perfeição, a que chegaram os escriptores do seculo de Augusto. Ésta verdade tam conhecida dos melhores philosophos de nossa idade, ja n'aquelle tempo èra da mais evidente certeza no ânimo do sabio Ferreira; que cheio da lição dos grandes escriptos da antiguidade, quasi tudo quanto compoz foi á luz d'elles. Sem ser tam original no

particular, possuía mais talentos; e a sua imaginação era mais phantastica do que a d'aquelle poeta, a quem teve por modelo na concisão do estylo, e na estructura do hendecasyllabo, metro de que mais usou. Elle foi o primeiro, que depois de aperfeiçoar a *elegia*, a *carta Horaciana*, ja tractadas pelo Sá de Miranda, deu á poesia portugueza o *epigramma*, a *ode*, o *epithalamio*, e a *tragedia*. A grande lição que teve de Horacio, e o desejo de seguir as pizadas do poeta Miranda, cujo credito lhe tinha conciliado a maior estimação, não so em Portugal, mas em toda Hespanha, e a severidade natural de seu ingenho, lhe fizeram conceber um gôsto particular pola concisão no estylo com tal excesso, que quasi sempre sacrifica a harmonia ao pensamento. Este poeta inteiramente se consagrou á *poesia util;* e é o unico dos nossos, que não tem *ninharias canoras:* depois de Camões, elle foi o que mais enriqueceu o idioma, não so polo seu pensar sublime, mas tambem pelo que imitou dos Gregos e Latinos, em cujas linguas era doctissimo. Em todas suas obras resplandece a razão acompanhada de uma profundidade de pensar, que faz o principal distinctivo de seu character. As suas pinturas são graves, mas um tanto mesquinhas: a sua expressão, mais forte que suave, é muito animada, é cheia d'aquelle fogo, que eleva, que educa o espirito, e move o coração. Elle foi o primeiro de nossos poetas, que uniu a poesia de imagem á de sentimento, que conheceu a verdade, e a fôrça do *utile dulci* do lyrico latino; e que lançou os fundamentos da poesia tragica, *de que tam-pouco se teem aproveitado os que depois vieram.*

F. D. Gomes.